

Parti do porto de Cadiz aos dez dias do  
mês de Maio de 1497 por mandado do Rey  
para descobri novas terras além do mar Oceano.  
E porque muitas são as maravilhas que vi  
e os povos que encontrei, envio estas cartas  
para que se saiba a verdade do que vi  
nestas partes do novô mundo.

A. Vespúcio



# CARTAS DE AMÉRICO VESPÚCIO

Descobridor e escravizador  
de indígenas em um  
novo mundo



Deo Gratias

Deo Gratias  
in quibusdam diebus  
hinc inde alibi que in  
parte de u. castro de...  
que a parte de...  
per...  
nao...  
de...  
qu...  
ha...  
q...  
f...  
l...  
s...



EDIÇÕES  
HUMANITAS



Dimitrij Zen  
Ermano Rodrigues do Nascimento  
[organizadores]

# CARTAS DE AMÉRICO VESPÚCIO

Descobridor e escravizador  
de indígenas em um  
novo mundo

Maiza Segala de Luca  
[tradução]



Recife-PE  
2026

## UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO – UNICAP

**Reitor** – Prof. Dr. Carlos Fritzen S.J.

**Vice-Reitor** – Prof. Dr. Delmar Araújo Cardoso, S.J.

**Pró-reitor Administrativo** – Prad – Aragon Alberto Bergonci.

**Pró-reitor de Graduação** – Prograd – Prof. Dr. Alexandre Soares Ramos

**Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação** – Proesp – Prof. Dr. Juliano Mendonça Domingues da Silva

**Diretor do IHU e Editor Chefe das Edições Humanitas** – Prof. Dr. Lúcio Flávio Ribeiro Cirne, SJ

### Editores

Carlos Alberto Pinheiro Vieira

Danilo Vaz-Curado R M Costa

José Maria da Silva Filho

Lúcio Flávio Ribeiro Cirne SJ

## CONSELHO EDITORIAL DA EDIÇÕES HUMANITAS

### Membros Internos

Prof. Dr. Carlos Alberto Jahn, SJ.

Prof. Dr. Danilo Vaz-Curado Ribeiro de Menezes Costa

Prof. Dr. Degislano Nóbrega de Lima

Prof. Dr. Delmar Araújo Cardoso, S.J.

Prof. Dr. Drance Elias da Silva

Profa. Dra. Flávia Tavares da Costa Ramos

Profa. Dra. Isabela Barbosa R. Barros

Prof. Dr. José Afonso Chaves

Prof. Dr. José Marcos G. de Luna

Profa. Dra. Maria do Rosário Silva

Profa. Dra. Rita Maria Gomes

Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos

Profa. Dra. Valdenice José Raimundo

### Membros Externos

Prof Dr. Agemir Bavaresco – PUCRS (Brasil)

Prof. Dr. Carlos André Silva de Moura – Universidade de Pernambuco (Brasil)

Prof Dr. Daniel Leonard Everett – Bentley University (EUA)

Prof. Dr. Elton Vitoriano Ribeiro – FAJE (Brasil)

Prof. Dr. José Pinheiro Pertille – UFRGS (Brasil)

Prof. Dr. Erico Andrade Marques de Oliveira – UFPE (Brasil)

Prof. Dr. Betto Leite da Silva – UFPB (Brasil)

Profa. Dra. Maria Cecília Abdo Ferez – UBA (Argentina)

Prof. Dr. Miguel Angel Rossi – Instituto Gino Germani (Argentina)

Prof. Dr. Georg Sans – Hochschule für Philosophie (Alemanha)

**Secretário Executivo:** José Maria da Silva Filho

**Diagramador:** José Maria da Silva Filho

**Capa:** Gerada por IA e adaptada por José Maria da Silva Filho

---

V581c Vespúcio, Américo.1451-1512.  
Cartas de Américo Vespúcio [recurso eletrônico] :  
descobridor e escrivador de indígenas em um novo  
mundo / Dimitrij Zen, Ermano Rodrigues do Nascimento,  
organizadores; Maiza Segala de Luca, tradução.  
-- Recife : Edições Humanitas, 2026.  
164 p. : il.

ISBN 978-65-84348-06-6 (E-Book)

1. América - Descobertas e explorações. I. Zen,  
Dimitrij, org. II. Nascimento, Ermano Rodrigues do, org.  
III. Luca, Maiza Segala de, trad. IV. Título.

CDU 97/98

Luciana Vidal - CRB-4/1338

---

Este livro foi submetido à avaliação do Conselho Editorial de Edições Humanitas.

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro, ou de seus capítulos, para fins comerciais. A referência às ideias e trechos deste livro deverá ser necessariamente feita com atribuição de créditos aos autores e às Edições Humanitas.

Esta obra ou os seus artigos expressam o ponto de vista dos autores e não a posição oficial das Edições Humanitas da Universidade Católica de Pernambuco

# SUMÁRIO

**PREFÁCIO**

**SEMELHANÇAS POSSÍVEIS DE DISTINTOS  
OLHARES DA DOMINAÇÃO SOBRE AS  
SOCIODIVERSIDADES 5**

**INTRODUÇÃO 21**

**CAPÍTULO 1 - CARTAS PREPARATÓRIAS  
AOS FUNDAMENTOS DA RELEVÂNCIA DAS  
VIAGENS DE AMÉRICO VESPÚCIO 46**

**CAPÍTULO 2 - CARTA DEFINITÓRIA DA  
EXPERIÊNCIA DAS VIAGENS DE AMÉRICO  
VESPÚCIO 104**

**CAPÍTULO 3 - TESTAMENTO DE AMÉRICO  
VESPÚCIO 144**

**CAPÍTULO 4 - A BIBLIOTECA DE AMÉRICO  
VESPÚCIO DEDUZIDA ATRAVÉS DAS  
CARTAS 153**

**REFERÊNCIAS 155**

**DADOS DOS ORGANIZADORES 157**

**PREFACIADOR 160**

**TRADUTORA 162**



## PREFÁCIO

# SEMELHANÇAS POSSÍVEIS DE DISTINTOS OLHARES DA DOMINAÇÃO SOBRE AS SOCIODIVERSIDADES

Não têm panos de lã, nem de linho, nem ainda de algodão, porque de nenhum desses têm necessidade; nem tampouco têm bens próprios, mas todas as coisas são comuns; vivem juntos sem rei, sem império e cada um é senhor de si, tomam quantas mulheres querem e o filho copula com a mãe, e o irmão com a irmã, e o primo com a prima que encontra. Cada vez que querem, rompem os matrimônios e entre eles ninguém observa ordem. O que dizer além? Vivem segundo a Natureza, e se podem dizer epicúrios mais que estoicos. Não existem entre eles comerciantes, nem tampouco mercadejam coisas. Os povos guerreiam entre sem arte e sem ordem.

No trecho acima, o navegador Américo Vespúcio em carta possivelmente datada de 1503 endereçada a Lorenzo Pier de' Medici tratando do *Mundus Novus*, diante da sociodiversidade nativa perturbadora, relatou um misto de perplexidades, espanto e repugnância. Realizando comparações com a suposta civilização representada pelo navegador. As ideias de civilização, processo civilizatório, nada mais etnocêntrico, evolucionista e europocêntrico, equivocadamente pensada e

repetida ainda na atualidade. Civilização, *civitas*, nas origens greco-romana, construindo o bárbaro, o outro deferindo da minha superioridade sociocultural. Lêdo enganos, evidenciados historicamente.

Além do estranhamento por os nativos não terem as necessidades europeias e com os bens coletivos, desinteressados de vantagens comerciais, presumidamente Vespúcio atribuiu aos mesmos a ausência de uma organização social. Originando a ideia repetida por cronistas coloniais sobre o Brasil, como Pero de Magalhães Gândavo (1577), Gabriel Soares de Sousa (1587), Ambrósio Fernandes Brandão (1618), Fr. Vicente do Salvador (1627), o Pe. Antônio Vieira (1662) e o Pe. Simão de Vasconcelos (1663), todos afirmando a inexistência na linguagem nativa das letras F, L e R<sup>1</sup>. E assim, povos onde eram ausentes a fé, as leis e um rei. Revelando também como essas ideias cristalizadas sobre os povos nativos nas Américas circulavam entre os europeus.

A caracterização dos povos nativos como um papel em branco a ser impresso, tábula rasa, “Vivem segundo a Natureza”, sem mínimas normas sociais orientando os casamentos, em anomia, provocou anos mais tarde uma reunião na Espanha convocada pelo Rei Carlos V, a Controvérsia de Valladolid (1550–1551), discutindo sobre a humanidade dos nativos. Quando o jurista e filósofo Juan Ginés de Sepúlveda reduziu os indígenas a “bárbaros” e “escravos naturais” pelo critério da racionalidade passíveis de escravidão e até a guerra; e o Bispo Bartolomé de Las Casas reconhecendo os nativos como sendo “igualmente humanos”<sup>2</sup>. Esteve em de-

1 ALCIDES, Sérgio. F, L e R: Gândavo e o ABC da colonização. *Escritos*, ano 3, n. 3, p. 39-53, 2009.

2 GUTIÉRREZ, Jorge Luís. A liberdade natural, a guerra justa e a escravidão dos índios na conquista de América: Aristóteles, Las Casas e Sepúlveda. *Trama Interdisciplinar*, v. 9, n. 3, p. 144-169, 2018.

bate a suposta superioridade europeia e sendo fomentada as origens dos direitos humanos dos povos nativos no chamado Novo Mundo.

Foram as cartas de Américo Vespúcio, uma vez publicamente desconhecida a Carta de Pero Vaz de Caminha até 1717, que durante muito tempo informaram aos europeus sobre os nativos no Brasil. Informações resultado do mencionado por Vespúcio encontro com a frota de Pedro Álvares Cabral em Cabo Verde. Porém, sendo possível que Américo Vespúcio tenha se apropriado das descrições de Caminha na elaboração de suas cartas. Embora o florentino ressaltando a suposta selvageria dos nativos, diferentemente do missivista português. Contudo, são imagens circulando nos relatos desde a primeira viagem de Cristóvão Colombo. Ideias, imagens e discursos retroalimentando as concepções sobre os habitantes nativos nas narrativas acerca do Novo Mundo<sup>3</sup>.

Em 1501 Américo Vespúcio a serviço de Dom Manuel, o Rei de Portugal, percorreu a costa brasileira durante dez longos meses, desde o cabo São Roque nas proximidades atualmente de Natal até São Vicente no litoral de São Paulo, na atualidade vizinho a Santos. Em carta datada do mesmo ano, dirigida a Lorenzo de Médici, o navegador florentino acentuou a longevidade dos nativos no Brasil:

São pessoas que vivem muitos anos, porque de acordo com seus descendentes, conhecemos muitos homens que têm até a quarta geração de netos. Eles não sabem contar dias, anos ou meses, exceto que medem o tempo por meses lunares, e quando querem mostrar a idade de algo, mostram com pedras, colocando uma pedra para cada lua. Encontrei um dos homens mais

3 CUNHA, Manuela C. da. Imagens de índios do Brasil: o Século XVI. *Estudos Avançados*, v. 10, n. 4, p. 91-110, 1990.

velhos que me mostrou com pedras que havia vivido 1.700 luas, o que eu acho que são 130 anos, contando treze luas por ano<sup>4</sup>.

O navegador citou também a antropofagia com as guerras nativas para vingar a morte dos antepassados. Narrativa semelhante reproduzida pelo aventureiro alemão Hans Staden, no livro *História Verdídica e descrição de uma terra de selvagens, nus e cruéis comedores de seres humanos, situada no Novo Mundo da América, desconhecida antes e depois de Jesus Cristo nas terras de Hessen até os dois últimos anos, visto que Hans Staden, de Homberg, em Hessen, a conheceu por experiência própria, e que agora traz a público com essa impressão*, em país publicado como *Duas Viagens ao Brasil*, publicado em 1557 na Alemanha.

O livro alcançou enorme sucesso e foi traduzido para várias línguas, incluindo o Latim, o Francês e o Holandês. Mas, com informações bastante questionáveis e como afirmado pelo autor o relato foi corrigido com ajuda do famoso matemático alemão Johannes Dryander, mesmo não conhecendo a América. Sendo incluídas na publicação imagens do belga Théodore de Bry, conhecido gravador que nunca visitou o Novo Mundo, no entanto ilustrou várias obras com gravuras a partir de relatos verbais dos viajantes<sup>5</sup>. Embora a publicação tenha sido largamente utilizada no Brasil para fundamentar diversos e renomados estudos acadêmicos.

4 *Apud* CUNHA, 1990, p. 94. Citado originalmente em Espanhol. Tradução nossa.

5 RODIRGUES, Wallace. Refletindo sobre a relação entre as imagens de Théodore de Bry e o texto escrito na obra “Duas viagens ao Brasil” de Hans Staden. *In*: SILVESTRE, Luciana Pavowski Franco (org.). *As ciências humanas e sociais aplicadas e a competência no desenvolvimento humano*. Ponta Grossa: Atena, 2019. p. 279-287.

As concepções sobre os nativos nos escritos de Américo Vespúcio, irão influenciar bastante nos vários discursos e imagens do Século XVI. Descrições sobre os indígenas no Brasil, que após o início da colonização portuguesa também expressaram valorações morais, classificações e nomeações pré concebidas como canibais e antropófagos atribuídas aos nativos, vinculadas a suposta barbárie. Assim no final daquele século, duas imagens muitas vezes ambíguas entre si estavam consolidadas. A imagem francesa com a maioria dos viajantes exaltando os originários da terra. E imagem lusa depreciativa do colono invasor em conflitos com os nativos<sup>6</sup>.

Longe da armadilha do anacronismo, a análise das cartas de Americo Vespúcio e dos vários relatos de viagens ao chamado Novo Mundo, evidenciaram olhares do império sobre o outro colonizado. E para além de definições semânticas sobre os significados de palavras como descobrimento, conquista, encontro, índios ou indígenas, são necessárias discussões acerca das práticas socioculturais de dominação. Observando afora as construções de representações, apropriação de artefatos, animais e mesmo nativos traficados para o continente europeu, como ocorreu a circulação de objetos e ideias também apropriadas pelos nativos no mundo colonial<sup>7</sup>.

Posteriormente, cronistas coloniais evidenciaram conflitos, convivências e reelaborações socioculturais e não a aculturação, conceito revisto há pelo menos três décadas pelos estudos antropológicos. Como escreveu o historiador John Monteiro (1999, p. 248): “Importa recuperar o sujeito histórico que agia de acordo com a sua leitura do mundo ao

6 CUNHA, 1990.

7 Ver: PRATT, Mary L. *Os olhos do império*. Relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.

seu redor, leitura esta informada tanto pelos códigos culturais da sua sociedade como pela percepção e interpretação dos eventos que se desenrolavam”<sup>8</sup>. Para superação das ideias de vitimização dos nativos e (re)conhecer os protagonismos sociopolíticos mesmo diante da dominação colonial.

Sendo necessário ainda realizar uma “sociologia dos viajantes”, com perguntas fundamentais sobre a finalidade, os custos e as fontes de financiamento. Quais pessoas e instituições estiveram envolvidas e/ou patrocinaram a viagem. Quem era o/s viajante/s. Como foi organizada a viagem. Quais os papéis sociais e as hierarquias no processo. Como foi estabelecida a duração da viagem e decidido o local a que se destinava. Quais as qualificações profissionais e intelectuais daquele liderando a viagem. As recompensas recebidas após o retorno às origens. E se foi motivado a fazer outras viagens<sup>9</sup>. São questões importantes para pensar as jornadas do citado viajante florentino a América.

Questões importantes para pensar são os fundamentos para o Tratado de Tordesilhas em 1494 e as origens do mapa de Cantino elaborado 1502, com delineações bastante explícitas sobre os contornos da América do Sul. Em registros sobre o Brasil anteriores as cartas de Vespúcio, um mapa do mundo então conhecido, foi elaborado em 1500 pelo cartógrafo espanhol Juan de La Cosa, após participação na primeira (1492) e segunda (1493) viagens com Colombo e na expedição de Alonso de Ojeda e Américo Vespúcio em 1499, embora as controvérsias sobre a presença do florentino nessa

8 MONTEIRO, John Manuel. Armas e armadilhas. In: NOVAES, Adauto (org.). *A outra margem do Ocidente*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999. p. 237-249.

9 OLIVEIRA, João P. de. Elementos para uma sociologia dos viajantes. In: OLIVEIRA, J. P. de (org.). *Sociedades indígenas & Indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Marco Zero/UFRJ, 1987. p. 84-148.

expedição. Naus espanholas navegaram no litoral Norte do Brasil. As expedições espanholas de Vicente Yáñez Pinzón e a de Diego de Lepe em janeiro e fevereiro de 1500, desembarcaram no litoral do Ceará. Os relatos das relações amistosas de trocas com os nativos evidenciaram contatos anteriores<sup>10</sup>.

Existem relatos datados de 1503-1504 da expedição francesa no Sul do Brasil com o navio L'Espoir. E *A Relação Autêntica* de Binot Paulmier de Gonneville descrevendo a viagem realizada foi registrada em um tribunal de Ruão (França) em 1505. O autor do relato atraído pelas notícias das riquezas no Novo Mundo, organizou a viagem em Lisboa com o apoio de dois navegadores portugueses, Bastiam Moura e Diogo Coutinho. No retorno a França foi levado Essomericq, um o nativo de língua Tupi, casando-se com urna parenta de Gonneville e descendentes comprovados. No relato sobre a viagem, existem várias descrições sobre os indígenas, aparentemente acentuando aspectos positivos:

[...] durante a sua estada na dita cerra conversavam amigavelmente com os moradores dela, depois que estes se familiarizaram com os cristãos, sendo angariados por meio de comidas e pequenas dádivas, que se lhes fazia; são os ditos índios gente simples, procuram apenas passar vida alegre sem grande trabalho, vivendo de caça e pesca, e do produto espontâneo da terra, e de alguns legumes e raízes que plantam; andam seminus, especialmente os moços e plebeus; trazem mantos, já de esteiras finas, já de peles, já de penas[...].

E as mulheres trazem colares e braceletes de ossos e conchas [...]. Enquanto os homens trazem compridos cabelos flutuantes com urna volta de altas plumas de cores vivas e bem ataviadas.

<sup>10</sup> BORGES, Jóina Freitas. *Os senhores das dunas e os adventícios d'além-mar*: primeiros contatos, tentativas de colonização e autonomia Tremembé na Costa Leste-Oeste (séculos XVI e XVII). 2010. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

Foi ressaltada além das habitações indígenas, a organização social, a forma de governo e resolução de conflitos

E estão as habitações dos índios em aldeias de 30, 40, 50 ou 80 cabanas, feitas a maneira de praças de mercado com estacas fincadas e juntas urnas as outras, e ligadas por ervas e folhas, com que os ditos habitantes também se cobrem. [...]. Dizem ter notado ser a dita terra dividida em pequenos distritos, cada um dos quais tem um rei; e embora os ditos reis não tenham melhor moradia nem melhor vestuário do que os vassalos, todavia, são muito venerados por estes; nenhum é tão atrevido que ouse recusar-lhes obediência, tendo eles o poder de vida e de morte sobre os seus súditos: e alguns tripulantes do navio viram um exemplo digno de memória, a saber, de um rapaz de 18 a 20 anos, que em ocasião de disputa dera na própria mãe urna bofetada; do que sabendo o soberano, embora a mãe ofendida se não queixasse, mandou buscar o ofensor, e o mandou lançar no rio com urna pedra ao pescoço, chamados por aviso público todos os mancebos da sua aldeia e das aldeias vizinhas, e ninguém pode obter remissão, nem a própria mãe, que de joelhos veio implorar o perdão do filho

Ou ainda descrições depreciativas, ao encontrar nativos em outras localidades:

Dizem, que aí acharam índios boçais, nus, homens e mulheres, como saíram do ventre materno, descuidados de cobrir as partes pudendas; pintando o corpo especialmente de preto; tendo beiços furados, e os buracos guarnecidos de pedras verdes bem polidas e adaptadas; retalhados em vários lugares da pele por gilvazes, a funde parecer mais formosos rapazes, imberbes, semitonsurados. No demais cruéis comedores de carne humana, grandes caçadores, pescadores e nadadores; dormem suspensos em leitos fei-

tos como redes, armam-se com grandes arcos, e maças de madeira, e não tem rei nem senhor; ao menos nada observaram a tal respeito<sup>11</sup>.

Em maio de 1500, data da Carta de Pero Vaz de Caminha, informaram também sobre o Brasil a *Carta do Mestre Johan* e ainda a *Relação do Piloto Anónimo*, em julho de 1501. Possivelmente de origens galega, o Mestre Johan Faras era físico e cirurgião do Rei Dom Manuel I, escrevendo ao monarca urna carta de Porto Seguro, enviada a Lisboa no navio em que Cabral noticiava sobre as novas terras. A correspondência em castelhano com informações astronómicas, indicava a posição geográfica e registrando pela primeira vez a constelação do Cruzeiro do Sul. E a chamada *Relação do Piloto Anónimo* foi escrita em italiano depois do retorno da expedição de Cabral a Lisboa. O texto foi atribuído a Giovanni Matteo Cretico, representante de Veneza em Lisboa. Com autor bastante informado sobre a viagem ao Brasil, possivelmente baseado em documentos lusos ou em descrições de participantes na viagem de Pedro Álvares Cabral.

O nosso Capitão-mor mandou deitar fora um batel, para ver que povos eram aqueles, e os que nele foram acharam urna gente parda, bem disposta, com cabelos compridos; andavam todos nus sem vergonha alguma, e cada um deles trazia aquele seu arco com flechas, como quem estava ali para defender aquele rio: não havia ninguém na armada que entendesse a sua linguagem. [...]. [...] como dissemos, não se entendiam por falas, nem mesmo por acenos, e assim tendo-os retido urna noite consigo, os pôs em terra no dia

<sup>11</sup> GONNEVILLE, Binot Paulmier de. *Relação Autêntica (1503-1504)*. In: RIBEIRO, Darcy; MOREIRA NETO, Carlos de Araújo (orgs.). *A fundação do Brasil: testemunhos, 1500-1700*. Petrópolis: Vozes, 1992. p. 79-81.

seguinte, com urna camisa, um vestido, e um barrete vermelho, com o que ficaram muito contentes, e maravilhados das cousas que lhes haviam sido mostradas.

Com informações sobre homes e mulheres nativas, a construção e organização das moradias. Sendo registrada a ausência de metais, a diversidade de pássaros com penas coloridas usadas para adornos. Além da citada abundante cobertura vegetal, várias espécies alimentares cultivadas, não sendo observados animais de grande porte,

Estivemos neste lugar cinco ou seis dias: os homens como já dissemos, são baços, e andam nus sem vergonha, tem os seus cabelos grandes, e a barba pelada; as pálpebras e sobrelhas são pintadas de branco, negro, azul, ou vermelho; trazem o beijo debaixo furado, e metem-lhe um osso grande como um prego; outros trazem urna pedra azul ou verde, e assobiam pelos ditos buracos: as mulheres andam igualmente nuas, são bem feitas de corpo, e trazem os cabelos compridos. As suas casas são de madeira, cobertas de folhas e ramos de árvores, com muitas colunas de pau pelo meio, e entre elas e as paredes pregam redes de algodão, nas quais pode estar um homem e de cada urna destas redes fazem um fogo, de modo que numa só casa pode haver quarenta ou cinquenta jeitos armados a modo de teares. Nesta terra não vimos ferro nem outro algum metal; tem muitas aves de diversas castas, especialmente papagaios de muitas cores, e entre eles alguns do tamanho de galinhas, e outros pássaros muito belos, das penas dos quais fazem os chapéus e barretes de que usam. A terra é muito abundante de árvores, e de águas, milho, inhame e algodão; e não vimos animal algum quadrúpede; o terreno é grande, porém não pudemos saber se era Ilha ou terra firme<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> CRETICO, Giovanni Matteo. *Relação do Piloto Anónimo*. In: RIBEIRO, Darcy; MOREIRA NETO, 1992. p. 93-94.

As descrições de Giovanni Matteo apresentaram observações detalhadas importantes sobre os nativos, ressaltando a exuberância da Natureza, a fauna, a flora, sem maiores julgamentos de valores.

Todavia, a ênfase na Carta de Pero Vaz de Caminha como a certidão do Brasil sendo compreensível porque esteve vinculada a construção da nacionalidade, a uma História do Brasil elaborada no Século XIX. Para Brasil pós-Independência, um país soberano entre as nações, a necessidade de pensar e escrever uma narrativa histórica. Tarefa realizada por intelectuais na época reunidos no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), fundado em 1838 no Rio de Janeiro, a sede da Corte, com o Imperador Pedro I como sócio primordial. A escrita da História do Brasil na perspectiva do Estado, com a ideia de civilização, progresso, a construção de mitos para o imaginário da nacionalidade brasileira<sup>13</sup>.

Foram relidas cartas, relatos missionários, narrativas de viajantes, documentos administrativos e de autoridades coloniais. Romanceadas tramas sobre as supostas origens do Brasil, a exemplo do escritor José de Alencar nos livros *O Guarani*, *Iracema* e *Ubirajara*, a trilogia dos romances de fundação. Idealizando um nativo belo, forte e guerreiro, mas diante da exaltada colonização portuguesa submisso, fiel e deslumbrado pelo colonizador. Uma narrativa enaltecendo a mestiçagem, de forma mais explícita no romance *Iracema*, a nativa abandonada e grávida do português Martim. Morrendo depois de parir Moacir, “o primeiro brasileiro” nascido do sofrimento. Assim, para nascer o Brasil sendo necessária a morte dos nativos<sup>14</sup>.

<sup>13</sup> GUIMARÃES, Manoel Luís Lima Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos Históricas*, v. 1, n. 1, p. 6-27, 1988.

<sup>14</sup> SILVA, Edson. O indígena na construção da nacionalidade no Brasil

Assim como foi pensado e descrito o nascimento do Brasil, sendo possível analisar os relatos sobre as origens da América, a partir das narrativas de Vespúcio. Na perspectiva evolucionista com a classificação dos nativos como selvagens, ingênuos, exóticos. Embora reconhecido o lugar anterior dos nativos, após a colonização supostamente desaparecem. Para o Brasil “Tudo concorre para criar a certeza sobre a condição efêmera daquele encontro e a pequena importância dos indígenas na conformação do mundo colonial que irá se instaurar na chamada América Portuguesa” (Oliveira, 2016, p. 47)<sup>15</sup>. Uma narrativa retomada e reafirmada na escrita da História do Brasil no Século XIX e nos anos seguintes, com a escola como principal espaço para reprodução do racismo contra os nativos<sup>16</sup>.

Determinada perspectiva histórica afirma ser o passado uma invenção do presente, ou seja, o presente criando o passado a partir de perguntas na atualidade. E também que não existem verdades consolidadas, mas discursos hegemônicos permeados de interesses. E ainda criticando a nomeada abordagem neopositivista pelo fetiche do documento escrito<sup>17</sup>. Contudo, desconsiderando o relativismo concebendo a

---

pós Independência. In: SILVA, Augusto César Acioly Paz; CARVALHO, Simone Salvador de (orgs.). *Cadernos de pesquisas em História, Cultura Política, Educação e Diferença*. Palmeira dos Índios: GPFIAL, v. 2, p. 9-37, 2023.

- 15 OLIVEIRA, João Pacheco de. *O nascimento do Brasil e outros ensaios: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2016. p. 45-74.
- 16 BITTENCOURT, Circe M. F. História das populações indígenas na escola: memórias e esquecimentos. In: PEREIRA, Amílcar Araujo; MONTEIRO, Ana Maria (orgs.). *Ensino de histórias afro-brasileiras e indígenas*. Rio de Janeiro: Pallas, 2013. p. 101-132.
- 17 WHITE, Hayden. *Meta-História: a imaginação histórica no século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1973; MALERBA, Jurandir. *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006;

narrativa histórica apenas como uma construção ficcional, para pensarmos os escritos de Américo Vespúcio e perguntarmos por que o testamento dele esteve desconhecido por 480 anos e em uma biblioteca espanhola.

E ao observarmos a trajetória do navegador florentino, fugirmos da “ilusão biográfica”, pensando como o único formulador e condutor do percurso de vida apresentado, “selecionando, em função de urna intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões para lhes dar coerência, como as que implica a sua instituição como causas ou, com mais frequência, como fins” (Bourdieu, 2006, p. 184-185)<sup>18</sup>. Embora uma trajetória de vida ocorra previamente construída os estados sucessivos dos espaços, onde se desenrolou com outros atores e espaços possíveis nas relações vivenciadas por Vespúcio.

A necessidade de realizar um exercício de discussões para além das abordagens episódicas, pitorescas e até folclóricas jornalísticas de buenos e laurentinos. Refletindo a partir de estudos especializados e realizados com rigores metodológicos, baseados em discussões teóricas pertinentes. Dessa forma, buscando conhecer o “sitz im leben”, ou o contexto vital, como afirmado por Herman Gunkel. Compreendendo os textos de Américo Vespúcio e contemporâneos, no contexto e no formato em que foram produzidos. Buscando se aproximar do exaltado ambiente renascentista italiano com reconhecidos intelectuais, pintores, inventores como

---

GINZBURG, Carlos. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007

<sup>18</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.

Leonardo da Vinci, Michelangelo e Rafael, além de pensadores como Maquiavel. Época com muitos debates e mudanças socioculturais, impactado com as notícias sobre o chamado Novo Mundo.

Período quando era discutido a importância do conhecimento produzido libertado das amarras religiosas, com o antropocentrismo ressaltando o potencial humano e ocorrendo a classificação de selvageria para os nativos no chamado Novo Mundo. As origens da chamada Época Moderna e as bases da exploração capitalista. Onde o florentino Vespúcio como navegador, traficante e comerciante de nativos escravizados, conviveu com mercadores, financistas, mecenas de grandes fortunas acrescidas das riquezas apropriadas por diversas formas, de origens bastante questionáveis do além-mar. A Europa enriquecendo com a pilhagem, saques, degradação ambiental, o tráfico e escravidão dos povos nativos elaborando diversas formas de protagonismos no mundo colonizado.

Sendo necessária a exegese dos escritos de Vespúcio, também a hermenêutica dos textos, com perguntas sobre as possíveis interpretações, os significados, para as discussões na atualidade. Acerca das (des)continuidades nas imagens, ideias, discursos e práticas sociais em relação aos povos indígenas na América no Brasil. Portanto, analisando os citados escritos, enquanto estudioso sobre os nativos em nosso país, “o maior desafio que o historiador dos índios enfrenta não é a simples tarefa de preencher um vazio na historiografia, mas, antes, a necessidade de desconstruir as imagens e os pressupostos que se tornaram lugar-comum nas representações do passado brasileiro” (Monteiro, 1999, p. 239)<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> MONTEIRO, *op. cit.*

Nessa perspectiva, a filmografia sobre os povos nativos, as navegações e as relações iniciais na colonização, apresenta dois exemplos ilustrativos. A primeira situação no conhecido filme 1492: a conquista do paraíso, divulgado em 1992 para celebrar os 500 anos da chegada de Cristóvão Colombo às Américas. Analisando criticamente a película, observamos uma visão sobre Colombo, ora como um visionário corajoso, ora como um administrador fracassado, traído pelos pares ou as intempereis da Natureza avassaladora. Essa ambiguidade buscando amenizar a atuação do navegador enquanto ambicioso colonizador/invasor, diante da violência sexual contra mulheres nativas e enviando nativos à Espanha para venda como escravizados.

Na outra situação, o premiado filme A missão exibido para o público a partir de 1996, tratando dos nativos e as missões Jesuítas, no contexto das disputas territoriais e nativos escravizados entre Espanha e Portugal. Na trama, sendo bastante expressivo um diálogo ente a liderança indígena e o enviado da Coroa Portuguesa, persuadindo nativos e missionários sobre a transferência dos aldeamentos para os domínios supostamente lusos, pois estavam instalados em terras apropriadas pela Espanha. O nativo questionou a transferência, uma vez que os missionários em nome de Deus convenceram deixarem a floresta pelas missões: “Deus mudou de ideia?!”. Com o enviado luso argumentando a mudança por ordem do Rei de Portugal. E respondendo o líder nativo: “Eu também sou rei!”. A afirmação da alteridade no mundo colonial.

A importância maior da publicação desse livro é provocar essas reflexões e os debates acerca dessas temáticas, qualificando as discussões sobre os lugares, papéis e protagonismos dos povos nativos nos processos históricos no Brasil e na América. Com discussões contribuindo para as mobili-

zações indígenas por conquistas, reconhecimento e garantia de direitos, sobretudo os territoriais negados desde o início da colonização europeia. Fugindo da “armadilha da identidade”<sup>20</sup>, com as diversas afirmações identitárias na construção de projetos comuns, (re)conhecendo as sociodiversidades indígenas como diferentes modos de ser e estar no mundo, com a pluralidade sociocultural, o plurilinguismo e a pluralidade étnica.

Em terras do Rio Goitá (Glória do Goitá),  
Zona da Mata pernambucana.

4 de outubro de 2025

Edson Silva

Professor Titular de História da UFPE

---

<sup>20</sup>HAIDER, Assad. *Armadilha da identidade: e classe nos dias de hoje*. São Paulo: Veneta, 2019.



## INTRODUÇÃO

Grande parte da historiografia brasileira das origens lutou por quase dois séculos para descobrir, entre outras coisas, quem tinha sido o primeiro europeu a desembarcar em solo brasileiro, ou melhor, quem desembarcou em um lugar que viria a ser chamado de território brasileiro.

Os três participantes desta competição foram: o português Pedro Álvares Cabral, o espanhol Vicente Yáñez Pinzón e o italiano Américo Vespúcio.

Para resolver esse dilema historiográfico foram fornecidas várias respostas plausíveis, uma das melhores reporta-se a Pinzón, considerando que foi o primeiro a desembarcar fisicamente no Brasil, porém foi Cabral quem culturalmente e legalmente o descobriu. O direito natural de Américo Vespúcio, no entanto, sofreu durante anos o isolamento das respectivas historiografias hispânico-luso-brasileiras, que, embora discordando em quase tudo, concordam em definir as cartas escritas por Américo Vespúcio como textos cheios de imprecisões e mentiras.

Nos últimos vinte anos, no entanto, a história entendida, tanto epistemologicamente quanto como ferramenta para a formação social e ética de um cidadão, mudou de objetivo, definindo-se não mais como parcial e complicada tentativa de explicação dos acontecimentos humanos do pas-

sado, contextualizados no período em que ocorreram, mas sim como a história das más façanhas dos europeus brancos, estupradores heterossexuais, invasores cristãos e colonialistas que unicamente dominaram, reprimiram e escravizaram os outros povos que, automaticamente, receberam as definições de tolerantes e não, etnocêntricos, além de ecologistas e sociais-democratas ante litteram.

Infelizmente, até mesmo para a historiografia das origens, tanto do Brasil em especial, como também da América do Sul em geral, esta limitada e limitante leitura ideológica contribuiu para envenenar o poço dos estudos históricos, se não o poço de estudos tout court.

Notemos, por exemplo, que os termos comumente desprezíveis, como o imperialismo e colonialismo, são utilizados unicamente para descrever histórias como a de Hernán Cortés e da Espanha na América do Sul, entretanto não são utilizados para tentar definir a relação de domínio entre o império Asteca e os povos dominados por ele (através de altos impostos, escravidão, sacrifícios humanos e canibalismo etc.).

Os organizadores deste texto quiseram reunir, pela primeira vez, uma série de documentos históricos tendo o objetivo de proporcionar as bases documentais úteis, não só para tentar esclarecer os acontecimentos em torno da aventura que foi a descoberta do Brasil, como também mostrar a participação italiana nessa história.

Esta narrativa histórica não quer impor uma leitura preta, branca ou cor de rosa da História em geral e dos eventos históricos aqui tratados, mas deseja, almeja somente, tentar entender, compreender e explicar um acontecimento histórico através da adoção de diferentes pontos de vista.

É com esta concepção mais próxima da realidade, que as Cartas de Américo Vespúcio e outros documentos apresentados aqui, oferecem, tanto uma análise de natureza histórico/documental abrangente dos acontecimentos analisados através da utilização de elementos irrefutáveis, entre os quais, a carta na qual Vespúcio descreve o encontro com Cabral em Cabo Verde, não obstante tendo em vista o viés de uma reflexão psicológica em relação ao próprio Vespúcio referenciado em outros documentos.

Depois das cartas, acrescentamos o testamento de Américo Vespúcio, escrito em 1508, quatro anos antes da sua morte em Sevilha, texto inédito de suma relevância, por ser um documento desconhecido para os historiadores do passado, uma vez que esteve enterrado por 480 anos em uma biblioteca espanhola e foi descoberto em 1987 pela pesquisa. Nós organizadores desta obra não queremos fugir das questões “escabrosas” presentes na biografia vespuciana, uma, dentre todas, a relação entre Américo e a escravidão dos índios.

Quer-se enfatizar aqui três episódios, presentes nas cartas, que são paradigmáticos da relação entre “descobridores” e “descobertos”, relação essa que é um tanto quanto complexa no que diz respeito à simples e simplista dicotomia “opressores” e “oprimidos”.

No primeiro episódio, Vespúcio diz ter destruído uma aldeia e matado cerca de 150 habitantes. No segundo, 250 índios foram capturados e vendidos como escravos no mercado de Sevilha (cidade espanhola e a capital da Região da Andaluzia). No terceiro caso, foram capturados 450 índios e, só por causa de um mau planejamento, isto é, falta de comida, de espaço etc., na viagem de volta, morreram cerca de 200 destes. Em todo caso, como se pode observar, consul-

tando cuidadosamente essas passagens específicas das cartas, percebemos a importância, quase sempre, dos guias que ajudavam a atacar uma aldeia, pois eram índios vindos de aldeia indígena inimiga.

A estúpida dicotomia “índio bom vs índio mau”, foi enterrada pela história e espera-se que o mesmo fim aconteça à também dicotomia “opressor vs oprimido”. Acontecimentos como estes devem ser abordados, em primeiro lugar, baseando-se, unicamente, em provas documentais e, em segundo lugar, contextualizando estes fatos com a “weltanschauung” da época em que ocorreram. Imaginemos que, sendo Américo um homem de negócios, no terceiro episódio acima mencionado, chegou a dizer que, após a divisão entre 55 pessoas, do dinheiro recebido com a venda dos índios, ele havia ganho muito pouco.

A relevância das cartas de Américo Vespúcio para a história do Brasil é certificada, principalmente, pelo fato de que um dos primeiros estudos a interessar-se pelas mesmas, data da metade do século XIX e é obra de Francisco Adolfo Varnhagen, Visconde de Porto Seguro.

Numerosas traduções e edições posteriores, apesar de embebidas de um nacionalismo, até compreensível, que destacava a maior importância para a história do descobrimento do Brasil da carta de Pero Vaz de Caminha, consideravam, no entanto, os dados fornecidos por Vespúcio como informações adicionais úteis, mesmo que apresentadas de forma confusa e com exageros frequentes.

A história, infelizmente, embora não seja uma disciplina científica objetivamente quantificável como a química inorgânica, continua sendo uma disciplina científico-acadê-

mica que não possui nem cidadania nem ideologia, sendo assim, analisando comparativamente os dois textos sobre o descobrimento do Brasil, ou seja, a carta de Pero Vaz de Caminha e a carta sobre o Mundo Novo de Américo Vespúcio, podemos afirmar, tranquilamente, que o documento produzido por Vespúcio é definitivamente mais abrangente e mais útil para uma reconstrução histórica dos eventos relacionados ao descobrimento e a uma maior compreensão da realidade sócio-cultural da época. Provavelmente, as dificuldades de interpretação em relação à compreensão de sua obra pela historiografia brasileira consistem na difícil hermenêutica de uma prosa imaginativa e auto-referencial, combinada com exageros e um uso excessivo de marketing pessoal, típico de um texto produzido no Renascimento italiano.

Vale para todos, como exemplo paradigmático, o curriculum vitae que Leonardo da Vinci enviou ao Duque de Milão.

Esse estilo era totalmente diferente, no que diz respeito tanto à personalidade quanto ao modelo semi-institucional de escrita, ao de Pero Vaz de Caminha, produto cultural típico de uma nação dirigida por uma monarquia absoluta e governada pelo poder da Inquisição.

Iniciando o estudo das duas obras observa-se, inicialmente, como a viagem de Américo Vespúcio, especificamente no período passado na costa brasileira, não obstante, tenha durado mais que o dobro em relação à de Pero Vaz de Caminha, permitindo, assim, reunir um maior número de informações.

Em segundo lugar, podemos ver que, apesar de ter uma boa capacidade de descrição das características físicas dos índios, a maioria das observações de Pero Vaz de Caminha, apresenta enormes erros de julgamento.

Primeiramente, o Brasil não era uma ilha, como ele pensava, enquanto que, na opinião deste organizador, as viagens anteriores de Vespúcio, ao Caribe e Venezuela, lugares desconhecidos por Pero Vaz de Caminha, criaram informações de tal forma que quando foram reunidas as observações às experiências vividas na costa brasileira, fizeram surgir em Américo a ideia de um novo mundo.

Curioso o fato de que, de acordo com Capistrano de Abreu, por outro lado, o ponto principal para a elaboração da ideia do mundo novo foi o encontro entre Cabral e Vespúcio em Cabo Verde.

Outros historiadores, como Moacyr Soares Pereira e Eduardo Bueno, defendem especialmente a ideia de que a teoria do mundo novo tenha surgido com Vespúcio, principalmente, graças às informações recebidas do degredado Afonso Ribeiro.

Por sua vez, Afonso Ribeiro foi um garçom que tinha matado um homem em Portugal e, por isso, foi condenado a ser deixado em terras estrangeiras. Por acaso ele foi deixado no Brasil, porém outros dois portugueses foram deixados na mesma expedição de Cabral em dois lugares diferentes da África.

Difícilmente, este homem sem nenhum conhecimento náutico ou geográfico poderia fornecer informações para Vespúcio sobre um novo mundo. No entanto, Vespúcio, entre outras coisas, fez várias viagens oceânicas e, em 1508, foi nomeado Piloto Maior na Espanha, mesmo sendo estrangeiro.

O Nordeste do Brasil não era perfeito para uma agricultura de tipo mediterrânea, como enfatizou Pero Vaz de Caminha, enquanto que Vespúcio, mais pragmático, plane-

java a extração e a venda de Pau Brasil. Depois ele começou, também, a sequestrar e vender os índios. De qualquer forma, ambos procuravam ouro.

Por último, os índios não eram realmente tão pacíficos e amigáveis como pensava Pero Vaz de Caminha, tanto em relação aos europeus quanto às diferentes tribos locais.

Provavelmente, a experiência adquirida por Américo nos encontros anteriores com índios do Caribe e da Venezuela lhe permitiu entender com mais precisão a verdadeira natureza dos habitantes nativos do Brasil.

Não é por acaso que a palavra canibal deriva de uma alteração da palavra Caribe ou Caribenhos, em suma, os habitantes nativos de Hispaniola (Santo Domingo / Haiti ) que Colombo tinha já começado a combater e vender como escravos.

É evidente que a narração de Vespúcio não é um relatório cientificamente irrefutável, mas possui essa característica distintiva, que lhe permitiu construir o seu próprio texto com mais dados, ou seja, a ajuda do exilado Afonso Ribeiro.

O objetivo de deixar exiladas no Brasil e na África, pessoas com condenações criminais na Pátria, foi precisamente para criar os futuros mediadores linguístico- culturais, que poderiam servir tanto como intérpretes quanto como conhecedores dos costumes culturais e comerciais dos povos nativos.

Agora é, no mínimo, difícil de entender completamente as ideologias político-religiosas e o modo de vida de um povo, considerando que nem sempre você pode se comunicar, porém é possível se comunicar de forma elementar com a realidade de qualquer povo.

Pero Vaz de Caminha, na verdade, não conseguia entender uma única palavra dos índios, em todo caso, a sua honestidade intelectual como homem e a sua grandeza como escritor é certificada por algumas considerações feitas durante uma tentativa de diálogo com alguns índios que embarcaram no navio, assim, “Acenava para a terra, para o colar do Capitão, como querendo dizer que dariam ouro por aquilo, nós traduzimos assim porque esse era o nosso maior desejo”.

Evidentemente, mesmo sendo Pero Vaz de Caminha um homem irônico, a sua natureza anti-semita, típica de um católico português que viveu entre 1400 e 1500, o fez repetir quatro vezes, em vários pontos da sua carta, que os índios não eram circuncidados, pois, não eram judeus.

Vespúcio, no entanto, conseguia se comunicar com os índios, devido à capacidade de tradução, mesmo que limitada, de Afonso Ribeiro, que tinha vivido, e sobrevivido, a cerca de 15 meses num processo de aculturação, não a de tipo canibalístico-gastronômica, com a tribo que encontrou a frota de Cabral pela primeira vez.

Agora, este simples conjunto de considerações mostra objetivamente como a narrativa de Vespúcio deveria ser considerada mais consistente e verdadeira do que como foi julgada no passado.

Por uma série de motivos, a carta de Pero Vaz de Caminha ficou enterrada em um arquivo por 270 anos, enquanto as que Américo Vespúcio enviou para Pierfrancesco de Médici, foram traduzidas para os principais idiomas europeus e publicadas em milhares de cópias, fazendo com que o autor ganhasse fama imortal.

Para desgosto de Vespúcio o ganho econômico, no entanto, foi quase nada, visto que naquele tempo o conceito

de direitos autorais era quase inexistente e as cópias apócrifas, os plágios e até mesmo as modificações dos textos eram muito comuns.

Um texto particularmente interessante para o leitor brasileiro, é a carta na qual Américo Vespúcio descreve o encontro com a frota de Cabral em Cabo Verde, com os poucos navios restantes da volta da viagem à Índia. Viagem que, na ida, permitiu que Cabral descobrisse o Brasil.

Nos barcos restantes, infelizmente, não estava Pero Vaz de Caminha, falecido durante a viagem, mas Vespúcio pôde falar com Gaspar da Gama, um poliglota que vai contar a Américo as características das primeiras relações comerciais de Portugal na Índia.

Em seguida, há uma carta *Mundus Novus* – O Novo Mundo, que descreve eventos que ocorreram no Brasil, onde há uma notável descrição dos índios, ou seja, dos povos nativos dos territórios que hoje pertencem ao Brasil, que provavelmente não tem o rigor etnográfico das cartas de Pero Vaz de Caminha (excluindo os pequenos detalhes, não citados pelo mesmo, isto é, o estado de guerra perpétua e o canibalismo).

Em todo caso, quer-se salientar aqui como o interesse principal de Américo Vespúcio sempre foi o financeiro e, pelas suas descrições, nota-se claramente o seu objetivo de compreender a estrutura político-econômica dos índios.

Uma característica não muito tratada na historiografia brasileira sobre Vespúcio, é a que se refere aos numerosos livros mencionados em suas cartas, que permitem uma compreensão do nível intelectual de Américo.

Já na carta de 28 de Julho de 1500, na qual há uma descrição das palafitas dos índios da Venezuela, cujo nome Venezuela será originado pela semelhança com as casas sobre a água em Veneza. Há duas citações relacionadas aos Elementos de Euclides e à Cosmografia de Ptolomeu.

Nas outras cartas onde estão descritas as viagens à América do Sul, Américo além de citar os Carmina de Catullo e a Historia Naturalis de Plínio, o Velho, utiliza dois textos para certificar a seriedade de suas observações astronômicas, especificamente o coelestium motuum tabulae de Afonso X, impresso em Veneza em 1483 e as tabulae coelestium motuum de Blanchinus, também impressas em Veneza em 1495.

Estes dois últimos textos são difíceis de interpretar, dada a complexidade matemática, geométrica e astronômica presentes nos mesmos, mas demonstram incontestavelmente que as acusações ridículas de estudiosos céticos que vão desde Duarte Laerte até Todorov, que definem as cartas de Américo Vespúcio como “literatura de fantasia”, são totalmente sem fundamento.

Vale salientar, que neste livro foi inserida na parte final, uma seção dedicada à biblioteca de Américo Vespúcio, inferida a partir das cartas que se espera resultem em algo interessante não só para bibliófilos como para qualquer leitor desse texto.

Além disso, para entender a psicologia de Vespúcio, precisa entender o que era a cidade de Florença e a cultura dela, naquele período histórico.

Florença era uma cidade de 40.000 habitantes, cuja atividade manufatureira tinha criado uma república que controlava as finanças da Europa e onde, caminhando pelas próprias ruas, era possível encontrar sábios como Marsilio Ficci-

no, Pico della Mirandola e Toscanelli, figuras religiosas, como Savonarola, artistas como Botticelli e Verrocchio, cujo discípulo era Leonardo da Vinci, além de Ghirlandaio que tinha Michelangelo como discípulo, intelectuais como Maquiavel e o jovem Guicciardini, poetas como Poliziano e, principalmente, uma figura política inatingível como a de Lorenzo de Medici, o Magnífico.

Em Florença, também se encontra o único retrato de Américo Vespúcio, pintado por Ghirlandaio no afresco da Igreja de Ognisanti. Um outro projeto da cabeça de Américo nunca foi encontrado, e a única evidência da existência desta obra está no texto *As Vidas* de Vasari. Evidentemente, o retrato de Vespúcio, presente no famoso mapa em que é relatada pela primeira vez a palavra América, isto é, o *universalis cosmographiaa secundum ptlomaei traditionem et Americi vespucii aliorumque lustrationem* de Martin Waldseemüller é falso, ou melhor, é culturalmente reconstruído, dado que o geógrafo alemão nunca havia encontrado Américo.

O jovem Américo viveu a primeira parte da sua vida neste universo, e as cartas de Vespúcio refletem, portanto, cultural e estilisticamente este mundo, embora descrevessem um mundo novo.

O último documento inédito apresentado neste livro é o testamento de Américo Vespúcio.

Como mencionado no início da introdução, o testamento de Vespúcio foi reencontrado somente em 1987 e era, portanto, desconhecido para a historiografia dos séculos XIX e XX.

O texto foi escrito em castelhano, é um documento de fundamental importância para tentar compreender a psicologia de Américo. Como por exemplo, as citações referentes

às enormes doações de dinheiro concedidas a várias igrejas e também as invocações religiosas contínuas presentes em várias partes do documento, que podem ter se originado em função da idade avançada de Vespúcio, mas também pelo fato de que ele viveu em um país dominado pela Inquisição Católica. No testamento são citadas, também, muitas dívidas que ele tinha com livreiros e outros comerciantes, mas, um dos pontos mais interessantes é aquele em que Américo decide alforriar as quatro escravas, das Canárias, que tinham servido fielmente a ele e a sua esposa. No caso de uma escrava da Guiné, no entanto, ele escreve que sua esposa poderá decidir se quer mantê-la ou vendê-la.

Estes dados biográficos também são interessantes porque podem ser úteis para uma melhor compreensão da relação entre Vespúcio e o fenômeno da escravidão no Renascimento.

### **1.1 O trabalho de Vespúcio em Sevilha: banqueiro, contador ou comerciante de escravos?**

Na historiografia relativa às atividades profissionais realizadas por Américo durante a sua vida é quase sempre relatada a palavra banqueiro (como, por exemplo, em Eduardo Bueno).

Este termo deveria ser, necessariamente, contextualizado ao período histórico em que vivia Vespúcio, época em que um banco realizava funções muito diferenciadas daquelas que um instituto de crédito contemporâneo desenvolve atualmente.

Hoje, as atividades profissionais desenvolvidas por Américo poderiam ser melhor definidas como um meio termo entre o trabalho de Contador e o de um funcionário res-

ponsável pelo setor de importação e exportação, enquanto que as áreas relativas a empréstimos eram de exclusiva responsabilidade da família De Médici antes, e, da família Bernardi, depois.

Algumas cartas, da correspondência indireta, enviadas por Pierfrancesco de Medici, são especialmente úteis para definir, com enorme precisão, quais foram as funções profissionais, não muito elevadas, que Vespúcio desempenhava para os seus empregadores e /ou sócios majoritários.

Pode-se observar como as cartas do feitor de Pierfrancesco de Medici, e, posteriormente, as cartas do próprio Pierfrancesco, no biênio 1489/1491, continham simples listas de pedidos relativos a produtos, como, barris de vinho tinto e gêneros alimentícios que, dificilmente, poderiam ser encontrados no campo semântico da palavra “banqueiro”.

Com isso, não se quer, de forma alguma, diminuir as habilidades financeiras de Vespucio, mas especificá-las com maior precisão usando provas documentais.

Além de tudo, a função de responsável pela gestão contábil das residências rurais de Pierfrancesco de Medici, cargo ocupado por Américo até 1491, era uma tarefa que se baseava, não somente em uma inquestionável competência administrativa, mas também e acima de tudo em uma enorme confiança que a família Medici depositava em Vespúcio.

Não é por acaso, que a transferência de Américo de Florença para Sevilha, em 1492, tivesse, entre outras razões, aquela de poder fiscalizar o novo banqueiro e sócio-colaborador, escolhido pelos Medici, para supervisionar seus investimentos na Espanha.

Nos cinco anos anteriores, o responsável pelos negócios dos Medici em Sevilha foi um florentino chamado Tommaso Capponi, mas, infelizmente, alguns prejuízos financeiros e algumas supostas irregularidades contábeis deterioraram a relação de confiança que os Medici tinham com Capponi.

A escolha do novo sócio-colaborador recaiu sobre Giannotto Berardi.

Numa carta da correspondência indireta de 1493, dirigida a Americo e enviada por Pierfrancesco, especifica-se, claramente, que Américo teria tido que informar-se sobre Berardi e dar sua opinião a respeito da capacidade profissional e honestidade desse novo sócio da família Medici.

A família Berardi, de origem florentina, estava presente havia alguns anos em Lisboa, mas, já a partir de 1486 tinha transferido para Sevilha uma parte de seus negócios.

Em Lisboa Giannotto Berardi conheceu Cristóvão Colombo, quando o mesmo tentava convencer a Corte portuguesa a financiar sua viagem para as Índias.

Mesmo após a transferência de Lisboa para Sevilha, Berardi continuou a ajudar Colombo, apresentando-lhe uma série de pessoas importantes que poderiam ajudá-lo a financiar a viagem, financiamento ao qual ele mesmo participou com uma quota reduzida.

Esta transferência de Lisboa para Sevilha não sofreu oposição por parte da coroa espanhola, embora, anteriormente, como relatado nos documentos do Conselho Real da Espanha, de 15 de Setembro 1485, um barco que pertencia a Berardi tinha sido envolvido em um episódio de contrabando,

além de uma quebra de acordo de compra e venda de escravos, que passaram de um navio de bandeira portuguesa para um navio espanhol, sem, claramente, pagar o quinto real.

Em todo caso, os negócios de Giannotto Berardi variavam, de setores relacionados com as atividades bancárias, como empréstimos e financiamentos, à compra e venda de produtos, entre os quais, madeira para construção naval, tecidos, alimentos, e escravos.

No caso do comércio de escravos, no entanto, é possível reconhecer algumas características distintas.

Em primeiro lugar, os escravos que comercializava não eram só africanos, mas também habitantes nativos das Ilhas Canárias.

Em segundo lugar, Giannotto Berardi, foi o primeiro operador econômico particular a possuir os seis escravos índios trazidos das Bahamas, e que Colombo levou como prova do sucesso de sua primeira viagem inaugural em 1492. Este fato, no entanto, confirma que Berardi foi um dos financiadores da aventura colombiana.

Os escravos foram certamente administrados por Américo Vespúcio, que era um colaborador nos negócios de Berardi.

Esse dado mostra que Amerigo foi, desde o início, um protagonista do novo mercado de escravos índios, ou melhor, dos habitantes autoctonos-nativos dos territórios recém-descobertos.

Três anos depois, como relata o Arquivo Geral das Índias, Contratación, livro segundo dos gastos de 21 de Outubro de 1495, Vespucio recebeu, como sub-agente de Berardi, alguns índios por um valor de 38.700 maravedis.

Os índios, portanto, entraram imediatamente, mesmo que apenas como uma mercadoria, no circuito escravista, mercantil pré-colonial, europeu, africano, e árabe-muçulmano, enquanto o dos astecas, na América Central, era auto-referencial, e Américo Vespúcio, sendo um típico comerciante Europeu, participou deste tipo de comércio que era considerado normal para a época.

A escravidão, sem recorrer às antigas civilizações como Egito, Grécia e Roma, em 1500 depois de Cristo, estava presente na Europa cristã, onde havia escravos africanos e das Ilhas Canárias, estava presente no mundo árabe-muçulmano, onde havia escravos africanos, europeus (eslavos), e escravos vindos do Cáucaso. Estava presente no mundo Africano, onde havia escravos africanos de diferentes grupos étnicos e estava presente no mundo ameríndio americano com os astecas, onde havia escravos nativos das regiões circundantes.

A diferença entre o número e o tipo de escravos nas diferentes civilizações, é basicamente derivada, tanto pela proteção jurídica, por exemplo, cristãos, muçulmanos e astecas proibiam a venda de pessoas pertencentes à sua religião ou etnia, quanto pelo poder tecnológico-militar que cada civilização possuía.

Neste caso, além de criar um comércio de escravos africanos na Europa, os espanhóis e os portugueses intervieram no lucrativo comércio de escravos inter-Africano, ganhando dinheiro graças à sua tecnologia marítima superior, e permitindo a venda de escravos de potentados africanos que eram vendidos a outros potentados africanos.

E, provavelmente, estes comerciantes e homens de negócios africanos ou árabes, após a venda dos escravos, utilizavam as mesmas palavras que Américo Vespúcio usou depois de ter vendido 200 escravos índios em Sevilha:

“E depois de dividir o dinheiro entre todos os participantes do negócio, o que resultou para cada um foi muito pouco”

Carta de 28 de julho de 1500 para Pierfrancesco de Medici.

### ***1.2 Italia primum inter pares, ad partes indiae per mare oceanum***

As “Américas”, tanto de Colombo como de Cabral, Pinzón, Vesputio, foram descobertas por navegadores que tinham como objetivo alcançar as Índias, terras produtoras das preciosíssimas especiarias.

A abertura da rota marítima de especiarias indianas, na verdade, representa para a historiografia ocidental o ponto de partida da expansão Europeia no mundo e dos fenômenos subsequentes, tais como o colonialismo e o imperialismo.

No caso de Colombo o projeto era tão lógico e simples, que parecia absurdo e impossível, como todos os projetos revolucionários, e consistia em cruzar o oceano e passar antes pelo Cipango (Japão) e Catai (China).

O projeto Cabral, no entanto, foi muito mais pragmático, baseava-se na circunavegação da África para depois passar pela Arabia Felix.

A visão revolucionária de Colombo foi originada pela leitura das obras de Toscanelli, intelectual que viveu em Flo-

rença durante a juventude de Vespcio, cuja obra relativa às dimensões da Terra, propunha um tamanho subestimado por causa de erros nos cálculos.

No caso de Cabral, no entanto, a possibilidade de chegar na Índia contornando a África, foi considerado mais racional e pragmático pelos Portugueses que, antes dos resultados obtidos com as viagens de Vasco da Gama, Bartolomeu Dias e Cabral, se ocuparam com este desafio cerca de 80 anos.

Uma característica interessante desta epopeia relativa às navegações africanas consiste no fato de que, na historiografia luso-brasileira, se enfatiza, exclusivamente, os esforços projetados e realizados pelos portugueses no século XV, apresentando-os como os primeiros do tipo.

Não há dúvida de que as tentativas corajosas dos portugueses devem ser consideradas fundamentais nesta aventura.

Mais duvidosa, se não errada, é a crença de que a busca da Rota das Especiarias, obtida através do contorno da África, tenha começado na aurora do século XV em Portugal.

Na realidade, o projeto de alcançar *ad partes indiae per mare oceanum*, começou na Itália na Idade Média, mais especificamente em 1291, e teve como principais atores a República de Gênova e os desconhecidos irmãos Vivaldi.

O ano de 1291 foi um ano fundamental para entender o porquê de dois cidadãos de Gênova planejarem e colocarem em prática uma expedição em que a coragem beirava a loucura, visto que nesse mesmo ano houve na Terra Santa a queda de San Giovanni d'Acre, por obra dos muçulmanos última fortaleza cristã pela qual podiam receber as especiarias produzidas na Índia.

A perda dessa rota comercial reduzia drasticamente os ganhos que a República de Gênova obtinha do comércio de especiarias, além de potencializar indiretamente a importância estratégica da República de Veneza, que, de 1291 a 1453 (data da queda de Constantinopla pelas mãos dos muçulmanos), tornar-se-ia o único interlocutor europeu para a comercialização de produtos orientais muito preciosos, tais como especiarias, porcelana e seda.

Nesta situação geopolítica específica, os irmãos Ugolino e Agostino Vivaldi organizaram, no final do século XIII, a primeira expedição marítima para a Índia contornando a África.

Vale observar, também, como nesta aventura, que antecipa em 120 anos as narrações Portuguesas, o barco em questão não era a caravela, e sim, a galé, equipado com velas e remos (Sim! A palavra escrita é remos [...]), e com casco baixo fino com um fundo plano.

Com dois barcos deste tipo, mais adequados para o Mediterrâneo do que para navegação oceânica, embora realizados próximo a costa, os irmãos Vivaldi e trezentos marinheiros, partiram de Gênova, passaram o estreito de Gibraltar e começaram a viagem descendo ao longo da costa Africana.

Visto que a navegação podia acontecer exclusivamente ao longo da costa, é provável que com a tecnologia limitada da época, a expedição possa ter chegado a um ponto desconhecido entre as ilhas Canárias e a foz do rio Senegal.

Em todo caso, ninguém voltou para contar os detalhes desta viagem.

Esta primeira tentativa ousada produziu contos lendários em que os irmãos Vivaldi, depois de ter circunavegado a África, teriam chegado na Etiópia e lá teriam

conhecido o lendário padre Gianni, famoso rei cristão da África. Além das lendas, esta viagem, embora fracassada, expandiu a já enorme fama da República Marítima de Gênova, tanto nos negócios quanto nas ciências da navegação.

Há, por exemplo, um dado esclarecedor que enfatiza a indiscutível liderança da República de Gênova em navegação, isto é, o fato de que em 1317 o Almirante Comandante supremo da frota portuguesa fosse um genovês chamado Emanuele Pessagno.

Com exemplos como este, é possível determinar como a gênese e a evolução dos conhecimentos marítimos portugueses, entendidos no sentido, tanto construtivo como de gestão, tenham tido origem também na relação com as experiências anteriores da República Marítima de Gênova.

O fracasso da primeira tentativa de circunavegar África, agravada pela perda da vida de 300 marinheiros, impediu por cerca de vinte anos viagens semelhantes, mas, em 1315, uma expedição patrocinada pelo filho de Ugolino Vivaldi, Sorleone, e capitaniada por Lanzarotto Malocello, partiu de Gênova, com o objetivo de encontrar informações sobre a viagem malfadada dos irmãos Vivaldi de 1291, além de adquirir informações úteis para tentar novamente o projeto da circunavegação da África, tendo como finalidade a oportunidade de comprar especiarias diretamente na Índia, multiplicando assim, exponencialmente, o ganho com a venda destes produtos nos mercados europeus.

Durante esta segunda viagem a notícia mais importante foi a descoberta das Ilhas Canárias, um arquipélago desconhecido, ou talvez seja melhor dizer, esquecido.

A existência das ilhas Canárias já era, na verdade, conhecida no tempo dos romanos, provavelmente transmiti-

da através das histórias das colônias romanas do norte da África e foi Plínio, o Velho, que confirmou a existência das mesmas em sua obra *Naturalis Historia*, especificando, inclusive, a etimologia do nome que derivaria dos inúmeros cães selvagens presentes nas ilhas (canis – cão). Esquecidas durante cerca de 800 anos, estas ilhas possuíam uma população desconhecida que não era catalogável na antropologia da época, fundada entre os mouros (muçulmanos), os africanos e os europeus, e o futuro destas ilhas, com base em uma guerra com a Espanha e a subsequente destruição e escravização da população nativa é particularmente útil para a compreensão da gênese do fenômeno escravidão moderna ligada ao sistema mercantil, antes mesmo da fase colonial.

Não existem documentos conhecidos relacionados a outras viagens depois daquela capitaneada por Lanzarotto Malocello, cujo nome, aliás, foi escolhido para batizar uma das Ilhas Canárias, “Lanzarotte” precisamente.

Muitos anos mais tarde, as ilhas Canárias foram visitadas por dois genoveses, Angiolino de Corbizzi e Nicoloso di Recco, só que desta vez estavam sob as ordens de Alfonso IV, Rei de Portugal.

Como memória desta expedição, existe um texto de Nicoloso da Recco, cuja tradução em latim foi feita por Boccaccio, autor do imortal *Decameron*.

Neste relatório que chamou de CANÁRIA, há uma descrição da vida, usos e costumes do povo Guanche, que depois foi chamado de Canário, e é uma descrição particularmente surpreendente porque antecipa as dificuldades de classificação que terão Américo Vespúcio, além de outros viajantes, no que diz respeito aos habitantes nativos da América

Como um exemplo paradigmático pode-se notar que no texto traduzido por Boccaccio, 150 anos antes da compilação das cartas de Américo Vespúcio, é o mesmo dado etnográfico relativo ao fato de que os habitantes das Ilhas Canárias, (bem como, no futuro, os índios americanos), andavam nus e não tinham vergonha deste modo de vida.

Terminado o sonho da República Marítima de Gênova, *ad partes indiae per mare oceanum*, deve-se, no entanto, enfatizar que a presença dos genoveses na frota Portuguesa continuará a ser sempre claramente visível, de modo que, mesmo depois de um século dos fatos ocorridos acima, o comandante de um navio Português que deveria relatar as características dos rios Senegal e Gâmbia, foi um genovês chamado Antonio da Noli, que, ainda por cima, descobriu mais um arquipélago desconhecido a cerca de 500 km da costa Africana, ao qual foi dado o nome de Cabo verde, e do qual Antonio da Noli foi governador por alguns anos.

No século XV, no entanto, as várias repúblicas italianas haviam perdido a coragem de realizar viagens inter-oceânicas perigosas e se tinham especializado nas novas atividades econômico-financeiras que, no final, iriam produzir a mesma riqueza das viagens, mas com menos risco de vida.

As Repúblicas de Gênova, Florença, Veneza, possuíam uma característica que as destacava no panorama do Renascimento Europeu. Esta característica não era associada à força militar, mas sim à força econômico-financeira.

Na Europa, no Renascimento, as obrigações eram escritas em Genovês, os banqueiros internacionais falavam o toscano, as seguradoras, o veneziano, e a moeda mais segura era o florim emitido pela casa da moeda de Florença.

Era a época em que os italianos ensinavam ao mundo, até então conhecido, como evitar ser arruinado por um naufrágio.

A Itália, naquele período, inventa todos os instrumentos que, até hoje, as finanças internacionais utilizam, como por exemplo, o cheque, a promissória, a letra de câmbio, o seguro etc.

Para não mencionar o jogo duplo, codificado por Luca Pacioli, um matemático amigo de Leonardo da Vinci, dignos representantes da cultura matemática italiana, que tinha como ponto de partida o criador Fibonacci, que, no início de 1200, fez com que a Europa conhecesse o zero e os algarismos arábicos.

E é graças a este *know-how* dos italianos, que Sevilha e Lisboa estavam cheias de mercadores, banqueiros, consultores e espões italianos como a família Berardi e o nosso Américo Vespúcio.

Outras informações que podemos extrair das cartas vão nos ajudar, também, a certificar as competências marítimas de Américo, neste caso, através das observações astronômicas que ele realizou, habilidades questionadas por alguns historiadores mencionados antes, e também, finalmente, para responder à indagação colocada no início desta introdução sobre quem descobriu o Brasil.

E é exatamente a astronomia que nos ajuda a ter certeza da seriedade de Vespúcio como navegador, na sua terceira viagem que terminou na Patagônia, ele observou duas estrelas brilhantes, hoje chamadas de *Alfa* e *Beta* centauros, que eram conhecidas pelos antigos gregos, porém, mais tarde tornaram-se invisíveis para as latitudes Mediterrâneas, devido à precessão dos equinócios, sendo assim, não sendo, portanto, conhecidas no Renascimento.

Ainda usando a astronomia para certificar a seriedade das habilidades marítimas vespucianas, pode-se observar como, na segunda viagem, Américo identifica quatro estrelas com a forma de uma amêndoa que indicavam a direção sul, e que serão chamadas de Cruzeiro do Sul.

Estas observações astronômicas precisas, presentes pela primeira vez em cartas vespucianas, juntamente com o fato de Vespúcio possuir textos sobre astronomia particularmente complexos e de alto custo, comprovam sem sombra de dúvida, a sua competência técnica, removendo as alegações relativas às mentiras contadas por Américo nas suas cartas. Os exageros, como gênero literário, no entanto, pertencem à fantasiosa cultura do Renascimento italiano em que ele nasceu.

Finalmente, no que diz respeito ao descobrimento do Brasil, ou melhor, sobre quem colocou primeiro os pés no solo de um território que viria a ser definido como pertencente à República brasileira, na segunda viagem comandada por Alonso de Hojeda, existe a prova da presença de Vespúcio antes de Pinzón e Cabral, presença física que, em todo caso, não significa descoberta sociológica ou jurídica do Brasil, que, logicamente, pertence a Cabral.

A expedição, na verdade, toca o solo correspondente à atual Guiana e, sucessivamente, Américo continuará a navegação em direção ao sul até encontrar a foz do rio Amazonas.

As provas da chegada de Vespúcio às duas bocas do rio consistem nas citações presentes nas suas cartas. No primeiro caso, temos a descoberta da presença de água doce, mesmo a certa distância da costa, note-se que a água doce do rio Amazonas pode ser identificada até a 80 km da costa e, no segundo caso, pela descrição do tamanho indiscutível das desembocaduras do rio: a do norte, onde hoje é a atual cidade de Macapá

e a do sul onde, atualmente, se encontra a cidade Belém.

Especificamente, Vespúcio usava o termo légua para descrever as dimensões, uma unidade de medida que varia, dependendo do país, mas que para Américo correspondia a cerca de uma milha. Américo Vespúcio foi, portanto, o primeiro europeu a identificar o estuário do rio Amazonas poucos meses antes de Pinzón e Cabral.

Em todo caso, agora as historiografias europeias poderão unir-se para defender os seus resultados, levando em consideração o fato de que estudiosos chineses, representantes que se arrogam a representação do novo poder “amarelo” em todo o mundo, afirmam que o primeiro a desembarcar na América do Sul foi o almirante Zheng He em 1414.



## CAPÍTULO 1

# CARTAS PREPARATÓRIAS AOS FUNDAMENTOS DA RELEVÂNCIA DAS VIAGENS DE AMÉRICO VESPÚCIO

As cartas, sejam preparatórias, sejam oficiais, podemos afirmar com convicção da relevância que as mesmas trazem consigo, considerando o valor historiográfico da época. Portanto, são como uma relíquia histórica em que o leitor poderá se sentir mais apropriado da realidade da época. O objetivo é tornar o leitor um exímio curioso do conhecimento histórico em todas as suas circunstâncias, devido às expectativas que a própria história traz em suas descrições, relatos, fatos etc., que encantam e atraem a todos que a leem.

Nas cartas aqui apresentadas, com certeza, despertarão mais curiosidade para ler as demais cartas seguintes que Américo Vespúcio escreveu para transmitir algo que pudesse impactar a todos que as lessem. Não obstante, conseguiu. Sendo assim, temos agora o privilégio de ter acesso à leitura e conhecimento de um pouco mais da nossa história, desta feita, com mais propriedade e segurança vinda do próprio autor que in loco, soube narrar os momentos de sua passagem por essas terras de um novo mundo como assim

denominou. Temos algumas narrativas inéditas que tornam a leitura e o conhecimento mais enriquecido. Então, seguem as cartas preparatórias, em seguida a carta definitiva com destaque todo especial às viagens feitas pelo navegador.

### 1.1 Carta de 28 de julho de 1500

Américo Vespucci, de Sevilha, a Lorenzo di Pier Francesco de Medici, em Florença

Magnífico Senhor, meu Senhor. Faz muito tempo que não escrevo a Vossa Magnificência, e não há outro motivo senão o de não me ter ocorrido nada digno de nota. E, a presente, serve para lhe dar novas como a que há cerca de um mês cheguei das regiões de Índia por via do Oceano, com a graça de Deus a salvo, a esta cidade de Sevilha; e porque creio que Vossa Magnificência terá prazer em ouvir todo o ocorrido na viagem e as coisas mais maravilhosas que se ofereceram a mim. E se sou um tanto prolixo, leia-a quando estiver mais desocupado, ou como fruta, depois da refeição.

V. Mag.<sup>a</sup> saberá como, por comissão da Alteza destes Reis da Espanha, parti com duas caravelas a 18 de maio de 1.499 para ir a descobrir ao Ocidente e, este, por via do Mar Oceano; e tomei meu caminho ao longo da costa da África, tanto que naveguei até as Ilhas Afortunadas, que hoje se chamam Canárias. E, depois de ter-me provido de todo o necessário, feitas as nossas orações e súplicas, içamos a vela a partir de uma ilha que se chama Gomera, apontamos a proa para Sudoeste e navegamos vinte e quatro dias com vento fresco, sem ver terra nenhuma, e ao cabo de vinte e quatro dias vimos terra e achamos termos navegado cerca de 1300 léguas desde a Cidade de Cádiz no rumo Sudoeste.

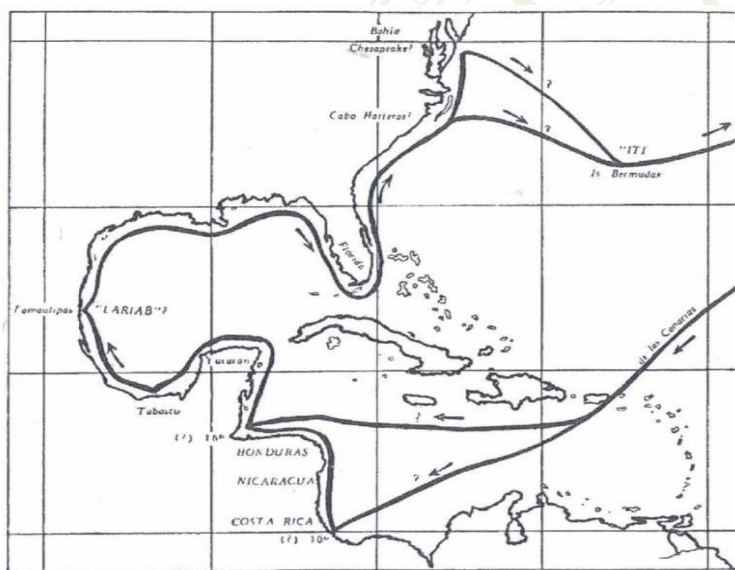
E vista a terra, demos graças a Deus e tiramos as barcas, e com quinze homens, fomos a terra e descobrimo-la tão cheia de árvores, tão maravilhosa, não somente a grandeza delas, mas o seu verdor, que jamais perdem as folhas, e o odor suave que delas saía, todas aromáticas, confortava tanto o olfato que nos divertimos com isto.

E indo com as barcas ao longo da costa para ver se encontrávamos um modo de saltar para ela, pois era terra baixa, trabalhamos durante todo o dia até a noite sem encontrar um caminho, nem condição de adentrá-la; e não somente isso, mas a espessura das árvores também nos impedia de maneira que acordamos retornar às naves e ir tentar a terra noutra parte. E vimos uma coisa maravilhosa neste mar que foi, antes de chegarmos a terra, a 15 léguas, encontramos água doce como de rio e bebemos dela, e enchemos todos os tonéis vazios que tínhamos. Tornados às naves, levantamos as âncoras, içamos as velas e apontamos a proa pelo meio-dia, pois minha intenção era de ver se podia dobrar um cabo que Ptolomeu denomina o Cabo de Cattegara, que está junto do Grande Golfo, pois em minha opinião não estávamos muito distantes dele, segundo os graus de latitude e longitude, como abaixo se verá.

Navegando pelo meio-dia ao longo da costa, vimos crescerem dois enormes rios, um vinha do poente e corria para o levante e tinha quatro léguas de largura, que são 16 milhas e, o outro, corria do meio-dia em direção ao setentrião (Norte) e era largo três léguas. E creio que esses dois rios deixavam o mar doce por causa da sua grandeza.

E visto que a costa era sempre de terra baixa, resolvemos adentrar a um desses rios para procurar um lugar para saltar ou uma população humana. Aprontamos nossas barcas com mantimentos para quatro dias e, com vinte homens bem

armados, metemo-nos pelo rio e pela força dos remos navegamos por ele quinze léguas ao cabo de dois dias, tentando a terra em muitas partes, constantemente encontrando-a baixa e tão espessa de árvores que apenas um pássaro poderia voar para dentro dela. E assim navegando pelo rio, vimos sinais certíssimos de que a terra era habitada no interior; e dado que as caravelas haviam permanecido num lugar perigoso quando o vento soprasse de través, conviemos ao fim de dois dias tornarmo-nos às caravelas, e pusemo-nos à obra.



Itinerário da primeira viagem de Vesúcio (1.497-1.498), capitaneada por Juan Diaz de Solís.

O que vi aqui foi uma enorme quantidade de pássaros de diversas formas e cores e tantos papagaios de tantos tipos, que era maravilhoso: alguns corados como carmim, outros verdes e coloridos e cor de limão, e outros todos verdes, e outros negros e encarnados e o canto dos pássaros que

estavam nas árvores era tão suave e de tanta melodia, que nos aconteceu muitas vezes de ficarmos parados pela doçura deles. As árvores são de tanta beleza e suavidade que pensávamos estar no Paraíso terrestre. E nenhuma dessas árvores nem as suas frutas tinham conformidade com as nossas. Pelo rio, vimos muita gente pescar e de várias formas. E chegados às navas nos retiramos içando as velas e mantendo a proa continuamente apontada para o meio-dia, e navegando nessa direção. Estando ao largo do mar, ao cabo de quarenta léguas encontramos uma corrente de mar que corria do siroco para o noroeste, que era tão grande e corria com tanta fúria, que nos causou muito medo, e corremos um enorme perigo por causa dela. A corrente era tal que aquelas do Estreito de Gibraltar e do Farol de Messina são um lago, em comparação com essa; de modo que, quando ela nos pegava pela proa, não ganhávamos caminho algum, ainda que tivéssemos vento fresco. De modo que, visto o pouco avanço que fazíamos e o perigo em que estávamos, resolvemos volver a proa para o noroeste e navegar para o setentrão.

E porque, se bem me recordo, Vossa Magnificência entende um tanto de cosmografia, entendo de lhe descrever o quanto fomos com a nossa navegação por meio da longitude e da latitude. Digo que navegamos tanto para o meio-dia, que entramos na tórrida zona e dentro do Trópico de Câncer. E há V. Mag.<sup>a</sup> de ter por certo que em poucos dias navegando pela tórrida zona, vimos quatro sombras do Sol. E quando o Sol nos estava para o zênite meio-dia, digo, estando o sol no nosso meridiano não tínhamos sombra nenhuma; e tudo isso me ocorre muitas vezes mostrá-lo a toda a companhia e tomá-la por testemunho em razão de gente grosseira que não sabe como a esfera do Sol vai pelo seu círculo do zodíaco; que uma vez eu via a sombra no meridiano e outra no setentrão,

e outra no setentrião, e outra no ocidente, e outra no oriente, e uma vez, uma hora ou duas do dia não tínhamos sombra alguma.

E tanto navegamos pela tórrida zona para o austro (Sul), que aí vimos estarmos abaixo da linha equinocial e ter um polo e outro no fim do nosso horizonte; e passamo-la de seis graus, perdendo por inteiro a estrela tramontana (estrela polar); aí apenas se mostravam as estrelas Ursa Menor ou para melhor dizer, as guardiãs, que giram em torno do Firmamento.

Eu, como desejoso de ser o autor que assinalasse a estrela do firmamento do outro polo, perdi muitas vezes o sono da noite contemplando o movimento das estrelas do outro polo para assinalar quantas delas tivessem menor movimento, e que estivessem mais próximas do firmamento, e não pude, mesmo com tantas más noites que tive, e tantos instrumentos que usei, que foram o quadrante e o astrolábio e outras coisas para assinalar estrelas, assinalar estrela que tivesse menos de dez graus de movimento ao redor do firmamento; de modo que não fiquei seguro de nomear nenhuma, sendo a do polo do meridiano por causa do grande círculo que faziam em torno do firmamento.

E enquanto ia nisto, lembrei-me de um dito de nosso Poeta Dante, no qual faz menção no primeiro capítulo do Purgatório, quando finge elevar-se deste hemisfério e encontrar-se no outro, que querendo descrever o polo Antártico diz assim:

Io mi volsi a man destra, e posi mente All'altro polo, e vidi  
quattro stelle  
Non viste mai, fuor che alla prima gente; Goder pareva il  
Ciel di lior fiamelle,  
O settentrional vedovo sito Poiché privato sei di mirar quelle.

Na minha opinião, o Poeta queria nestes versos descrever-nos através das quatro estrelas o polo do outro firmamento; e não duvido até aqui que aquilo que ele diz não seja verdade; porque eu tomei nota de quatro estrelas em forma de amêndoa que tinham pouco movimento; e se Deus me der vida e saúde, espero prontamente tornar àquele hemisfério, e não tornar sem tomar nota do polo. Em conclusão, digo que a nossa navegação foi tanto para o meridiano, que nos estendemos 41 graus e meio pelo caminho da latitude da Cidade de Cádiz, porque sobre a Cidade de Cádiz, alça-se o polo 35 graus e meio, nós nos encontramos passados da linha equinocial 6 graus. Baste isto quanto à latitude. Há (V. Mag.<sup>a</sup>) de notar que esta navegação foi nos meses de julho, agosto e setembro, quando o Sol reina mais seguido neste nosso hemisfério e faz o arco maior de dia e menor o da noite. Enquanto estávamos na linha equinocial, ou próximos dela a 4 ou 6 graus, o que foi nos meses de julho e de agosto, a diferença do dia em relação à noite não se sentia, e o dia e a noite eram quase iguais, sendo muito pequena a diferença.

Quanto à longitude, digo que encontrei muita dificuldade, tive enorme trabalho em reconhecer certamente o caminho que havia feito na via longitudinal e, tanto trabalhei, que ao fim não encontrei nada melhor que olhar e ver à noite a oposição de um planeta com o outro, e se mover a Lua com os outros planetas, porque o planeta da Lua é o mais ligeiro de curso que qualquer outro. E comparava-o com o Almanaque de Giovanni da Montereaggio, que foi composto no meridiano da Cidade de Ferrara, acordando-o com os cálculos das Tábuas do Rei Dom Afonso. E depois de muitas noites que fiz experiências, uma noite no meio de outras, estando a vinte e três de agosto de 1.499, que foi na conjugação da Lua com Marte, a qual segundo o Almanaque deveria ser à

meia-noite ou meia-hora antes encontrei que, quando a Lua subiu ao nosso horizonte, que foi uma hora e meia depois de deposto o Sol, tinha passado o planeta para o oriente; digo que a Lua estava mais oriental que Marte cerca de um grau e algum minuto mais, e à meia-noite estava mais ao oriente 5 graus e meio, um pouco mais ou menos, de modo que feita a proporção, se 24 horas valem 360 graus, que me valerão cinco horas e meia, encontro que me valerão 82 graus e meio. E isso eu me achava em longitude do meridiano da Cidade de Cádiz. Dando a cada grau 16 léguas e  $\frac{2}{3}$ , me achava mais a ocidente que a Cidade de Cádiz 1.366 léguas e meia, que são 5.466 milhas e dois terços. A razão porque dou 16 léguas e dois terços para cada grau, porque segundo Ptolomeu e Alfagrano a terra volve 24.000, que valem 6.000 léguas, que dividindo-as por 360 graus cabe a cada grau 16 léguas e dois terços, e essa razão verifiquei-a muitas vezes com os apontamentos dos pilotos e julguei-a verdadeira e boa.

Parece-me, Magnífico Lorenzo, que a opinião da maior parte dos filósofos que afirmam que na zona tórrida não se pode habitar por causa do grande calor, seja reprovada nesta minha viagem; e eu vi ser o contrário: o ar é mais fresco e temperado naquela região e nela habita muito mais gente do que fora dela, pela razão que abaixo se dirá, que certamente mais vale a prática que a teoria.

Até aqui declarei quanto naveguei para o meio-dia e para o ocidente, agora me falta falar de como era a terra que encontramos, da natureza dos habitantes e do seu trato, dos animais que vimos e de muitas outras coisas que se me ofereceram dignas de nota. Digo que depois que dirigimos a nossa navegação para o setentrião, a primeira terra que encontramos habitada foi uma Ilha, que distava da linha equinocial 10 graus. E quando a ela chegamos vimos que uma grande

multidão na orla do mar estava nos olhando maravilhada e surgimos a cerca de uma milha junto da praia e armamos as barcas com 22 homens bem armados e fomos a terra. E quando nos viram saltar a terra e perceberam que éramos gente diferente da sua natureza, porque não têm barba nenhuma nem vestem roupa alguma, sejam os homens ou as mulheres, que como saíram do ventre de suas mães assim vão e não cobrem vergonha alguma, e assim, pela diversidade da cor, eles são de cor como parda ou leonada e nós brancos; de modo que, sentindo medo de nós todos se meteram no bosque e com grande esforço, por meio de sinais, os tranquilizamos e praticamos com eles; descobrimos que eram de uma descendência que se dizem Canibais e quase a maior parte desta descendência ou toda ela vive de carne humana. E isto, o tenha por certo Vossa Magnificência: não se comem entre eles, mas navegam em certas embarcações, chamadas canoas, e vão buscar presas nas Ilhas ou terras de domínio de descendências inimigas ou outras que não o são; Não comem mulher alguma, salvo as que têm como escravas.

E disso tivemos certeza em muitos lugares onde encontramos essa gente, sim, pois nos sucede muitas vezes de ver os ossos e cabeças de alguns que tinham comido, e eles não o negam; tanto mais nos confirmaram os seus inimigos, que têm continuamente medo deles. São um povo gentil e de bela estatura, andam totalmente nus. As suas armas são arcos e flechas que carregam e são gente esforçada e de grande ânimo. São ótimos arqueiros. Eem conclusão, nos relacionamos com eles e estes nos levaram ao seu povoado, que ficava no interior, cerca de duas léguas e nos disseram para fazer uma refeição; e tudo o que lhes pedíamos nos davam, creio que mais por medo do que por amor; e depois de termos passado com eles todo o dia, voltamos às embarcações, ficando deles amigos.

Navegamos ao longo da costa dessa Ilha e vimos na orla do mar outro grande povoado. Fomos com o batel a terra e descobrimos que nos estavam aguardando todos carregados de mantimentos e nos deram de comer muito bem, segundo o que comem E verificando-se serem tão bons e terem nos tratado tão bem, não abusamos nada deles e partimos.

Içamos as velas e fomos nos meter num golfo que se chamou Golfo de Paria e surgimos em frente a um grande rio, que torna doce a água desse golfo; vimos um grande povoado que ficava junto ao mar, onde havia tanta gente que era uma maravilha e todos estavam sem armas. E em som de paz fomos com as barcas a terra e nos receberam com grande amor, nos levaram às suas casas onde tinham tudo muito bem aparelhado para as refeições. Lá nos deram de beber três tipos de vinho, não de uva, mas feitos de frutas, como a cerveja, e eram muito bons. Aí comemos muitos myrobolanos frescos, que é uma fruta muito substanciosa e nos deram muitas outras, todas diferentes das nossas e de sabor muito bom, todas de sabor e odor aromático. Deram-nos algumas pérolas pequenas e onze grandes e, com sinais, nos disseram que se quiséssemos esperar alguns dias, iriam pescá-las e nos trariam muitas delas; Não cuidamos de tê-las. Deram-nos muitos papagaios de várias cores e, com boa amizade, nos separamos deles. Soubemos deles como aqueles da Ilha citada acima eram Canibais e comiam carne humana. Subimos esse golfo e fomos ao longo da terra vendo sempre muita gente e quando tínhamos disposição, tratávamos com eles e nos davam o que tinham e tudo o que lhes pedíamos. Todos andam nus como vieram, sem ter vergonha alguma e se tivesse de falar de quanta pouca vergonha têm, seria desonesto e melhor é calar.

Depois de termos navegado cerca de 400 léguas continuamente pela costa, concluímos ser essa terra firme, que a digo, é confins da Ásia pela região do oriente, e o princípio pela região do ocidente; porque muitas vezes nos acontece de ver diversos animais como leões, cervos, cabras, porcos selvagens, coelhos e outros animais terrestres, que não se encontram em Ilhas, ficando em terra firme.

E andando um dia terra adentro com vinte homens, vimos uma cobra ou serpente, que tinha oito braços de comprimento e grossa como minha cintura. Tivemos muito medo dela e por isso tornamos ao mar. Muitas vezes me acontece de ver animais ferocíssimos e grandes serpentes; e navegando pela costa, cada dia descobríamos uma infinidade de gente, e várias línguas, tanto que quando tínhamos navegado 400 léguas pela costa, começamos a encontrar gente que não queria a nossa amizade, mas estavam nos esperando com suas armas, que são arcos e flechas e outras armas que têm: e quando íamos a terra com as barcas, nos impediam de saltar para ela; de modo que éramos forçados a combatê-los; e no fim da batalha, livravam-se mal de nós, pois, como estão sempre nus, fazíamos enorme matança, nos sucedendo muitas vezes 16 de nós combatermos 2000 deles e ao fim desbaratá-los e matar muitos deles, roubando-lhes as casas.

E um dia entre outros vimos muita gente armada para nos impedir que fôssemos a terra. Armamo-nos muito bem 26 homens e cobrimos as barcas por causa das setas que nos atiravam, pois cada vez que saltávamos a terra feriam alguns de nós. E depois que nos tinham guardado a terra quanto podiam, ao fim saltamos em terra e combatemo-los com enorme trabalho; e o motivo pelo qual tinham mais ânimo e maior esforço contra nós era porque não conheciam a espada e nem como cortava. E assim combatendo foi tanta a multidão que se carregou sobre nós e tamanha a quantidade de flechas que

não nos podíamos remediar; e, quase abandonando a esperança de viver, voltamos as costas para saltar às barcas. E assim íamos retraindo e fugindo; um marinheiro dos nossos, um Português de 55 anos de idade que tinha ficado na guarda do batel, verificando o perigo em que estávamos, saltou a terra e com grande voz nos disse: “Filhos, volvei as faces para as armas inimigas, que Deus vos dará vitória”, e lançou-se de joelhos e fez oração; e depois fez um grande contra-ataque contra os Índios, e todos nós com ele, mesmo feridos como estávamos, de modo que nos voltaram as costas e começaram a fugir; e ao fim, desbaratamo-los e matamos 150 deles e incendiámos 180 de suas casas. E dado que estávamos mal, feridos e rasgados, tornamos às nave e fomos nos reparar num porto onde ficamos vinte dias, só para que o médico nos curasse; e todos escapamos, salvo um que ficou ferido na mama esquerda. Depois de curados tornamos à nossa navegação; e por essa mesma costa nos acontece muitas vezes de combater contra uma infinidade de gente e sempre contra eles temos vitórias. E assim navegando, fomos sobre uma Ilha que estava 15 léguas distante da terra firme e, como não vimos gente na chegada, e nos parecendo a Ilha ser de boa disposição, resolvemos ir tentá-la; fomos 11 homens e encontramos um caminho, pusemo-nos a andar por ele duas léguas e meia no interior da terra e encontramos uma povoação de 12 casas onde não encontramos nada exceto 7 mulheres tão altas que não havia nenhuma que não fosse um palmo e meio mais alta do que cada um de nós. E assim que nos viram tiveram muito medo de nós, e a principal delas, que seguramente era uma mulher discreta, com sinais nos levou a uma casa e nos fez dar de refrescar. E nós, assim que vimos tão grandes mulheres, resolvemos roubar duas delas que eram jovens de quinze anos para presenteá-las ao Rei, pois sem dúvida eram criaturas acima da estatura dos homens comuns.

E enquanto estávamos nesse trato, vieram 36 homens e entraram na casa onde estávamos bebendo e eram tão altos, que cada um deles era mais alto ajoelhado do que eu ereto. Em conclusão, eram gigantes, segundo a grandeza e proporção do corpo, que respondia à sua grandeza; cada uma das mulheres parecia uma Pentesilea e os homens Anteu. E do modo como entraram, alguns dos nossos tiveram tanto medo, que até o dia de hoje não se

sentem seguros. Tinham arcos e flechas e enormes paus feitos como espadas; e como nos viram, de estatura pequena, começaram a falar conosco para saberem quem éramos e de que parte vínhamos; e nós, dando do melhor pela paz, lhes respondíamos por sinais que éramos gente de paz e que andávamos a ver o mundo. Em conclusão houve por bem nos separar deles sem perguntas; e fomos pelo mesmo caminho que viemos e nos acompanharam até o mar e fomos às naves.

Quase a maior parte das árvores dessa Ilha é de pau-brasil, tão bom como aquele do Oriente. Dessa Ilha fomos a uma outra, próxima dez léguas dessa, e encontramos uma enorme população que tinha as suas casas fundadas no mar, como Veneza, com muita arte e, maravilhados por isso, resolvemos ir vê-los. E como quiseram se defender de tantos quantos fomos às suas casas para que não entrássemos nelas, experimentaram como as espadas cortavam e acharam melhor nos deixar entrar; e descobrimos que tinham as casas cheias de algodão finíssimo e todas as traves das suas casas eram de pau-brasil. E tomamos muito algodão e pau-brasil e voltamos às naves. Saiba V. Mag.<sup>a</sup> que em todos os lugares que saltamos a terra, encontramos sempre muitas coisas feitas de algodão e pelo campo, abundância de árvores disso; que se poderia carregar naqueles lugares quantas caravelas e naves existem no mundo de algodão e de pau-brasil.

Enfim, navegamos outras 300 léguas pela costa, encontrando continuamente gente selvagem, e uma infinidade de vezes combatemo-los e prendemos cerca de vinte deles, entre os quais havia sete línguas, que não se entendiam uma à outra. E se diz que no mundo não existem mais do que 77 línguas e eu digo que existem mais de 1.000, pois só as que eu ouvi são mais de 40.

Depois de termos navegado por esta terra 700 léguas, ou mais, sem contar as infinitas Ilhas que vimos, tendo os navios muito gastos, e fazendo muita água que mal podíamos tirar com duas bombas esgotando, e todos muito cansados, e o mantimento faltando, como nos encontrávamos segundo os apontamentos dos pilotos perto de uma Ilha que se diz a Espanhola, que é aquela que descobriu o Almirante Colombo seis anos atrás, a 120 léguas, resolvemos ir a ela, e isso porque era habitada por Cristãos, recompor os nossos navios, descansar a tripulação e nos provermos de mantimentos, porque dessa Ilha a Castela são 1300 léguas de golfo sem terra nenhuma. E em sete dias fomos até ela, onde estivemos cerca de dois meses e reparamos as naves e fizemos nosso aprovisionamento e resolvemos ir para o Norte, onde encontramos uma infinidade de pessoas, e descobrimos mais de 1.000 Ilhas e a maior parte habitada, e por toda parte gente desnuda; e todos medrosos e de pouco ânimo e fazíamos deles o que queríamos.

Esta última região que descobrimos foi muito perigosa para a navegação, por causa dos baixios e do mar baixo que nela encontramos, que muitas vezes levamos perigo de nos perder. Navegamos por esse mar 200 léguas direto no setentrião e como já andava a gente cansada e fatigada por ter já estado no mar cerca de um ano, comendo seis onças de pão ao dia e bebendo três medidas pequenas de água, e os navios perigosos de se manterem no mar, a tripulação re-

clamou, dizendo que queria tornar a Castela às suas casas, e que não queriam mais experimentar o mar e a fortuna; de onde acordamos fazer a presa de escravos, carregar os navios deles e tornar à direção de Espanha; e fomos a certas Ilhas e tomamos à força 232 almas, carregamo-las e tomamos a direção de Castela, e em 67 dias atravessamos o golfo e fomos às Ilhas dos Açores, que são do Rei de Portugal, que distam de Cádiz 300 léguas. E aí tomado nosso refresco, navegamos para Castela. O vento nos foi contrário e tivemos de ir obrigados às Ilhas Canárias; e das Canárias à Ilha da Madeira, e da Madeira a Cádiz.

E gastamos nesta viagem treze meses correndo enormes perigos e descobrindo uma infinidade de terra da Ásia, e grande abundância de Ilhas, a maior parte habitada; que muitas vezes fiz contas com o compasso que navegamos ao pé de 5.000 léguas, que correspondem a 20.000 milhas. Em conclusão, passamos da linha equinocial 6 graus e meio e depois tornamos para o setentrão, tanto que a estrela tramontana se alçava sobre o nosso horizonte 35 graus e meio e para o ocidente navegamos 84 graus para longe do meridiano da Cidade e Porto de Cádiz.

Descobrimos infinita terra, vimos tanta gente e várias línguas e todos desnudos. Na terra vimos muitos animais selvagens e várias espécies de pássaros, e de árvores infinita abundância, e todas aromáticas. Trouxemos pérolas e ouro de nascimento em grão; trouxemos duas pedras, uma de cor de esmeralda e outra de ametista duríssima, longas meio palmo e grossas três dedos. Estes Reis apreciaram-nas muito, e guardaram-nas entre as suas joias. Trouxemos um grande pedaço de cristal que alguns joalheiros dizem que é berilo e segundo os Índios nos diziam, tinham disso grandes quantidades. Trouxemos 14 pérolas encarnadas, que muito con-

tentaram à Rainha, e muitas outras coisas de pedrarias, que nos pareceram belas; e de todas estas coisas não trouxemos quantidades porque não nos detínhamos em lugar algum e estávamos sempre navegando.

Chegados à Cádiz, vendemos nossos escravos que sobreviveram, havia 200 deles; o resto até 232 tinham morrido no golfo. E consertados todos os estragos que se haviam feito nas naves, sobrou obra de 500 ducados, os quais se tiveram de repartir em 55 partes, e foi pouco aquilo que tocou a cada um. Porém, nos contentamos com a vida chegarmos a salvo e rendemos graças a Deus, que em toda a viagem de 57 homens Cristãos que éramos, não morreram exceto dois que os Índios mataram. Eu, depois que cheguei, tenho duas febres quartãs, e espero de Deus sarar logo, porque permanecem pouco e sem frio. Transpasso muitas coisas dignas de memória para não ser mais prolixo, o que não sou, que se conservam na pena e na memória.

Aqui estes Reis me armam três navios, para que eu novamente vá descobrir e creio que estarão prontos em meados de setembro. Queira nosso Senhor dar-me saúde e boa viagem, que na volta espero trazer novas grandíssimas, e descobrir a Ilha Trapobana que está entre o mar Índico e o mar Gangético, e depois quero vir me repatriar, e descansar os dias da minha velhice. Pela presente não me alargarei em mais razões, que muitas coisas se deixam de escrever por não se estar de acordo em tudo, e para não ser mais prolixo do que fui.

Resolvi, Magnífico Lorenzo, assim como lhe dei contas por carta do que me ocorreu, enviar-lhe duas figuras de descrição do mundo feitas e ordenadas da minha própria mão e saber, que será um mapa em figura plana e um Mapa-múndi em corpo esférico, as quais tenho intenção de lhe mandar

pela via do mar por Francisco Lotti, nosso Florentino, que se encontra aqui. Creio que lhe contentarão, e principalmente o corpo esférico, que há pouco tempo fiz um para a Alteza destes Reis, e estimam-no muito. A minha vontade era ir com essas coisas pessoalmente, mas a nova decisão de ir outra vez descobrir não me dá lugar, nem tempo. Não falta nessa cidade quem entenda a figura do mundo e que talvez emende alguma coisa nela; todavia quem me quiser emendar, espere a minha chegada, que poderá ser que me defenda.

Creio que V. Mag.<sup>a</sup> terá sabido das novas que trouxe a armada, que dois anos atrás mandou o Rei de Portugal descobrir na direção da Guiné. Viagem como aquela, não a chamo descobrir, mas andar pelo descoberto, porque como vereis pela figura a sua navegação é continuamente à vista de terra, e contornam toda a terra da África pela parte do austro, que é uma via de que falam todos os Autores da cosmografia. Verdade é que a navegação teve muito lucro, que é aquilo que hoje em dia se tem de importante, e principalmente neste Reino onde reina desordenadamente a cobiça. Soube como passaram do Mar Vermelho e chegaram ao Golfo Pérsico e uma Cidade que se diz Calicut, que está entre o Golfo Pérsico e o rio Indo. E agora novamente o Rei de Portugal reconduziu ao mar 12 naves com enorme riqueza, e mandou-as naquela direção; e com certeza farão grande coisa se vão para salvar.

Estamos no dia 28 de julho de 1.500. E não há mais o que mencionar. Nosso Senhor lhe conserve a vida e o magnífico estado como deseja.

*Américus Vespucius  
Filius vtr*

E de V. Mag.<sup>a</sup> servidor

## 1.2 Carta de 1501

Américo Vespucci, a Lorenzo de Medici, da Baía de Cabo Verde, em 4 de junho de 1501.

Lorenzo, o Magnífico, meu senhor.

No dia 8 de maio foi a última vez em que lhe escrevi, eu estava em Lisboa e estava prestes a sair para esta viagem que agora, com a ajuda do Espírito Santo, eu iniciei.

E considerado que até a minha volta eu não lhe poderei mais escrever, parece que o destino me deu a oportunidade de poder fazê-lo não só da terra firme, mas também no alto mar.

Vossa Senhoria soube, Lorenzo, seja por minha carta, seja pelas cartas de nossos compatriotas florentinos de Lisboa, como fui convocado, quando estava em Sevilha, pelo Rei de Portugal, que requisitou para que eu me dispusesse a servi-lo nesta viagem; para a qual embarquei em Lisboa no dia 13, e iniciada a nossa jornada, depois de termos muito navegado, passamos próximos das Ilhas Afortunadas que hoje são chamadas de Canárias, e após as termos passado, fizemos a nossa rota navegando por toda extensão da costa da África.

E tanto navegamos que nós chegamos aqui, de onde lhe escrevo esta minha carta, em um cabo chamado de Cabo Verde, o qual está no início da província da Etiópia, e está no meridiano das Ilhas Afortunadas, aproximadamente a 14 graus a partir da linha equinocial onde, por puro acaso, encontramos atracados dois navios do rei de Portugal, que estavam retornando das Índias Ocidentais, sendo estes os que foram para Calicute a cerca de 14 meses atrás - no total de 13 navios - com quem tive grandes conversações não somente sobre a sua viagem, mas também sobre as terras que visitaram e as riquezas que eles encontraram.

Tudo isso será mencionado nesta minha carta para Vossa Magnificência, sem informações cosmográficas, uma vez que nessa frota não havia um cosmógrafo e nem um matemático, o que em minha opinião foi um grande erro, mas por meio de informações bastante confusas, assim como me foram contadas; informações as quais eu tive de corrigir parcialmente pela cosmografia de Ptolomeu.

Esta frota do rei de Portugal partiu de Lisboa no mês abril de 1499, e navegou até as ilhas de Cabo Verde, que se distanciam cerca de 14 graus do Equador, de tal modo que, se poderia dizer, que estas estejam mais para o oeste das Ilhas Canárias em, mais ou menos, 6 graus.

Como bem se sabe através de Ptolomeu e da maioria das escolas de cosmografia, se considera que o fim do Oeste são as ilhas afortunadas, que têm uma latitude específica, que através do astrolábio e do quadrante, eu determinei como sendo a correta.

A longitude é a parte mais difícil. Que poucos conseguem reconhecer, salvo aqueles que estudam há muito tempo a conjunção da Lua com os planetas; por causa da longitude eu passei muitas noites sem dormir e para isso eu reduzi minha vida em 10 anos: de qualquer forma, todo tempo foi bem gasto, porque eu espero que possa me ajudar a conquistar fama neste século, considerando que eu volte desta viagem com uma boa saúde. Deus, não considere isso como um ato de soberba, uma vez que todo o meu trabalho é colocado ao Seu santo serviço.

Agora eu quero voltar para o objetivo da minha carta. Os 13 barcos citados acima navegaram das ilhas de Cabo Verde, graças a um vento que é chamado de Libeccio e após navegar por 20 dias, cobrindo cerca de 700 léguas -

cada légua é cerca de quatro milhas e meia - atracaram em uma terra onde encontraram gente branca e nua, e onde disseram ter descansado da viagem, e é a mesma terra que eu tinha descoberto, em nome do rei de Castela, salvo esteja mais para o leste e sobre a qual lhe escrevi na minha outra carta.

E daqui partiram e iniciaram a sua navegação para o oriente, navegaram graças ao vento Siroco, seguindo na direção do Levante.

E quando eles estavam longe da terra firme, enfrentaram enormes tormentas no mar por causa do vento de Libeccio, que foi tão forte virando 5 de seus navios que naufragaram junto com todos os seus ocupantes – que Deus tenha piedade de suas almas – contaram também como outras 8 embarcações navegaram com a árvore seca, ou seja, sem vela por 48 dias e 48 noites, com grande desespero.

E tanto viajaram que chegaram com a frota pelo vento no cabo chamado da Boa Esperança, que está desenhado no mapa da Etiópia, e está fora do Trópico de Capricórnio a 10 graus do meridiano, e que está distante do Equador 33 graus, o que considerada a proporção com o paralelo, viu-se como o já mencionado Cabo está na longitude do oeste habitado de 62 graus, o que corresponde mais ou menos ao meridiano de Alexandria.

E dali, navegaram para o norte, navegando sempre ao longo da costa, a qual, na minha opinião, é o início da Ásia e da província da Arábia Feliz, e é a terra do padre Giovanni, porque ali estão as fontes de Nilo como o Senhor sabe que divide a África da Ásia.

E é nesta costa, que se viram inúmeras cidades e populações, e em algumas delas se fez escala. A primeira foi Zafale, que dizem que é uma cidade cujo tama-

no é igual à do Cairo; nessa cidade há uma mina de ouro da onde dizem serem extraídos duzentos mil meticais de ouro, com o qual se paga um tributo anual ao rei, cada metical vale cerca de uma castellana de ouro.

De lá, partiram para Mezebino onde se diz haver muita babosa, uma quantidade infinita de laca e muito tecido de seda, esta cidade também tem uma população como a do Cairo; e de Mezebino em seguida foram para Chilua e Mozada, e depois a Malindi, depois a Mododasco, a Camperaia e a Zendal e, em seguida, para Amal, então Dabul e, finalmente, para Albacaron.

E todas essas cidades estão na costa do mar oceano e seguem até o estreito do mar Vermelho, cujo mar, o Senhor deve saber, não é vermelho, mas é como o nosso, e tem apenas o vermelho nome.

E todas estas cidades são riquíssimas em ouro, joias, tecidos, especiarias, ervas medicinais, que não nasceram nesses lugares, mas que são trazidos por embarcações vindas da Índia.

De Albarono, e depois de atravessar o estreito do Mar Vermelho, foram a Meca, aonde chegou um navio da referida frota; e até agora eu descrevi a costa da Arábia Feliz, agora lhe vou descrever a costa do Mar Vermelho, estreito por onde se chega à Índia.

Na foz do estreito há um porto do Mar Vermelho chamado Aden, com uma cidade grande; mais adiante, para o norte, há um outro porto chamado Camaram, depois Ansuva, em seguida, outro porto chamado Odeinda; de Odeinda se vai para Lamoim e de Lamoim para Giuda.

Este porto de Giuda está perto de Monte Sinai, como o Senhor deve saber está no deserto da Arábia Saudita que, como dizem, é o ponto de embarque de todos os navios que vêm da Índia e Meca; e é neste porto que dizem serem descarregadas todas as especiarias, ervas medicinais, joias e tudo o que trazem para cá; depois vêm as caravanas, do Cairo e de Alexandria, e, com os camelos que dizem que conseguem transportá-las por até 80 léguas do deserto da Arábia.

E falaram que no Mar Vermelho navegaram somente durante o dia, devido a muitas pedras e bancos de areia que ali se encontram; muitas outras coisas foram ditas para mim sobre esse mar, mas, para não ser prolixo, eu evitei de citar.

Agora contarei sobre costa do Mar Vermelho ao lado de África. Na foz do Estreito desse mar há Zoiche, e o senhor desta cidade é um mouro chamado Agi d'Arabi, diz-se que esta cidade está a três dias do porto de Giuda, e nela há muito ouro, muitos elefantes e muitas mercadorias.

De Zoaca a Darbarui, é senhor desses dois portos o padre Giovanni; e na frente desses dois portos há outra porta chamada Tui, da qual é senhor o grande soldado da Babilônia. Depois se vai de Tui para Edem e de Edem para Zeoni.

Isto é o que pude saber sobre o Mar Vermelho: refiro-me a quem melhor o sabe.

Falta-me dizer ainda o que eu entendi sobre a costa da Meca para o Golfo Pérsico. Partindo de Meca se vai, seguindo a costa, até uma cidade chamada Ormuz, esta cidade tem um porto na foz do Golfo Pérsico, em seguida a Ormuz, se vai a Tuns, de Tuns a Tunas depois a Capan, depois a Lecor, depois a Dua, depois Torfis, depois a Pares, depois a Scucan, depois a Tatar.

Todos estes portos, muito povoados, fazem parte da costa do Golfo Pérsico, acredito que possam existir muitos outros além desses portos mais, mas eu só reporto os nomes destes considerando que foram citados pelo relato de um homem digno de fé que se chamava Gasparre, o qual viajou do Cairo para uma província chamada Molucca, situada na costa do Oceano Índico.

O Golfo Pérsico é dito ser muito rico, mas não devemos acreditar em tudo que se ouve, por isso deixarei isto para quem melhor conheça esses lugares a capacidade para descrevê-los.

Agora me resta descrever a costa que vai do Estreito do Golfo Pérsico até o Oceano Índico, conforme me foi contado por muitos que viajaram na referida armada, e detalhado pelo mencionado Gasparre, conhecedor muitas línguas assim como os nomes de muitas províncias e cidades e; como já disse, é um homem de extrema confiança, uma vez que fez duas vezes a viagem de Portugal para o Oceano Índico.

Da foz do Golfo Pérsico se navega para uma cidade chamada Zabul, de Zabul se vai a Goga, de Goga a Zedeuba e, depois a Nui, depois a Bacanur, depois a Salur, depois a Mangalur, depois a Bategala, depois a Calnur, depois a Dremepetam, depois a Fandorama, e depois a Ciacat, e, depois a Calicut (esta cidade é muito grande e a referida Armada dos portugueses parou para descansar ali), depois a Belfur, depois a Scailat, depois a Remondi, depois a Propornat, depois a Cuninam, depois a Lonam, depois a Belingut, depois a Palur, depois a Glongolor, depois a Kochi, depois a Caincolon, depois a Cain, depois a Coroncaram, depois a Scomondel depois a Nagaitam, depois a Delmatam, depois a Caretapam, depois a Conimat, e sobre esta rota não digo nada sobre a la-

titude e longitude, porque seriam informações muito difíceis de entender a quem não tem muita prática para as questões marítimas.

E eu confio que, nesta minha viagem eu possa reorganizar o meu conhecimento sobre isto e descobrir muito mais.

Na minha volta eu escreverei sobre esta viagem um honesto e bom relatório. Que o Espírito Santo esteja sempre comigo. Este Gasparre que me contou sobre esses acontecimentos e muitos cristãos que viajavam com ele os confirmaram, considerando que foram em algumas destas terras, me dizendo as seguintes coisas.

Ele me disse que tinha estado das terras da Índia, em um reino chamado Parlicat, que é um grande reino, rico em ouro, pérolas, joias e pedras preciosas, e disse que visitou Mailepur, Giapatan, Honeydew, Tanaser, Pego, Scarnai e Bengala, Otezan e Marchin.

E é este lugar chamado Marghin, Gasparre afirma ser perto do grande rio Emparlicat, e este Emparlicat é também a cidade onde está sepultado o corpo de S. Tomé Apóstolo que possui muitos cristãos.

E me disse que estive em muitas ilhas e especialmente em uma chamada Zilan que, conforme me contou, é distante 300 léguas.

Ele também me contou que havia uma ilha riquíssima cheia de pedras preciosas, pérolas e especiarias de todos os tipos, bem como ervas medicinais, além de outras riquezas, como elefantes e um enorme número de cavalos.

A partir dessas informações deduzo que esta seja a Ilha Taprobana, embora ele nunca tenha ouvido falar deste nome, embora, como o Senhor sabe, esteja certamente em frente ao rio Indo.

Item me disse que tinha estado em outra ilha que ele chama Scamatra, que possui o mesmo tamanho e Zilon e de Comercana, e é tão rica quanto aquela. Destas duas ilhas chegaram, todos os dias, à Pérsia e da Arábia, um número infinito de navios carregados com todos os tipos de especiarias, ervas medicinais e joias preciosas.

E é tão rica quanto aquela. Diz-se que, além disso, foram vistos um grande número de barcos, alguns muito grandes que chamam de “juncos” e tem vários mastros e as velas feitas de junco, e não são fabricados com ferro, mas sim interligados com cordas, faz parecer que aquele mar não seja tempestuoso. Não são barcos a vela poderosos e nunca viram e navegam seguindo continuamente a costa.

Aconteceu que esta frota de Portugal, a fim de atender a uma solicitação do rei de Calicut, atacou um navio carregado de elefantes e arroz, com mais de trezentos homens, e mais uma vez afundaram doze navios.

Em seguida, foram para uma ilha chamada Arabuga e nas Molucche, e em muitas outras ilhas do Mar Índico que são aquelas informadas por Ptolomeu, que estão perto da ilha de Taprobana e que são todas ricas.

A referida armada decidiu viajar para Portugal e durante a viagem de retorno, feita com os oito navios restantes, viu afundar um navio cheio de grande riqueza, que dizem seria no valor cem mil ducados. Outras cinco se distanciaram do navio principal, inclusive com uma delas aconteceu aqui hoje (Cabo Verde).

Acredito que as outras se tenham salvado, segundo com o desejo de Deus, Nosso Senhor. O que esses navios carregavam era o seguinte. Estavam cheios de canela, gengibre verde e seco, muita pimenta, cravo, noz-moscada, macis,

almíscar, estoraque, benjoim, porcelana, mastique, incenso, mirra, sândalo vermelho e branco, de madeira de aloe, cânfora, muita laca, ópio e também muitas ervas medicinais e produtos que ocupariam muito espaço se eles fossem aqui citados.

Não possuo dados confiáveis sobre as joias, apenas que eu vi muitos diamantes, rubis e pérolas. Vi um rubi com uma cor lindíssima que pesava sete quilates e meio.

Não me alongo nesta narrativa porque o navio está balançando muito e isso me dificulta escrever.

Para concluir, o rei de Portugal tem em suas mãos um enorme tráfego comercial e grande riqueza. Que Deus vele por esta sua prosperidade.

Acredito que as especiarias vêm destes lados, para Alexandria e Itália, conforme suas próprias qualidades e virtudes, assim segue o mundo.

Acredite Lorenzo, tudo o que escrevi até aqui é a verdade e se não são encontrados os nomes das províncias ou das ilhas, na leitura dos escritores antigos, é um sinal de que eles foram mudados, assim como aconteceu em nossa Europa.

E para provar a verdade do que eu escrevo aqui, tem-se o testemunho de Gherardo Verde, irmão de Simon Verde di Cadisi, que está viajando comigo e que se coloca a Sua disposição. Esta viagem que faço e onde vejo perigo, a faço, porém, com serenidade para servir a Deus e ao mundo, e se Deus tem se servido de mim, Ele me dará a força, para que eu continue a seguir toda a Sua vontade e, concederá o eterno descanso à minha alma.

### 1.3 Carta de 1502

(Setembro – Dezembro de 1502?)

Américo Vespucci, de Lisboa, a Lorenzo di Pier Francesco de Medici, em Florença, Magnífico Patrão meu, Lorenzo, após as devidas recomendações etc. A última carta escrita a V. Magnificência foi da Costa da Guiné, de um lugar que se diz Cabo Verde, pela qual terá sabido do início da minha viagem, e pela presente lhe será dito brevemente a metade e o fim dela, que é quanto segue.

Partimos do dito Cabo Verde de início com facilidade, providos de todo o necessário, como são água e lenha, e outros instrumentos necessários para meter-se no golfo do mar Oceano para procurar novas terras. E tanto navegamos com o vento entre sudoeste e meio-dia, que em 64 dias chegamos a uma terra nova, a qual achamos ser terra firme, por muitas razões que no proceder se dirão; pela qual corremos cerca de 800 léguas sempre na direção de  $\frac{1}{4}$  de sudoeste para Poente, e a achamos cheia de habitantes, onde notei maravilhosas coisas de Deus e da Natureza, de onde resolvi dar notícias da parte dela a V. Mag.<sup>a</sup> como sempre fiz das outras minhas viagens.

Corremos tanto por estes mares, que entramos na tórrida Zona, e passamos a linha equinocial para o lado do Austro, e do Trópico de Capricórnio; tanto que o polo do meridiano estava acima do meu Horizonte 50 graus, e outro tanto era a minha latitude da Linha equinocial, que navegamos nove meses e 27 dias, e nunca vimos o Polo Ártico nem a Ursa Maior, ou Menor. Ao contrário, se revelaram a mim na região meridional muitos corpos de estrelas muito claras e belas, as quais estão sempre escondidas para os do Setentrião, onde notei o maravilhoso artifício dos seus movimentos, e as suas

grandezas, tomando os diâmetros dos seus círculos e representando-as com figuras geométricas. E outros movimentos dos Céus notei, que seria prolixo lhe descrever. Mas de todas as coisas mais notáveis que nesta viagem me ocorreram, numa minha modesta obra recolhi, para que quando estiver de repouso dela me possa ocupar, para deixar de mim após a morte alguma fama. Estava a ponto de lhe mandar um resumo, mas o tem de mim este Sereníssimo Rei, mo restituindo o farei.

Em conclusão, fui à região dos Antípodas, que pela minha navegação foi uma quarta parte do mundo: o ponto do meu Zênite mais alto naquela região fazia um ângulo reto esférico com os habitantes deste Setentrião, que estão na latitude de 40 graus, e isto baste.

Vamos à declaração da terra, dos habitantes, e dos animais, e das plantas, e das outras coisas úteis e comuns, que naqueles locais encontramos para a vida humana.

Esta terra é muito amena e cheia de inúmeras árvores verdes, muito grandes, e nunca perdem folha, e todas tem odores suavíssimos, e aromáticos, e produzem inúmeras frutas, e muitas delas boas ao gosto e saudáveis ao corpo. Os campos produzem muitas ervas, flores, raízes muito suaves e boas, que às vezes me maravilhava do odor suave das ervas e das flores, e do sabor dessas frutas e raízes, tanto que, dentro de mim, pensava estar perto do Paraíso terrestre. Que diremos nós da quantidade de pássaros e das suas plumagens, e cores, e cantos, e quantas espécies, e de quanta formosura. Não quero me prolongar nisto, porque duvido que fosse acreditado.

Quem poderá enumerar a infinidade de animais silvestres, tanta abundância de leões, e onças, e de gatos, não nesse caso da Espanha, mas dos antípodas, tantos lince, ba-

buínos, e macacos de tantas espécies e muitos sempre grandes; e tantos outros animais vimos, que creio com dificuldade tantas espécies entrariam na Arca de Noé, e tantos porcos selvagens, e cabras, e cervos, e corças, e lebres, e coelhos; e animais domésticos não vimos nenhum.



Esquartejamento do corpo de um prisioneiro, gravura feita em 1.557 para o livro de Hans Staden. Como Staden, Vespucci impressionou-se profundamente com o ritual antropofágico dos índios do Novo Mundo.

Vamos aos animais racionais. Julgamos ser toda a terra habitada de gente toda nua, tanto os homens, como as mulheres, sem se cobrirem vergonha alguma. São de corpo bem dispostos e proporcionados, de cor branca, e de cabelos longos, e de pouca ou nenhuma barba. Muito me esforcei em entender a sua vida e costumes, porque 27 dias comi e dormi entre eles. E o que conheci deles é o seguinte. Não têm lei, nem fé alguma, e vivem segundo a natureza. Não conhecem

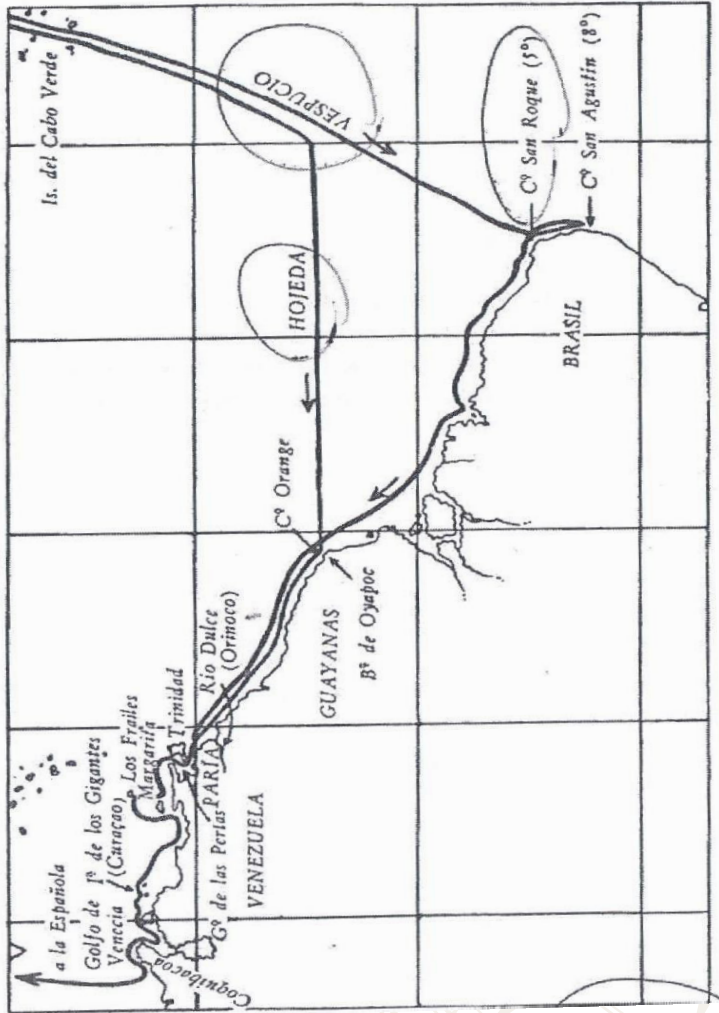
a imortalidade da alma. Não têm entre eles bens próprios, porque tudo é comum; não têm limites de Reinos, e de Províncias; não têm Rei, nem obedecem a ninguém: cada um é senhor de si. Não administram Justiça a qual não lhes é necessária, porque não reina entre eles a cobiça. Moram em comum em casas feitas à moda de cabanas muito grandes, e para gente que não têm ferro, nem outro metal qualquer, se pode dizer que as suas cabanas são maravilhosas, porque eu vi casas que são longas 220 passos, e largas 30, e habilmente fabricadas, e numa destas casas estavam 500 ou 600 almas. Dormem em redes tecidas de algodão, estendidas no ar sem outra cobertura. Comem sentados no solo. Os seus alimentos são muitas raízes de ervas e frutas muito boas, inúmeros peixes, grande abundância de marisco, ouriços, caranguejos, ostras, lagostas, camarões e muitas outras coisas que produz o mar. A carne que comem, habitualmente é principalmente carne humana no modo que se dirá. Quando podem ter outras carnes de animais, e de pássaros, comem-nas, mas apanham-nas pouco, porque não têm cães, e a terra é muito cheia de bosques que são cheios de feras cruéis, e por isso não costumam se meter pelos bosques, senão com muita gente.

Os homens costumam furar os lábios e as bochechas, e depois, nesses furos colocam ossos ou pedras; e não as creia pequenas, e a maior parte deles, têm ao menos três furos, e alguns sete, e alguns nove, nos quais metem pedras de alabastro verde e branco, longas de meio palmo e grossas como uma ameixa catalã, que parecem algo fora do natural. Dizem fazer isso para parecerem mais ferozes. Enfim, é algo brutal.

Os seus casamentos não são com uma só mulher, mas com quantas desejam, sem muita cerimônia, e conhecemos um homem que tem 100 mulheres. São ciumentos delas e se acontece de uma cometer um erro, eles a castigam e a man-

dam embora, separando-se dela. São muito prolíferos. Não têm heranças porque não têm bens próprios. Quando os seus filhos, isto é, as mulheres estão em idade de procriar, o primeiro que as corrompe tem de ser, exceto o pai, o mais próximo parente que têm; em seguida assim as casam.

As suas mulheres nos seus partos não fazem cerimônia alguma, na maneira das nossas, comem de tudo, vão no mesmo dia ao campo lavar-se, e mal se escutam seus partos.



Itinerário da segunda viagem de Vespucci (1.499 – 1.500) capitaneada por Alonso de Hojeda.

Vivem muitos anos, porque segundo as suas recordações muitos homens lá conhecemos que têm até quatro graus de descendentes. E não sabem contar os dias, nem meses, nem o ano, contam o tempo por meses lunares. E quando querem mostrar o tempo de alguma coisa, nos mostram com pedras, pondo cada lua uma pedra. E encontrei um homem dos mais velhos, que me fez sinal com pedras ter vivido 1.700 lunações, que me parecem sejam 132 anos, contando 13 lunações ao ano.

Também são gente belicosa, e entre eles muito cruéis; e todas as suas armas e golpes são como diz o Petrarca, entregues ao vento, que são arcos, setas e dardos, e pedras; e não têm o hábito de levar defesas nos seus corpos, porque vão tão nus como nasceram. Nem têm ordem alguma nas guerras, exceto que fazem aquilo que aconselham os seus anciãos; e quando combatem se matam muito cruelmente e a parte que fica senhora do campo enterra todos os seus mortos, e os inimigos mortos, despedaçam-nos e os comem, e os vencidos, aprisionam-nos e os têm como escravos nas suas casas; e se são fêmeas dormem com elas, e se é macho casam-no às suas filhas. E em certas épocas, quando lhes vêm uma fúria diabólica, convidam os parentes, o povo e os põem à frente, isto é, a mãe, com todos os filhos que dela tiveram e, com certas cerimônias, os matam a flechadas e comem. E a mesma coisa fazem aos escravos e aos filhos que deles nascem. E isto é certo, porque achamos nas suas casas carne humana defumada, e muita e compramos deles 10 criaturas, tanto machos como fêmeas, que estavam designados ao sacrifício, mas para melhor dizer ao malefício. Repreendemo-los muito, não sei se se emendarão.

E o que mais me espanta nessas suas guerras e crueldades é que não pude saber deles porque guerreiam um com o outro, uma vez que não têm bens próprios, nem senhorio de impérios ou reinos, e não sabem o que seja cobiça, isto é, propriedades, ou avidez de reinar, a qual me parece que seja a causa das guerras, e de todo ato desordenado. Quando lhes perguntávamos o porquê, não sabem dar outra razão, exceto que dizem que antigamente começou entre eles esta maldição e querem vingar a morte dos seus pais antepassados. Em conclusão, é algo bestial; e é certo que um deles me confessou ter-se encontrado a comer da carne de mais de 200 corpos. E nisto eu acredito e baste.

Quanto à disposição da terra, digo que é muito amena e temperada e são, porque no tempo em que passamos nela, que foram 10 meses, não só nenhum de nós morreu como poucos adoeceram. Como disse, eles vivem muito tempo e não sentem enfermidade, ou pestilência, ou corrupção do ar, não morrem senão de morte natural ou causada pelas suas mãos. E em conclusão, os médicos teriam uma má estada em tal lugar.

Dado que fomos em nome de descobrir, e com tal comissão partimos de Lisboa, e não de buscar algum lucro, não nos incomodamos em explorar a terra nem de dela tirar algum proveito, de modo que nela não ouvimos nada que fosse de alguma utilidade, não porque eu não ache que a terra não produza riquezas de todo o gênero pela sua admirável disposição, e ser nas paragens climáticas nas quais está situada. E não é de se admirar que assim subitamente não tivéssemos percebido todo o seu proveito, porque os habitantes dela não estimam coisa alguma, nem ouro, nem prata, ou outras joias, exceto coisas de plumagens, ou de osso, como se disse. E te-

nho esperança de que, mandando ora este Sereníssimo Rei a visitá-la, que não passarão muitos anos e virão a este Reino de Portugal enorme proveito, e renda.

Encontramos aqui uma infinidade de pau-brasil e muito bom suficiente para carregar quantos navios existam hoje no mar, e sem custo algum, assim como de canafístula. Vimos cristais e uma infinidade de sabores, e odores de especiarias, e drogarias, mas não são conhecidas. Os homens do lugar dizem sobre o ouro e outros metais, e drogarias e muitos milagres, mas eu sou daqueles de São Tomé . O tempo dirá.

O céu a maior parte do tempo se mostra sereno e é adornado por muitas e claras estrelas; e todas anotei e os seus círculos.

Isto é com brevidade, e só capita rerùm das coisas que naquelas regiões vi. Deixam-se muitas coisas que seriam dignas de memória, para não ser prolixo, e porque as encontrará na minha viagem todas em detalhes.

Ainda estou aqui em Lisboa esperando o que o Rei determinará para mim. Queira Deus que a mim suceda aquilo que sirva mais ao Seu santo serviço e salvação da minha alma.

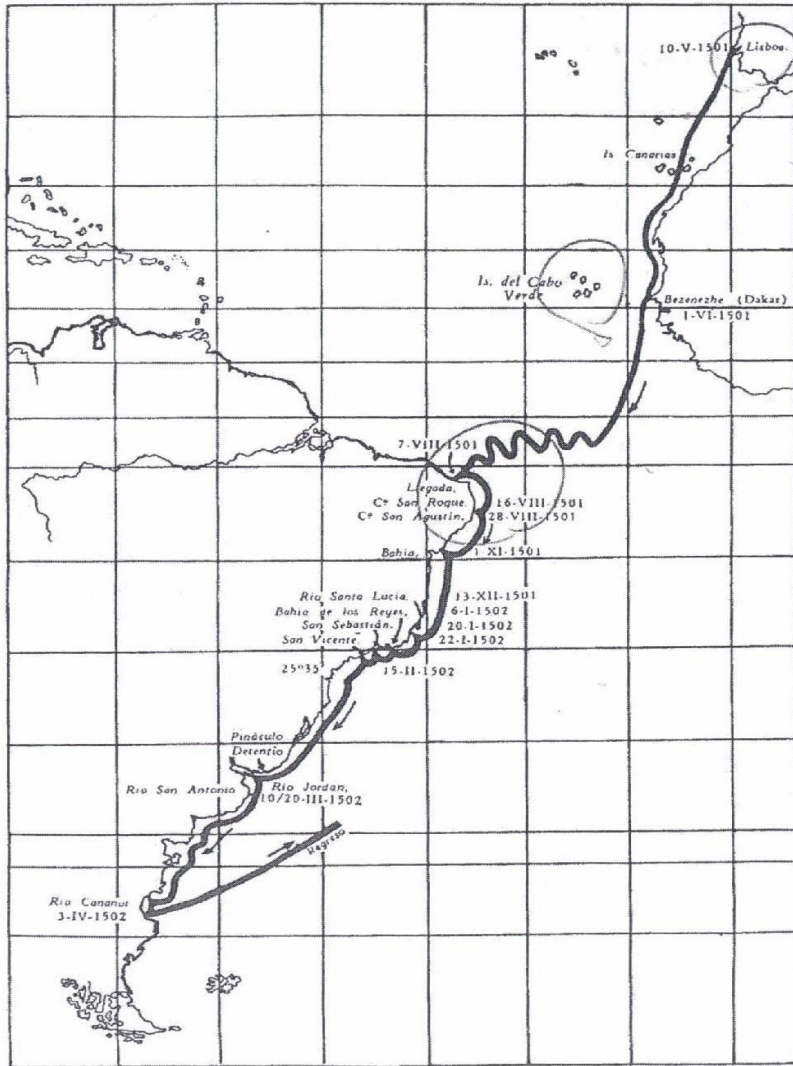
*Emerencius Vespucius  
Filius viri*



Chefes Tupinambás, ilustração feita em 1557 para o livro de Hans Staden. Em sua terceira viagem, Vespucci provavelmente encontrou-se com essa tribo.

## 1.4 Carta fragmentária relativa à terceira viagem

Américo Vespucci a um florentino anônimo, escrita, segundo se supõe, entre setembro e dezembro de 1502. [...] nós sentimos a diferença do crescimento da noite e do diminuir do dia. É verdade que quando chegamos à altura de 50 graus estávamos no mar e não em terra, porque quando nos separamos da terra, não estávamos em altura maior do que 32 graus, e depois tanto navegamos pelo vento siroco que chegamos à dita altura de 50 graus e sem terra, ainda que julgássemos estarmos próximos a terra pelos muitos sinais que vimos, que foram inúmeros pássaros de diversas sortes e muita madeira no mar: sinais certíssimos. Mas porque o mar estava muito agitado e frio, tínhamos os navios muito gastos e a gente muito fraca por ter estado 16 meses no mar com carência de mantimento, e por muitas outras razões, concordamos em não prosseguir e voltar direto para Portugal. E do ponto aonde chegamos e voltamos, estávamos mais à parte do meio-dia por linha reta ao pé de 1.600 léguas da cidade de Lisboa; que se fizer a proporção pensando ter a circunferência da terra 24 mil milhas, encontrará que navegamos para o austro da cidade de Lisboa cerca de 92 graus; que como vê, é mais de um quarto do mundo terrestre.



**Itinerário da quarta viagem de Vesputi (1503 – 1504), capitaneada por Gonçalo Coelho.**

Quanto à defesa de eu ter dito que a gente naquela terra vai nua, isto se apoia em razões naturais e porque vi tanto dela que nem numerar poderia. E não vale o argumento de dizer que V. Sa. esteja no sexto clima ou no fim do quinto; então aqueles que estiverem no sétimo, como suportarão mais frio do que nós, que andamos duplamente vestidos, se eles vão desnudos? É como diz o filósofo, o uso converte a natureza. E certo é que quanta terra eu naveguei, ou percorri, em três viagens – duas eu fiz para a parte do ocidente pelo mar Oceano, pegando, todavia, para a parte de meio-dia e do vento áfrico, e a terceira, para o austro pelo Mar Atlântico – nas quais vi ao pé de 2.000 léguas de costa firme cheia de gente, jamais vi alguns desses vestidos, nem que só cobrissem nem pouco nem muito das suas vergonhas, tanto os homens como as mulheres. E a continência da terra por mim vista e navegada se contém entre esses dois trópicos ou, por melhor dizer, paralelos: um que está na parte setentrional, distante da linha equinocial 33 graus, o outro para o austro que dista da dita linha 32 graus, e não pense por um só meridiano, mas por diversos, porque, segundo a razão da latitude, como foi dito, tenho de ter navegado tanto por terra e por mar que me valeu 92 graus de latitude e me encontrei em diversos meridianos e o mais distante em que me encontrei para a parte do ocidente foi com a diferença do meridiano desta cidade de Portugal de 5 horas e  $1/3$  e do meridiano de Ferrara cerca de oito horas, considere horas equinociais. Para dar razão, brevemente, disto que digo e para escusar-me do dito dos malévolo, digo tê-lo conhecido nos eclipses e nas conjunções da lua com os planetas; e perdi muitas noites em me adaptar com os ditos dos sábios que compuseram os instrumentos e escreveram sobre os movimentos, e conjunções, e aspectos, e eclipses dos dois astros luminosos e das estrelas erráticas, como foi o sábio rei Dom Alfonso nas suas Tavole e Giovan-

ni de Montereccio no seu Almanaque, para o Blanchino, e para o Almanaque do rabino Zacuti judeu, que é perpétuo; e compostos em diversos meridianos: e o rei Dom Alfonso em Toledo e Giovanni da Montereccio no meridiano de Ferrara e os outros dois naquele de Salamanca. E é certo que me encontrei tanto para o ocidente, não desabitado, mas povoadíssimo, diferente do meridiano de Alexandria 150 graus, que são 8 horas das equinociais; e se algum invejoso ou maligno não o crê, venha a mim, que com razão o declararei, com autoridade e testemunhos. E isto lhe baste quanto à longitude; que se não fosse eu estar muito ocupado, mandar-lhe-ia as declarações de tudo e de muitas conjugações que observei, mas não quero entrar em tanta mistura, que isto me parecia uma dúvida de literato, mas não nenhuma daquelas que me dirigiu. E basta.

Quanto a terem dito que eu disse que a gente naquela terra é branca e não negra e principalmente aqueles que habitam dentro da tórrida zona, respondo-lhe, salvo a honra da filosofia, que não é necessário que todos os homens que habitam dentro da tórrida zona sejam negros de natureza e de sangue quente, como são os etíopes e a maior parte dos povos que habitam na parte da Etiópia; porque como acima disse, eu naveguei por todos os paralelos, que são do Marrocos até o fim da Etiópia e passando a linha equinocial 32 graus na direção do austro, e estive em muitas partes da África e da Etiópia: no cabo de Catim, no Cabo de Anghilla, em Zana-ga, no Cabo Verde, no Rio Grande, na Serra Leoa conjunta à linha equinocial a 7 graus, e vi e falei com uma infinidade de pessoas, e todos são de cor negra, mas mais num lugar que noutro. E ainda que esse conhecimento seja pertencente ao filósofo, não deixarei de dizer o meu parecer, bem ou mal seja recebido. Acho que a causa probabilíssima procede

da compressão do ar e disposição da terra, por que toda a terra da Etiópia é muito despovoada, de águas doces existe carência e poucas vezes lá chove e o terreno muito arenoso e escaldado do calor do sol, e lá existem infinitíssimos desertos arenosos e pouquíssimos bosques ou selvas e os ventos que naquelas partes reinam são levante e siroco, que são ventos quentes; ainda porque a natureza já converteu em hábito a sua negrura e isto vemos nestas nossas partes: que os negros geram negros e se um branco (usa) com uma negra a criatura será bege, isto é, menos negra que a mãe e menos branca que o pai, e assim quanto ao contrário: sinal que a natureza e o costume fazem mais uso das forças que a compressão do ar e da terra; de modo que concluí que como a terra e o ar que encontrei na mesma paragem da acima dita terra da África e da Etiópia ou para mais retamente dizer nos mesmos paralelos, é muito mais amena e temperada e de melhor compressão, o que torna o povo branco, ainda que se inclinem para o pelo do leão, porque, como digo, naquelas partes o ar é mais temperado que o da Etiópia e q terra muito mais amena e abundante de água doce, e quase todo dia é visitada por orvalhos, e os ventos são austrais e setentrionais, de modo que naquela parte não existem tão ardentes calores como na Etiópia, e a terra é causa dos ventos e dos orvalhos que sempre mantêm as árvores verdes e com folhas; e isto é certo, e quem não crer, que vá ver como eu fiz. São tantas as selvas e bosques naquelas partes com árvores enormes e sempre verdes e deformes para estas nossas, que é algo admirável; e a maior parte dá de si ou licores, ou gomas e azeites e são odores aromáticos. Poderia eu nesta matéria muito mais estender e alegar a oposição da via do sol ou forças de corpos das estrelas da oitava esfera que naquela parte reinam, e essas, para abreviar razões, deixarei à descrição dos prudentes.

Quanto àquilo que V. Sa. me perguntou, se com o meu zênite eu tinha passado o trópico de Capricórnio, a carta o demonstra, porque o trópico dista da linha equinocial 23 graus e 51 minutos, e eu estive a 50 graus próximo do círculo ártico. Que bem simples foi a pergunta.

Já lhe disse como naquele hemisfério se consegue dos 4 tempos do ano o contrário do que neste nosso, porque o sol entrando no primeiro grau de Áries, que para nós é primavera, para eles é outono; e quando o sol está em Câncer para nós é verão e para eles inverno; e assim por conseguinte de Libra e de Capricórnio. Por isso que o maior dia que naquela parte tive foi a 2 de dezembro e pelo contrário a maior noite a 2 de junho. E isto infinitas vezes foi notado por com meus instrumentos.

V. Sa. busca uma razão para demonstrar aquela parte ser fria com dizer que o sol quando se encontra no primeiro ponto de Câncer, que eles têm a linha mais longe; e isso é falso porque bem sabe que segundo as demonstrações matemáticas o sol tem dois (pontos) no seu círculo diferentes, que um se diz auge e a outro oposto auge; e quando o sol está no seu auge, que é, na minha opinião, 3 graus de Câncer, que em tal tempo está mais distante com a sua linha da terra que no outro, e por conseguinte deveria causar o ar mais frio para nós e vemos o contrário: que naquele tempo temos calor imenso; mas tudo causa que em tal tempo se aproxima mais do nosso zênite e joga os seus raios mais perpendiculares, por onde vêm mais depressa se consumir os vapores grossos elevados na região do ar. Assim, por esta razão diremos que, como o sol estando no primeiro de Câncer e que será para aqueles do outro hemisfério em linha mais transversal, assim como a nosso respeito naquela região no dito tempo será tanto frio como faz o sol para nós quando está no auge oposto, que é

cerca de 3 graus de Capricórnio que é para nós sua máxima declinação e as linhas transversais nos atingem e não tem tanta força de consumir os vapores elevados como acontece àqueles do outro hemisfério. E muitas outras infinitas razões poderia lhe dar, mas estas por ora bastam.

Quanto àquilo que V. Sa. diz no fim do primeiro capítulo da minha carta eu disse que a intersecção de 2 linhas, isto é a linha do meu zênite e a do meu paralelo, me faziam um ângulo reto esférico, disse e digo a verdade, mas foi por mal entendido o capítulo V. Sa., porque se tirar uma linha do meu zênite perpendicular a uma outra do paralelo da cidade de Lisboa, que dista da linha equinocial 40 graus, bem verá que [...] uma parte do mundo ou do círculo [...]; que não foi inconveniente tal razão demonstrando os graus da latitude que tinha ido.

Além disso, me caluniam porque eu disse que aqueles habitantes não estimam nem ouro nem outras riquezas que por nós são estimadas e tidas em grande apreço, arguindo que pelo contrário disto dissemos que compramos escravos deles: o que me parece demanda de tão pouco fundamento que em lhe responder sinto perda de tempo e consumir folha e tinta, que aquele que tal questão lhe dirigiu, mais adequado será chamá-lo metá mística que matemático; e, como disse, a vida deles é antes epicúria que estoica ou acadêmica, porque como digo, não têm bens próprios nem departamentos de reinos nem de províncias; em conclusão, tudo é comum, e se eles nos deram ou, como disse, nos venderam escravos, não foi a venda por preço pecuniário, mas quase que dados grátis, porque nos davam por um pente de madeira ou um espelho que não valiam 4 cobres, um cabresto de (homem) e tal espelho ou pente não nos teriam depois dado por todo o ouro do mundo. Tentamos mui-

tas vezes dar a eles crucifixos de ouro, anéis com pedras e não os quiseram; e querem esta condição. Que pedindo nós a eles as coisas mais caras que tinham, sem outra recompensa davam-nas. E posso lhe testemunhar disto: que quando fui descobrir para o rei de Castela, na segunda viagem topamos com uma terra onde obtivemos 119 peças de pérolas, que foram em Castela estimadas em 15 mil ducados e não pense que nos custassem o valor de 10. E eu com um chocalho que dei a um índio, deu-me 157 pérolas que valiam mil ducados: e não pense que lhe parecesse tê-las vendido mal, porque no momento em que teve em mãos o chocalho o pôs na boca e tomou seu caminho por um bosque e não o vi mais: creio que temia que eu me arrependesse; e muitas outras coisas aconteceram que lhe pareceriam espantosas se as narrasse. Assim concludo que todas as suas riquezas consistem em plumas, em ossos de peixe e em outras parecidas: não como riquezas, mas para se enfeitarem quando vão para os seus jogos ou à guerra. Porque digo que guerreiam um povo com outro e que se aprisionam, poderá parecer ao detrator que eu me contradiga, porque o guerrear e o aprisionarem-se não podem proceder se não da vontade de dominar ou da cobiça de bens temporais. Saiba que por nenhuma dessas razões o fazem; e quis saber deles a causa das suas guerras e me responderam nada saberem salvo que desde os tempos antigos os seus pais assim faziam e por recordação deles a eles deixada; nenhuma outra razão me deram, e eu creio que o façam para se comerem um a outro como fazem, sendo a eles comum comer carne humana: hábito cruel e irracional. Disto já é o bastante.

Ainda me pergunta quando passei a linha equinocial como me governava a bússola ou a agulha e não o íman. Respondo-lhe que todavia me guiava pela tramontana, exceto que tomava um quarto de noroeste; e isto sabemos, porque

sempre a extremidade da agulha media o polo antártico ainda que tomasse um quarto de siroco, e sempre navegamos com uma mesma agulha: e em conclusão o íman não varia em coisa alguma a mais para o meridiano que para o setentrão. Quanto à descrição do clima, V. Sa. me diz que havia razão que o assinalasse exatamente; do que me maravilho de não ter respondido por mim. Porque, se nós neste hemisfério temos o princípio, meio e fim de cada clima e os planetas vão pelas suas órbitas assim num hemisfério como noutro, e as estrelas da oitava esfera [...]; de modo que poderia dar por resposta que o princípio, meio e fim do primeiro e sétimo clima seja naquela latitude da linha equinocial como são neste nosso hemisfério. E disto lhe baste.

Quanto ao arco semidiurno e seminoturno e a declaração do tempo em que estive naquelas partes, parece-me que seja uma pergunta de pouca valia e menos substância; porque tendo estado naquela parte 9 meses e 7 dias, vi todos os arcos de brevidade e de demora dos dias e das noites, e não sei que ignorante lhe pergunta tal coisa acerca de uma carta familiar, que para dizer a verdade me faz vangloriar parecendo-me que a minha carta seja tida como grande composição, quando tenho-a escrito ao acaso e como se escrevem as cartas familiares. Mas, contudo, tenho esperança na divina bondade e, dando-me Deus vida ainda três anos, de escrever alguma coisa pela qual viva eu algum tempo depois da morte, com a ajuda d'algum douto. E quanto aos arcos semidiurnos e seminoturnos, muitas vezes os notei, igualando o movimento do sol e medindo o seu arco com o relógio, e não digo um dia somente, mas 50, como muitos sabem [...].



Vespucci Observando as Constelações do Hemisfério Sul.  
Gravura publicada junto com a *Mundus Novus* em Florença, em 1,745

## 1.5 O Novo Mundo (*Mundus Novus*) – Carta de 1503

Américo Vespucci saúda Lorenzo Pier de' Medici:

Dias passados lhe escrevi bastante amplamente do meu retorno daqueles novos lugares, os quais com a armada e com as despesas e mandado deste sereníssimo rei de Portugal procuramos e descobrimos, os quais é lícito chamar Novo Mundo. Porque dentre os nossos antepassados não se teve conhecimento de nenhum deles, e a todos aqueles que ouvirem isto será coisa novíssima. Visto que isto excede a opinião de

nossos antepassados, uma vez que a maior parte deles diz que além da linha equinocial para o meio-dia não há continente, mas somente o mar, ao qual chamaram Atlântico; e se algum dentre eles afirmou ali haver continente, negou por muitas razões ser aquela terra habitável. Mas que essa opinião fosse falsa e totalmente contrária à verdade, esta minha última navegação demonstrou, visto que naquelas regiões meridionais descobri um continente habitado de mais frequentes povos e animais do que a nossa Europa, ou Ásia, ou África, e ainda o ar mais temperado e ameno que em qualquer outra região por nós conhecida, como mais abaixo saberá, onde brevemente escreveremos somente as coisas principais e mais dignas de anotação e de memória; as quais por mim foram vistas ou ouvidas neste Novo Mundo, como abaixo serão manifestadas.

Com feliz navegação a 14 dias do mês de maio de 1.501 partimos de Lisboa, por ordem do mencionado Rei, com 3 navios a buscar novos países para o austro. Navegamos continuamente vinte dias para o meio-dia. Dessa navegação a ordem é tal. A nossa navegação foi pelas ilhas Afortunadas, assim antes chamadas, mas que atualmente se chamam ilhas da Grande Canária, as quais estão no terceiro clima e nos confins do ocidente habitado. Em seguida, pelo oceano, percorremos todo o litoral africano e parte do etiópico até o promontório Etíope, assim dito por Ptolomeu, o qual agora pelos nossos é chamado cabo Verde, e dos Etíopes Biseghier, e aquela região Mandraga, 14 graus dentro da tórrida zona da linha equinocial para a setentrional, a qual é habitada por gente e povos negros. Ali, retomadas as forças e as coisas necessárias à nossa navegação alçamos as âncoras e içamos as velas aos ventos, e tomamos nossa viagem pelo larguíssimo oceano para o polo Antártico, ligeiramente para o ocidente, pelo vento que se chama vulturo; e do dia em que partimos do

dito promontório, navegamos pelo espaço de dois meses e três dias, antes que alguma terra a nós aparecesse. Na verdade, naquela extensão de mar, quantos perigos de naufrágios sofremos, e quantas incomodidades físicas suportamos, quantas ansiedades afligiram nossas almas, deixo à estimação daqueles que o conheceram muitíssimo bem por experiência, o que seja buscar coisas incertas e investigar as desconhecidas. Com o propósito de resumir tudo em poucas palavras, saiba que dos 67 dias durante os quais navegamos, 44 continuamente, tivemos chuvas, trovões e relâmpagos e em tal modo escuros que não vimos nem o sol no dia, nem o sereno na noite. Por isso, entrou em nós tão grande pavor que quase toda a esperança de vida tínhamos já perdido.

Nessas verdadeiramente tão terríveis tempestades do mar e do céu quis o Altíssimo mostrar diante de nós o continente e novos países e um outro mundo desconhecido. A essa visão nos invadiu tanta alegria quanto cada um pode pensar que aconteça àqueles que chegam a salvo de várias calamidades e da má sorte. E exatamente no dia 07 de agosto de 1501 nas costas daqueles países jogamos as âncoras agradecendo o nosso Senhor Deus com solenes súplicas e celebrando uma missa cantada. Ali soubemos aquela terra não ser ilha, mas continente, porque se estende em longuíssimas praias não circundantes a ela e é repleta de infinitos habitantes. E descobrimos nela inúmeras pessoas e povos e todo gênero de animais silvestres que se encontram nos nossos países e muitos outros por nós nunca vistos, dos quais seria um longo referir um a um. Muitas coisas pela bondade de Deus foram derramadas a nós quando àquela região nos aportamos. Faltava-nos de fato a lenha e a água e não poderíamos continuar a viver no mar senão por poucos dias. A Ele demos graças, honra e glória.

Deliberamos navegar seguindo o litoral para oriente deste continente, sem jamais a vista dele abandonarmos. E imediatamente percorremo-lo, tão longamente que fizemos um ângulo reto e chegamos a um golfo onde a praia se voltava para o meio-dia; e daquele local, onde tocamos a terra pela primeira vez, até este golfo, foram cerca de 300 léguas. No espaço desta navegação, muitas vezes descemos a terra e conversamos amigavelmente com aquela gente, como abaixo compreenderá. Tinha me esquecido de lhe escrever que do promontório de Cabo Verde até o princípio daquele continente são cerca de 700 léguas, ainda que eu estime nós termos navegado mais de mil e oitocentas, parte por ignorância dos lugares e do piloto, e parte pelas tempestades e ventos, os quais impediam a nossa rota por linha reta obrigando-nos a diversas voltas. E se os companheiros não tivessem dirigido o ânimo a mim que conhecia a cosmografia, nenhum piloto ou comandante havia que a 500 léguas soubesse onde estávamos. Pois que íamos vagos e errantes, e somente os instrumentos dos altos corpos celestes aproximadamente nos mostravam a verdade e estes foram o quadrante e o astrolábio, como todos reconheceram. E assim daquele momento em diante todos grandemente me têm honrado. Pois lhes mostrei de fato que, sem conhecimento de uma carta de navegação, da ciência da navegação, insultei a todos os pilotos do universo mundo. Porque eles não conhecem senão os lugares pelos quais já navegaram muitas vezes.

Onde depois o dito ângulo da terra a nós indicou a volta do litoral para o meio-dia, conviemos navegar além e buscar o que existisse naqueles lugares. Navegamos depois seguindo o litoral cerca de 600 léguas; e muitas vezes descemos a terra e falávamos e conversávamos com os do país, e por eles éramos fraternalmente recebidos e com eles algumas vezes ficávamos com eles 15 ou 20 dias contínuos, como abaixo compreenderá.

Deste continente uma parte está na tórrida zona, além da linha equinocial para o polo Antártico: o seu princípio de fato começa a 8 graus além dessa equinocial. Seguindo esse litoral, navegamos tanto que, passado o trópico de Capricórnio descobrimos o polo Antártico, o seu horizonte mais alto 50 graus em relação àquele. E passamos próximos desse mesmo Círculo Antártico a 17 graus e meio e o que lá vi e soube da natureza daquela gente e dos seus costumes e da sua afabilidade, da fertilidade da terra, da salubridade do ar, da disposição do céu, dos corpos celestes e, principalmente, das estrelas fixas da oitava esfera, jamais pelos nossos antepassados vistas ou estudadas, mais abaixo narrarei.

Primeiramente, pois, quanto à gente. Tamanha multidão encontramos naqueles lugares, que ninguém enumerar poderia, como se lê no Apocalipse: gente, digo, mansa e tratável. Todos de um e outro sexo vão nus, sem cobrir nenhuma parte do corpo e assim como do ventre da mãe saíram, até a morte vão; Têm corpos grandes, ajustados, bem dispostos e proporcionados, e de cor declinando para o vermelho. O que penso que aconteça porque andando nus são tintos de sol. E têm também os cabelos grandes e negros. São no andar e nos jogos ágeis e de uma liberal e formosa face, a qual eles mesmos destroem.

Furam-se as faces e os lábios, as narinas e as orelhas. E não creia que aqueles furos sejam pequenos ou que um somente tenham. Vi alguns que têm somente na mesma face 7 furos, cada um deles era capaz de reter uma ameixa. E preenchem estes furos com pedras azuladas, marmóreas, cristalinas e de alabastro belíssimas, e com ossos branquíssimos, e outras coisas artificialmente trabalhadas segundo o seu costume. Porque se V. Sa. visse algo tão insólito e similar a um monstro, isto é um homem que tem somente nas fa-

ces e nos lábios o7 pedras, das quais muitas são do tamanho de meio palmo, não sem admiração ficaria. Frequentemente achei que estas sete pedras terem de peso 16 onças, sem contar que em cada orelha de o3 furos têm outras pedras pendentes de anéis; e este costume é somente dos homens. As mulheres não se furam a face, mas só as orelhas.

Um outro costume há entre eles muito grande e fora de toda humana crueldade. Pois que as suas mulheres sendo libidinosas, fazem inchar os membros de seus maridos a uma tal grossura que disformes parecem e brutais, e por causa deste artifício e da mordida de animais venenosos, muitos deles o perdem e ficam eunucos.

Não têm panos de lã, nem de linho, nem ainda de algodão, porque de nenhum desses têm necessidade; nem tampouco têm bens próprios, mas todas as coisas são comuns; vivem juntos sem rei, sem império e cada um é senhor de si, tomam quantas mulheres querem e o filho copula com a mãe, e o irmão com a irmã, e o primo com a prima que encontra. Cada vez que querem, rompem os matrimônios e entre eles ninguém observa ordem. O que dizer além? Vivem segundo a natureza, e se podem dizer epicúrios mais que estoicos. Não existem entre eles comerciantes, nem tampouco mercadejam coisas. Os povos guerreiam entre sem arte e sem ordem. Os mais velhos, com certas suas perorações, inclinam os jovens àquilo que querem e à batalha os incitam, na qual cruelmente juntos se matam, e os que trazem da batalha prisioneiros, não os matam, mas os alimentam para comê-los; comem-se de fato uns com os outros e os vencedores os vencidos; e, entre as carnes, a humana é para eles comum alimento. Asseguro- lhe disto, porque já está visto o pai comer os filhos e a mulher e eu mesmo um homem conheci, com o qual falei, que se vangloriava de ter comido mais de 300 corpos humanos. E ainda estive 27 dias em uma

certa cidade, onde vi pelas casas a carne humana temperada e suspensa às traves, como entre nós é usança atar o toucinho e a carne de porco. Muito mais eu digo: que eles se maravilham porque nós não comemos aos inimigos nossos e a carne daqueles não usamos nas comidas, a qual dizem ser saborosíssima.

As suas armas são o arco e as flechas e quando se afrontam nas batalhas não cobrem parte alguma do corpo para se defender, e nisso aos animais se assemelham. Nós, por quanto nos foi possível, nos esforçamos em dissuadi-los desses perversos costumes e eles a nós prometeram que os haveriam de deixar.

As mulheres, como lhe disse, ainda que nuas vaguem e libidinosas sejam, têm corpos muito formosos e aseados, nem tampouco tão feias quanto qualquer um talvez poderia estimar, porque, ainda que carnosas sejam, falta a fealdade, a qual para a maior parte está dissimulada pela qualidade da corpulência. Pareceu-nos uma coisa milagrosa que nenhuma delas tivesse as mamas caídas; e aquelas que tinham parido pela forma do ventre em nada se diferenciavam das virgens, e nas outras partes do corpo semelhante pareciam, as quais por honestidade prudentemente omito. Quando com os cristãos podiam se unir, conduzidas pela sua demasiada libido, toda sua pudicícia contaminavam e deitavam. Vivem 150 anos e raras vezes adoecem, e se em qualquer adversa enfermidade incorrem, curam-se a si mesmos com certas raízes de ervas.

Estas são as coisas mais notáveis que conheci estando com eles. O ar lá é muito temperado e bom, e como por informação deles eu pude saber, jamais houve lá peste ou doença alguma, a qual viesse do ar corrompido; e se não de morte violenta morrem, por uma longa vida vivem: creio porque ali sempre sopram ventos austrais e principalmente aquele que nós chamamos euro, o qual é seja para eles que para nós Aqui-

lão. Deleitam-se em pescar e aquele mar é rico de toda espécie de peixe. Não são caçadores, penso, porque havendo ali muitas espécies de animais selvagens, e principalmente leões e ursos e de inumeráveis serpentes e outras horríveis e disformes feras, e também porque existem lá selvas enormes e árvores de imensa altura, não ousam entrar, nus e sem coberturas e armas, expondo-se a tantos perigos.

Daqueles países a terra é muito fértil e amena e de muitas colinas, montes e infinitos vales e de enormes rios abundantes e de saudáveis fontes irrigada e de vastíssimas e densas selvas e dificilmente penetráveis, e de toda espécie de feras copiosamente cheia. As árvores chegam a grandes alturas sem cultivadores, as quais dão muitas frutas de gosto delicioso e ao corpo humano úteis, nenhuma verdadeiramente nociva; e ali nenhuma fruta é similar às nossas. Nascem lá inumeráveis espécies de ervas e de raízes, das quais fazem pão e ótimas comidas. Têm também muitas sementes de todos os modos muito diversas das nossas.

Nenhuma espécie de metal lá se encontra, exceto o ouro, do qual aqueles lugares abundam, ainda que dele nada tenhamos trazido conosco nesta nossa primeira navegação. Os habitantes nos fizeram saber que existia uma grande quantidade de ouro no meio da terra e por eles não era estimado ou considerado algo de valor. Abundam as pérolas, como outras vezes lhe escrevi. Se quisesse recordar todas as pequenas coisas que lá existem, e escrever sobre as várias espécies de animais e da sua multidão, seria algo totalmente prolixo e sem medida. E seguramente creio que nosso Plínio não tenha tocado a milésima parte das espécies de macacos, do resto dos outros pássaros e do mesmo modo animais que existem nos lugares com tanta multiplicidade de aspectos e de cores, Policleto, artífice de renomada habilidade, seria incapaz de pintá-los.

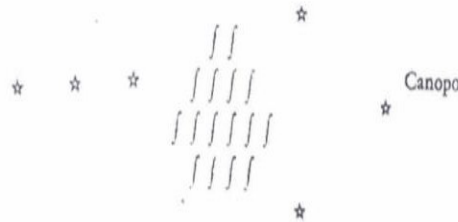
Ali todas as árvores aí são odoríferas, e cada uma emana de si goma, ou óleo, ou algum licor, cujas propriedades se fossem por nós conhecidas, não duvido que seriam salutares aos corpos humanos. A sua localização, como disse, é no meio-dia, com tanta temperança de ar que ali não existem nem invernos gélidos, nem verões quentes. O céu e o ar na maior parte do ano são serenos e privados de grossos vapores. Ali as chuvas caem finas e duram por 3 ou 4 horas, e se desfazem sob a forma de nevoeiro.

O céu é ornado de belíssimos signos e figuras, entre os quais eu notei cerca de 20 estrelas de tanta claridade assim como uma vez vimos Vênus e Júpiter. Os movimentos e as circunvoluções delas eu considerei e delas medi a circunferência e diâmetros com métodos de geometria, e vi serem elas de maior grandeza. Vi naquele céu 3 Canopos, 2 seguramente claros e outro obscuro.

O polo antártico não está representado pela Usa Maior e Menor, como o nosso Ártico aparece, nem próxima a ele se vê qualquer clara estrela; e dessas que em torno dele com uma breve circunferência são impulsionadas, 3 são as que têm a figura do triângulo perpendicular, das quais a que está no meio tem 9 e meio graus de circunferência; e quando elas nascem da esquerda, vê-se um Canopo branco de notável grandeza; as quais quando a meio céu chegam têm esta figura:



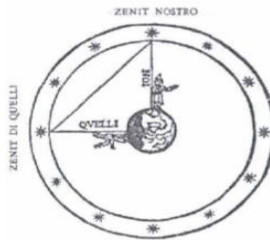
Depois desta vêm outras duas, das quais a que está no meio tem de circunferência o diâmetro de doze e meio graus, e com elas se vê outro Canopo branco. E a este sucedem outras 06 estrelas belíssimas e claríssimas entre todas as outras da oitava esfera, as quais na superfície do firmamento aquela que está no meio tem o diâmetro da circunferência de 32 graus; e com elas vai um Canopo negro de uma grande magnitude. São visíveis na Via Láctea, e têm uma figura deste tipo quando estão na linha meridional.



Muitas outras estrelas belíssimas conheci, das quais os movimentos diligentemente anotei, e muito bem descrevi graficamente num certo livreto meu nesta minha navegação, o qual, porém, no momento detém este Sereníssimo Rei, o qual espero mo restituirá.

Naquele hemisfério vi coisas que contradizem a razão dos filósofos. Uma Íris branca perto de meia-noite duas vezes não somente por mim foi vista, mas por todos os marinheiros. Do mesmo modo muitas vezes vimos a lua nova no dia em que se conjugava com o sol. Toda noite naquela região do céu cruzam muitíssimos vapores e fachos ardentes. Disse-lhe um pouco antes: naquele hemisfério, que todavia, propriamente falando, não é inteiramente como o nosso mas porque se parece com esta forma, assim me pareceu lícito chamá-lo.

Então, como lhe disse, de Lisboa, de onde nós partimos, que está distante da linha equinocial 39 graus e meio, navegamos além da Linha equinocial por 50 graus, os quais somados fazem cerca de 90 graus; cuja soma alcança a 4<sup>a</sup> parte do sumo círculo, segundo a legítima razão da medida transmitida pelos nossos antigos, é manifesto que nós tenhamos navegado a 4<sup>a</sup> parte do mundo. E por essa razão nós, os que habitamos em Lisboa, do lado de cá da linha equinocial 39 graus e meio da latitude meridional, angularmente 5 graus na linha transversal. E para que V. Sa. isso mais claramente entenda, a perpendicular linha, a qual enquanto nós estamos retos do eminente ponto do céu ao vértice nosso pende para a nossa cabeça, para aqueles cai ao lado ou nas costas. Isto demonstra que nós estamos na linha reta, mas eles na linha transversal, e se forma uma espécie de triângulo perpendicular; de cuja nós temos o cateto, eles, ao invés, a base e a hipotenusa do nosso vértice se estende a eles, como está manifestado na figura. Bastem estas coisas sobre a cosmografia.



Estas foram as coisas mais notáveis que eu vi nesta minha última navegação, à qual chamo a Terceira Jornada; enquanto as outras duas jornadas eu fiz por ordem do Sereníssimo Rei da Espanha, para o ocidente. Nas quais eu anotei milagrosas coisas feitas por Deus, sublime criador de tudo. De todas as coisas notáveis fiz um diário para que, se alguma vez me fosse dado um momento de ócio, poderia reunir todas

essas coisas singulares e maravilhosas, e escrever um livro ou de geografia, ou de cosmografia, para que a minha lembrança passe à posteridade e se conheça tão imenso artifício de Deus onipotente, aos amigos em parte desconhecidos, mas não a mim. Rogo, pois, ao clementíssimo Deus que me prolongue os dias de vida, para que com sua boa graça e com salvação da alma possa cumprir a ótima disposição desta minha vontade. As outras duas jornadas em meu santuário mas reservo, e me restituindo este Sereníssimo Rei a Terceira Jornada, tentarei retornar à pátria e à quietude, onde com os peritos conferir e confortado e ajudado pelos amigos, esforçar-me-ei para aperfeiçoar esta obra.

Eu lhe peço perdão se não lhe transmiti esta minha última navegação, ou melhor, última jornada, como pelas minhas últimas cartas lhe havia prometido. V. Sa. conhece a razão, enquanto deste Sereníssimo Rei nem pude reaver os protótipos.

Eu penso que ainda farei a quarta jornada; e agora me foram prometidas 02 naves com os seus armamentos para preparar-me a buscar novos lugares pelo meio-dia pelo oriente, pelo vento que se chama Áfrico. Nessa viagem penso de fazer muitas coisas em louvor a Deus e úteis a este reino e em honra da minha velhice; e não espero mais nada, senão a licença deste Sereníssimo Rei. O que acontecer o saberá.

O intérprete Giocondo traduziu esta carta do italiano ao latim para que todos os Latinos saibam quantas coisas maravilhosas todos os dias se descobrem e se abaixe a audácia daqueles que queiram perscrutar o céu e a majestade e saber mais do que é lícito, quando desde tanto tempo que o mundo começou não se encontrou a grandeza da terra e o que nela se contém.



N



S

## CAPÍTULO 2

# CARTA DEFINITÓRIA DA EXPERIÊNCIA DAS VIAGENS DE AMÉRICO VESPÚCIO

### **2.1 A Carta - 04 de setembro 1504**

Podemos afirmar que esta é a “carta magna” que Américo Vespúcio muito sabiamente escreveu para narrar sobre suas 4 viagens principais, e assim, estão os feitos e os efeitos das viagens do exímio navegador.

#### *2.1.1 Primeira Viagem*

Américo Vespucci, a Pier Soderini, de Lisboa, em 04 de setembro de 1504

Magnífico Senhor, depois da humilde reverência, e devidas recomendações, etc.

Poderá ser que Vossa Magnificência se maravilhará da minha temeridade e de sua conhecida sabedoria, que tão absurdamente eu me mova a escrever a Vossa Magnificência a presente carta tanto prolixa, sabendo que continuamente Vossa Magnificência está ocupada nos altos conselhos e

negócios sobre o bom regimento dessa excelsa República. E me terá não somente presunçoso, fed etiam perozioso em me pôr a escrever coisas não convenientes ao seu estado, nem agradáveis, e com bárbaro estilo escritas, e fora de toda ordem de humanidade, mas a confiança que tenho nas suas virtudes e na verdade do meu escrever, que são coisas que não se encontram escritas nem pelos antigos, nem pelos modernos escritores, como posteriormente conhecerá V. Mag.<sup>a</sup>, me faz ser ousado.

A causa principal que me moveu a lhe escrever, foi por rogo do presente portador, que se diz Benvenuto Benvenuti, nosso florentino, muito servidor, de Vossa Mag.<sup>a</sup> e muito amigo meu, segundo se demonstra; o qual se encontrando aqui nesta Cidade de Lisboa, me rogou que eu fizesse parte a Vossa Mag.<sup>a</sup> das coisas por mim vistas em diversas plagas do mundo, pela virtude de quatro viagens que fiz para descobrir novas terras; e duas, por mando do Rei de Castela Dom Fernando Rei VI, pelo grande golfo do Mar Oceano para o ocidente, e outras duas, por mandato do poderoso Rei Dom Manuel, Rei de Portugal, para o austro; Dizendo-me que Vossa Mag.<sup>a</sup> disso tiraria prazer e que nisto esperava servi-lo. A razão pela qual me dispus a fazê-lo, porque estou certo que Vossa Mag.<sup>a</sup> me tem no número dos seus servidores, recordando-me como no tempo da nossa juventude era seu amigo e ora servidor, e indo ouvir os princípios de gramática sob a boa vida e doutrina do venerável religioso frade de S. Marco, Giorgio Antonio Vespucci, cujos conselhos e doutrina quisesse Deus eu tivesse seguido, que como diz o Petrarca, eu seria um homem diferente do que eu sou.

De qualquer modo, não me queixo, porque sempre me deleitei em coisas virtuosas; e ainda que estas minhas histórias não sejam convenientes às suas virtudes, dir-lhe-ei

como disse Plínio a Mecenas: *voi sollevate in alcun tempo, pigliare piacere delle mie ciancie*. Ainda que V. Mag.<sup>a</sup> esteja continuamente ocupada nos negócios públicos, alguma hora tirará de descanso para consumir um pouco de tempo nas coisas ridículas, ou deleitosas e, como se costuma pôr a ervadoce em cima das deleitáveis comidas para dispô-las à melhor digestão, assim poderia, para descanso de tantas suas ocupações mandar ler esta minha carta, para que lhe ponham um pouco a par do contínuo cuidado e assíduo pensamento das coisas públicas; e se serei prolixo, peço vênia, Magnífico Senhor meu.

Vossa Magnificência saberá, que o motivo da minha vinda a este Reino de Espanha foi para tratar mercadorias, e como seguisse neste propósito cerca de quatro anos, nos quais vi e conheci os variados movimentos da fortuna, e como movimentava esses bens efêmeros e transitórios, e como um tempo tem o homem no topo da roda, e outro o repele de si, e o priva dos bens, que se podem dizer emprestados; de modo que sabido o contínuo trabalho que o homem põe em conquistá-los, submetendo-se a tantas incomodidades e perigos, decidi deixar o comércio e por o meu fim em coisas mais louváveis e firmes: e foi assim que me dispus a ir ver parte do mundo, e as suas maravilhas. E a isto se me ofereceu tempo e lugar muito oportunos, que foi quando tendo o Rei Dom Fernando de Castela de mandar quatro naves a descobrir novas terras para o ocidente, fui eleito por Sua Alteza que eu fosse nessa frota para ajudar a descobrir.

E partimos do porto de Cádiz no dia 10 de maio de 1.497 e pegamos nosso caminho pelo grande golfo do Mar Oceano; nessa viagem estivemos 18 meses, e descobrimos muita terra firme e infinitas ilhas e grande parte delas habitadas, que os antigos escritores delas não falam, creio porque

delas não tiveram notícia; que, se bem me recordo, em algum li, que esse Mar Oceano, era mar sem gente; e desta opinião foi Dante, nosso poeta, no 26º capítulo do Inferno, onde finge a morte de Ulisses. Nessa viagem vi coisas de muita maravilha, como compreenderá Vossa Mag.<sup>a</sup>

Como disse acima, partimos do Porto de Cádiz quatro naves em comboio e começamos nossa navegação em direção às Ilhas Afortunadas, que hoje se dizem a Grande Canária, que estão situadas no Mar Oceano no fim do ocidente habitado, postas no terceiro clima; acima das quais se alça o polo do Setentrião fora do seu horizonte 27 graus e meio e distam desta Cidade de Lisboa 280 léguas, pelo vento entre meio-dia, e sudoeste; onde estivemos oito dias, provendo-nos d'água e lenha e das outras coisas necessárias. E daí, feitas as nossas orações, nos levantamos e demos as velas ao vento, começando a nossa navegação pelo poente, pegando uma quarta de sudoeste; e tanto navegamos, que ao fim de 37 dias fomos ter a uma terra, que julgamos ser terra firme, a qual dista das Ilhas de Canária mais ao ocidente a cerca de mil léguas fora do habitado dentro da tórrida zona, porque encontramos o polo do Setentrião alçar-se fora do horizonte 16 graus, e mais ocidental que as Ilhas Canárias, segundo o que mostravam nossos instrumentos, 75 graus; no qual ancoramos com as nossas naves a légua e meia da terra e atiramos fora os nossos batéis, e apinhados de gente e de armas, fomos na direção da terra.

E antes que chegássemos a ela, vimos muita gente que ia ao longo da praia, pelo que nos alegramos muito, e descobrimos ser gente desnuda. Demonstraram ter medo de nós; creio porque nos viram vestidos e de outra estatura. Recolheram-se todos a um monte e, conquanto sinais de paz e de amizade fizéssemos a eles, não quiseram vir conversar

conosco, de modo que já vinda a noite e porque as naves estavam ancoradas em lugar perigoso, por estar em costa brava e sem abrigo, resolvemos no outro dia irmo-nos daí e ir procurar algum porto ou enseada onde assegurássemos as nossas naves; e navegamos pelo mistral, que assim se corria a costa sempre à vista da terra, continuamente na viagem vendo gente na praia; tanto que, depois de termos navegado dois dias, encontramos muito seguro lugar para as naves, e ancoramos a meia-légua da terra, onde vimos muita gente.

E nesse mesmo dia fomos a terra com os batéis e saltamos a ela bem 40 homens em boa ordem; e a gente da terra todavia se mostrava esquiva da nossa conversação e não podíamos tanto lhes assegurar que viessem falar conosco; e naquele dia tanto trabalhamos dando a eles das coisas nossas, que foram guizos e espelhos, cintos, dragonas e outras ninharias, que alguns deles se asseguraram e vieram tratar conosco; e feita com eles boa amizade, vinda a noite, nos despedimos deles, e tornamos às naves. E no outro dia, quando surgiu a aurora vimos que na praia estava uma infinidade de pessoas e tinham com eles as suas mulheres e filhos. Fomos a terra, e descobrimos que todos vinham carregados dos seus mantimentos, que são tais como em seu lugar se dirá. E antes que chegássemos a terra, muitos deles se lançaram a nado e vieram nos receber a um tiro de besta no mar, que são ótimos nadadores, com tanta segurança, como se houvéssemos com eles tratado muito tempo; e dessa sua segurança tivemos prazer.

Quanto a sua vida e costumes conhecemos que todos vão nus, seja os homens como as mulheres, sem cobrir vergonha nenhuma, senão como saíram do ventre de suas mães. São de mediana estatura, muito bem proporcionados.

As suas carnes são de cor que tende para o vermelho como o pelo do leão; e acho que, se eles andassem vestidos, seriam brancos como nós. Não têm no corpo pelo algum, salvo que são de longos e negros cabelos, e principalmente as mulheres, o que as faz muito formosas. Não são muito belos de face, pois têm o rosto largo, que querem parecer ao tártaro. Não se deixam crescer pelo nenhum dos cílios, nem nas coberturas dos olhos, nem em outra parte, salvo aqueles da cabeça, que têm os pelos por coisa feia.

São muito ligeiros no andar e no correr, sejam os homens como as mulheres, que não se importa uma mulher em correr uma légua, ou duas, que muitas vezes o vimos; e nisto levam vantagem enorme sobre nós cristãos. Nada além de toda expectativa e melhor as mulheres que os homens, porque os encontramos e vimos muitas vezes duas léguas adentro do mar e sem apoio algum irem nadando. As suas armas são arcos e flechas muito bem fabricados, salvo que não têm ferro, nem outro gênero de metal forte; e no lugar de ferro põem dentes de animais, ou de peixes, ou um ramo de árvore forte enrolado na ponta. São atiradores certos, que onde querem, atiram; e em uma região usam esses arcos as mulheres. Outras armas têm, como lanças apontadas ao fogo, e outros bastões com cabeças muito bem trabalhadas.

Usam a guerra entre eles com gente que não é da sua língua muito cruelmente, sem perdoarem a vida a ninguém senão para maior pena. Quando vão à guerra, levam com eles as suas mulheres não para que guerreiem, mas porque carregam o mantimento; que leva uma mulher às costas uma carga, que não a levaria um homem, trinta, ou quarenta léguas: o que muitas vezes vimos. Não têm capitão algum, nem vão com ordem, que cada um é senhor de si; e a causa das suas guerras não é a cupidez de reinar, nem de alargar as suas

fronteiras, nem por cobiça desordenada, senão por uma antiga inimizade, que pelos tempos passados houve entre eles; e perguntados por que guerreavam, não nos sabiam dar outra razão, senão de que o faziam para vingar a morte dos seus antepassados, ou dos seus pais. Estes não têm Rei, nem senhor, nem obedecem a ninguém, e vivem em sua própria liberdade; e quando se movem para ir à guerra é que, quando os inimigos mataram ou capturaram alguns deles, levanta-se o seu parente mais velho e vai rezando pelos caminhos para que vão com ele vingar a morte daquele parente seu, e assim se movem por compaixão.

Não usam justiça, nem castigam o malfeitor; nem o pai nem a mãe castigam os filhos e, por maravilha ou não, jamais vimos fazerem contendas entre eles. Mostram-se simples no falar, e são muito maliciosos e agudos no que lhes convém; falam pouco e com voz baixa; usam os mesmos acentos como nós, porque formam as palavras ou no palato, ou nos dentes, ou nos lábios; salvo que usam outros nomes para as coisas. Muitas são as diversidades das línguas, que de cem em cem léguas encontramos mudanças de língua, que não se entendem uma com a outra. O modo do seu viver é muito bárbaro, porque não comem a horas certas, e tantas vezes quantas querem e não lhes importa muito que a vontade lhes venha mais à meia-noite que de dia: a toda hora comem. E o seu comer é no solo sem toalha, ou outro pano algum, porque têm as suas comidas ou em vasilhas de terra que fazem, ou em metades de cabaças. Dormem em certas redes feitas de algodão muito grandes suspensas no ar; e ainda que este seu dormir pareça mal, digo que é doce dormir nelas, e melhor dormíamos nelas que nos colchões. São limpos e asseados dos seus corpos, por tanto continuarem a se lavar como fazem; quando descarregam com respeito o ventre, fazem tudo

para não serem vistos, e tanto quanto nisto são asseados e têm asco, para os líquidos são outro-tanto sujos e sem vergonha, porque, estando falando conosco, sem se volverem, ou se envergonharem deixam sair tal fealdade, e disto não têm vergonha alguma.

Não contraem entre eles matrimônio, cada um toma quantas mulheres quer e, quando as quer repudiar, as repudia sem que isso seja tido por injúria, ou para a mulher vergonha, que nisto tanta liberdade tem a mulher quanto o homem. Não são muito ciumentos e exageradamente luxuriosos, e muito mais as mulheres que os homens, que se deixa por honestidade de lhe dizer o artifício que lhes fazem para contentarem a sua desordenada luxúria. São mulheres muito fecundas e nas suas gravidezes não se preocupam de fadiga alguma; os seus partos são tão rápidos que paridas de um dia, vão fora para tudo, e principalmente a se lavarem nos rios, e ficam sãs como peixes. São tão desafeiçoadas e cruéis que se se aborrecem com os seus maridos, subitamente fazem um artifício com o qual matam a criatura no ventre, e abortam, e por essa causa se matam uma infinidade de criaturas. São mulheres de gentil corpo, muito bem proporcionadas, que não se vê nos seus corpos coisa ou membro mal feito; e ainda que de todo andem desnudas, são mulheres carnosas e das vergonhas delas não se vê aquela parte que pode imaginar quem não as viu, que tudo recobrem com as coxas, salvo aquela parte, que a natureza não proveu, que é honestamente falando, o púbis. Em conclusão não têm vergonha das suas vergonhas, não de outro modo que nós temos em mostrar o nariz e a boca. Por maravilha verias os seios caídos numa mulher, ou por muito parir o ventre caído, ou outras pregas, que todas parecem que nunca pariram. Mostravam-se muito desejosas de juntarem-se com nós cristãos.

Nessa gente não soubemos que tivessem lei alguma, nem se pode dizê-los mouros, nem judeus, e piores que pagãos, porque não vimos que fizessem sacrifício algum, nec etiam<sup>7</sup> têm casa de oração. A sua vida julgo ser epicurista. As suas habitações são em comunidade, e as suas casas feitas à moda de cabanas, mas fortemente feitas, e fabricadas com enormes árvores, e cobertas de folhas de palma, seguras das tempestades e dos ventos, e em alguns lugares de tanta largura e comprimento, que numa só casa achamos que estavam seiscentas almas; e povoações vimos de somente treze casas, onde estavam quatro mil almas. De oito em dez anos mudam as povoações; e perguntado por que o faziam, por causa do solo que já das imundícies estava infecto e corrompido, e que causava dores nos seus corpos: o que nos pareceu boa razão.

As suas riquezas são penas de pássaros de várias cores, ou rosários que fazem de ossos de peixe, ou em pedras brancas, ou verdes, as quais se metem pelas bochechas ou pelos lábios e orelhas; e de outras muitas coisas que nós em coisa alguma as estimamos. Não usam comércio, nem compram, nem vendem. Em conclusão vivem e se contentam com aquilo que lhes dá a natureza. As riquezas que nesta nossa Europa e noutras partes usamos, como ouro, joias, pérolas e outras divisas, não as têm em coisa alguma; e ainda que nas suas terras as possuam, não trabalham para tê-las, nem as estimam. São liberais no dar, que por maravilha negam alguma coisa, e em compensação liberais no pedir, quando se mostram amigos. Pelo maior sinal de amizade que demonstram é que nos dão as mulheres suas, e as suas filhas; e se sentem grandemente honrados quando um pai ou uma mãe, trazendo uma sua filha, ainda que seja moça virgem, que durma com ela; e nisto usam todo termo de amizade.

Quando morrem, usam vários modos de exéquias, a alguns enterram com água e as suas comidas na cabeceira, pensando que tenham o que comer; não têm, nem usam cerimônias de velas, nem de prantos. Em alguns outros lugares usam o mais bárbaro e inumano enterro, que é: quando um doente, ou enfermo está quase no último passo da morte, os seus parentes o levam a um grande bosque, e penduram uma daquelas suas redes onde dormem, em duas árvores, e depois o põem nela, e dançam em torno a ele todo um dia, e vinda a noite, põem à sua cabeceira água com outras comidas, para que possa se manter por quatro, ou seis dias; e depois o deixam só, e voltam ao povoado; e se o enfermo se ajuda por si mesmo, e come, e bebe, e vive, volta ao povoado, e o recebem os seus com cerimônia; mas poucos são aqueles que escapam: sem que sejam outra vez visitados, morrem, e aquela é a sua sepultura. E muitos outros costumes têm, que por prolixidade não se diz.

Usam nas suas enfermidades vários tipos de medicinas, tão diferentes das nossas, que nos maravilhávamos que alguém se salvasse; que muitas vezes vi, que um enfermo de febre, quando a tinha em aumento, lhe banhavam com muita água fria da cabeça aos pés; depois lhe faziam um grande fogo ao redor, fazendo-o volver e revolver outras duas horas, tanto que o cansavam e o deixavam dormir, e muitos saravam. Com isto usam muito a dieta, ficam três dias sem comer, e da mesma maneira o sangrar-se, mas não dos braços e sim das coxas e das costas e das barrigas das pernas; também provocam o vômito com suas ervas que metem na boca; e outros muitos remédios usam, que seria longo contá-los.

Padecem muito de inflamações e no sangue por causa das suas comidas, que essencialmente são raízes de ervas e frutas e peixes. Não têm sementes de trigo, nem de outros

cereais e para o seu comum uso e comer utilizam uma raiz de uma árvore, da qual fazem farinha e é muito boa, e a chamam iuca, e outras que a chamam cazabi, e outros inhame. Comem pouca carne, salvo carne de homem, o que saberá Vossa Magnificência, que nisto são tão inumanos, que ultrapassam todo costume animal, porque se comem todos os seus inimigos que matam, ou apanham, tanto mulheres quanto homens, com tanta ferocidade, que ao dizer parece coisa brutal, quanto mais a ver como me ocorreu inúmeras vezes, e em muitas partes. E maravilhavam-se ouvindo-nos dizer que não comíamos os nossos inimigos. E isto o tenha por certo Vossa Magnificência. São tantos os outros seus bárbaros costumes, que ao contar parecem menores.

E porque nestas quatro viagens vi tantas coisas diferentes dos nossos costumes, me dispus a escrever uma miscelânea, a que chamo Le Quattro Giornate, na qual relatei a maior parte das coisas que eu vi, muito distintamente, segundo me permitiu o meu débil engenho; a qual não publiquei porque estou de tão má vontade com minhas próprias coisas, que não tenho gosto nessas que escrevi, ainda que muitos me confortem a publicá-la. Nelas se verá cada coisa em detalhe, assim que não me alongarei mais neste capítulo; porque no processo da leitura viremos a muitas outras coisas que são particulares, isto baste quanto ao universal.

Nesse princípio não vimos algo de muito proveito na terra, salvo alguma amostra de ouro; creio que o causava, porque não sabíamos a língua; pois quanto ao lugar e a disposição da terra, não se pode melhorar.

Resolvemos partir, e irmos mais adiante costeando continuamente a terra, na qual fizemos muitas escalas, e tratamos com muita gente e ao fim de certos dias fomos ter a

um porto, onde corremos enorme perigo, e quis o Espírito Santo nos salvar. E foi neste modo. Fomos a terra num porto, onde encontramos um povoado fundado sobre a água como Veneza: eram cerca de quarenta e quatro casas grandes em forma de cabanas assentadas sobre paus grossíssimos e tinham as suas portas ou entradas de casa em forma de pontes levadiças, e de uma casa se podia correr a todas, por causa das pontes levadiças que se estendiam de casa em casa; e logo que a gente delas nos viu, mostraram ter medo de nós, e subitamente alçaram todas as pontes; e estando a ver essa maravilha, vimos vir pelo mar cerca de 22 canoas, que são a maneira dos seus navios fabricados de uma só árvore; as quais vieram em volta dos nossos batéis, como se se maravilhassem da nossa efigie e roupas, e se tiveram ao largo de nós.

E estando assim, fizemos a eles sinais que viessem a nós, assegurando-lhes com gestos de amizade; e visto que não vinham, fomos a eles, e não nos esperaram, mas, foram a terra e com sinais nos disseram que esperássemos, e que logo voltariam. E foram pra trás de um monte, e não demoraram muito. Quando voltaram, trouxeram consigo dezesseis meninas das suas, e entraram com elas nas suas canoas, e vieram aos batéis, e em cada batel deixaram quatro delas que tanto nos maravilhamos deste ato, quanto pode pensar V. Mag.<sup>a</sup>. E eles se meteram com as suas canoas entre os nossos batéis, vindo conosco falando, de modo que isso julgamos sinal de amizade. E assim pensando, vimos vir muita gente pelo mar nadando, que vinham das casas; e como viessem se aproximando de nós não suspeitamos de nada, nisto se mostraram nas portas das casas certas mulheres velhas, dando enormes gritos e se puxando os cabelos, mostrando tristeza; o que nos fez suspeitar, e recorremos cada um às armas. E num repente as meninas que tínhamos nos batéis se lançaram ao mar, e

aqueles das canoas se afastaram de nós, e começaram com seus arcos a nos flechar; e aqueles que vinham a nado, cada um trazia uma lança debaixo d'água o mais coberta que podiam; de modo que percebida a traição, começamos não só a nos defender deles, mas asperamente a ofendê-los, e afundamos com os batéis, muitas das suas alamedias, ou canoas, que assim as chamam. Fizemos um massacre e todos se lançaram a nado, deixando abandonadas as suas canoas; e com muitos danos para eles foram nadando para a terra; morreram cerca de 15 ou 20 deles e muitos ficaram feridos, e dos nossos foram feridos 5 e todos se livraram graças a Deus. Pegamos duas das meninas e dois homens, e fomos às suas casas, e entramos nelas, e em todas não encontramos outra coisa além de duas velhas e um enfermo. Tiramos deles muita coisa, mas de pouco valor, e não quisemos queimar as suas casas, porque nos pareceu carga de consciência e voltamos aos nossos batéis com cinco prisioneiros; e fomos às naves, e metemos em cada um dos presos um par de ferros no pé, exceto às moças; e vinda a noite nos fugiram as duas meninas e um dos homens o mais sutilmente do mundo.

E no outro dia acordamos sair desse porto e ir mais adiante. Seguindo continuamente ao longo da costa, avistamos um outro povoado que podia estar distante daquele

80 léguas e os achamos muito diferente de língua e de costumes. Acordamos ancorar e fomos com os batéis a terra e vimos estar na praia muitíssima gente, que podiam ser cerca de 4.000 almas. E quando chegamos a terra, não nos esperaram, mas se puseram a fugir pelos bosques, abandonando as suas coisas. Saltamos a terra e fomos por um caminho que ia ao bosque, e no espaço de um tiro de besta encontramos as suas cabanas, onde haviam feito enormes fogueiras, e onde estavam cozinhando as suas comidas e assando muitos ani-

mais e peixes de muitas sortes; onde vimos que assavam um certo animal que parecia uma serpente, salvo que não tinha asas e na sua aparência tão feio que muito nos maravilhamos da sua veemência.

Andamos assim pelas suas casas, ou cabanas, e encontramos muitas dessas serpentes vivas e estavam amarradas pelos pés, e tinham uma corda em torno do focinho, que não podiam abrir a boca, como se faz aos cães alanos, para que não mordam. Eram de tão veemente aspecto, que nenhum dos nossos ousava tocar uma, pensando que eram venenosas.

São do tamanho de um cabrito e de comprimento uma braça e meia. Tem os pés longos e grossos e armados com fortes unhas; têm a pele dura, e são de várias cores. O focinho e cara têm de serpente e do nariz sai uma crista como uma serra, que passa pelo meio do dorso até a ponta da cauda. Em conclusão julgamo-las serpentes e venenosas. E comiam-nas.

Descobrimos que faziam pães de peixes pequenos que apanhavam do mar, dando neles primeiro uma fervura, amassando-os e fazendo pasta deles ou pão, e assavam-nos sobre as brasas; assim os comiam. Provamo-los e achamos que era bom. Tinham tantas outras sortes de comidas, e principalmente de frutas e raízes, que seria muito longo contá-las em detalhe. E visto que eles não voltavam, decidimos não tocar, nem tomar deles coisa alguma para melhor lhes assegurar e deixamos para eles nas cabanas muitas coisas das nossas em lugar que pudessem vê-las, e voltamos à noite às naves.

E no outro dia quando vinha o amanhecer, vimos na praia inúmeras pessoas e fomos a terra. E ainda que de nós se mostrassem temerosos, todavia se afiançaram a tratar

conosco, dando-nos quanto lhes pedíamos; e se mostrando muito amigos de nós, nos disseram que essas eram as suas habitações, e que tinham vindo aí para fazer pescarias, e nos rogaram que fôssemos às suas casas e povoados, porque nos queriam receber como amigos; e se dispuseram a tanta amizade por causa dos dois homens que trazíamos presos, porque eram seus inimigos. De modo que, vista tanta a sua insistência, feito nosso conselho, resolvemos 28 de nós cristãos irmos com eles bem prevenidos e com firme propósito, se necessário fosse, morrer. E após havermos estado ali quase três dias, fomos com eles pela terra adentro e a três léguas da praia demos com um povoado de muita gente e de poucas casas, porque não eram mais que nove; onde fomos recebidos com tantas e tão bárbaras cerimônias, que não basta a pluma a escrevê-las: que foi com as danças, e cantos, e lamentos mesclados de alegria, e com muitas comidas. E aí estivemos a noite, onde nos ofereceram as suas mulheres, que não podíamos nos defender delas.

E depois de termos estado aí a noite e meio outro dia, foram tantos os povos que por admiração nos vinham ver, que eram sem conta; e os mais velhos nos rogavam que fôssemos com eles a outros povoados, que estavam mais adentro da terra, mostrando nos fazerem grandes honras, por onde acordamos ir. E não lhe é possível dizer quantas honras nos fizeram. E fomos a muitas populações, tanto que demoramos nove dias na viagem, e já os nossos cristãos que haviam ficado nas naves estavam preocupados conosco. E estando cerca de 18 léguas no interior da terra, deliberamos tornarmo-nos às naves; e no retorno era tanta gente, tanto homens como mulheres que vieram conosco até o mar, que foi algo admirável. E se algum dos nossos se cansava do caminho, nos levavam nas suas redes muito comodamente e ao passar os rios,

que são muitos e muito grandes, com seus artifícios nos passavam tão seguros, que não corríamos perigo algum, e muitos deles vinham carregados das coisas que nos tinham dado, que estavam nas suas redes de dormir e plumagens muito ricas, muitos arcos e flechas, e infinitos papagaios de várias cores. E outras traziam com eles carregadas dos seus mantimentos e de animais. O que de mais belo lhe direi: que por bem-aventurado se tinha aquele que, havendo de passar uma água, podia portar-nos às costas.

E chegados ao mar, vindo nossos batéis, entramos neles. E era tanto o tropel que eles faziam para entrar nos batéis e vir ver as nossas naves que nos admiramos e com os batéis levamos deles quantos pudemos, e fomos às naves. E tantos vieram a nado que ficamos loucos ao vermos tanta gente nas naves, que eram mais de mil almas todos nus e sem armas, admirando-se dos nossos aparelhos e artifícios e da grandeza das naves. E com esses nos ocorreu coisa bem de se rir, que resolvemos disparar alguma da nossa artilharia; e, quando saiu o estrondo, a maior parte deles por medo se lançou a nado: não de modo diferente do que fazem as rãs que estão nas margens que, vendo algo assustador, lançam-se no pântano, tal qual fez aquela gente. E os que ficaram nas naves, estavam tão assustados que nos arrependemos de tal fato; todavia lhes asseguramos dizendo a eles que com aquelas armas matávamos os nossos inimigos. E havendo folgado todo o dia nas naves, dissemo-lhes que se fossem, porque queríamos partir à noite, e assim se separaram de nós com muita amizade e amor, e se foram a terra.

Nessa gente e na sua terra conheci e vi tantos dos seus costumes e do seu modo de viver que não cuido de me estender nisso porque saberá V. Mag.<sup>a</sup> como em cada uma das minhas viagens anotei as coisas mais maravilhosas e tudo redu-

zi num volume em estilo de geografia, e intitulo-o Le Quattro Giornate; em cuja obra se contém as coisas em detalhe, e por ora não se produziu para fora cópia, porque me é necessário conferi-la.

Essa terra é povoadíssima e cheia de gente, e de infinitos rios, poucos animais são símiles aos nossos, salvo leões, panteras, cervos, porcos, veados e gamos; e estes ainda têm alguma diferença. Não têm cavalos, nem mulas, nem com reverência asnos, nem cães, nem sorte alguma de rebanho ovino, nem bovino; mas são tantos os outros animais que têm, e todos são selvagens, e de nenhum se servem para o seu serviço, que não se podem contar. Que diremos dos outros pássaros? Que são tantos e de tantas sortes e cores de plumas, que é admirável vê-los. A terra é muito amena e frutuosa, plena de enormes selvas e bosques, e sempre está verde, e nunca perde folha. As frutas são tantas, que são sem número, e totalmente diferentes das nossas. Esta terra está dentro da tórrida zona, junta ou embaixo do paralelo que descreve o trópico de Câncer, onde se alça o polo do horizonte 23 graus no fim do segundo clima. Vieram nos ver muitos povos e se maravilhavam da nossa efigie e da nossa brancura; e nos perguntaram donde vínhamos e dávamos a eles a entender que vínhamos do céu e que andávamos a ver o mundo, e o acreditavam. Nessa terra pusemos pia de batismo e muita gente se batizou, e nos chamavam na sua língua Carabi, que quer dizer Homens de grande sabedoria.

Partimos desse Porto, e a província se diz Lariab, e navegamos ao longo da costa sempre, à vista da terra, tanto que percorremos dela 870 léguas todavia para o mistral, fazendo muitas escalas e tratando com muita gente; e em muitos lugares obtivemos ouro, mas não muita quantidade, que bastante fizemos em descobrir a terra e de saber que tinham

ouro. Estávamos já 13 meses em viagem, e já os navios e os aparelhos estavam muito consumidos, e os homens cansados; De comum acordamos resolvemos encostar as naves na margem, e examiná-las para repará-las, porque faziam muita água, e calafetá-las e envernizá-las de novo, e tornarmo-nos para a direção da Espanha.

E quando isto deliberamos, estávamos no melhor porto do mundo, no qual entramos com as nossas naves, onde encontramos muita gente, a qual com muita amizade nos recebeu. E em terra fizemos um bastião com os nossos batéis e com tonéis e barricadas e nossa artilharia, que era usada para tudo; e descarregadas e aligeiradas as nossas naves, puxamo-las para terra, e corrigimo-las de tudo aquilo que era necessário. E a gente de terra nos deu enorme ajuda e continuamente nos provinha das suas comidas, que nesse porto pouco provamos das nossas, que nos prestaram grande serviço, porque tínhamos o mantimento para a volta pouco e estrito. Estivemos ali 37 dias, e fomos muitas vezes aos seus povoados, onde nos fizeram enormes honras.

E querendo partir para a nossa viagem, nos fizeram reclamos de como em certos tempos do ano vinha pelo mar a essa sua terra uma gente muito cruel, e deles inimiga, e com traições, ou com força matavam muitos deles, e os comiam, e alguns aprisionavam, e os levavam presos às suas casas, ou terra; e a duras penas podiam se defender deles, fazendo-nos sinais que eram gente das Ilhas, e podiam estar adentro no mar 100 léguas. E com tanta emoção nos diziam isso, que acreditamos neles e prometemo-lhes vingá-los de tanta injúria e eles ficaram muito alegres com isso; e muitos deles se ofereceram a ir conosco, mas não quisemos levá-los por muitas razões, exceto que levamos sete, com condição que voltassem depois de canoa, porque não queríamos obrigarnos a retorná-los à sua terra; e ficaram contentes.

E assim nos separamos dessa gente, deixando-os muito amigos nossos; remediadas nossas naves, navegamos sete dias pelo mar na direção do vento entre grego e levante; e ao cabo dos sete dias encontramos as ilhas, que eram muitas, e algumas povoadas, e outras desertas; e ancoramos numa delas, onde vimos muita gente que a chamava de Iti. E equipados os nossos batéis de boa gente e em cada um três tiros de bombardas, fomos dar a volta a terra; onde vimos estarem cerca de 400 homens e muitas mulheres, e todos desnudos como os passados. Eram de bom corpo e bem pareciam homens belicosos, porque estavam armados das suas armas, que são arcos, setas e lanças, e a maior parte deles tinha tabuazinhas quadradas; e de modo tal as punham, que não lhes impedia de atirar com o arco. E quando estávamos perto da terra com os batéis a um tiro de arco, todos saltaram na água a nos atiraram setas, impedindo-nos de saltar a terra. E todos estavam pintados e com seus corpos de diversas cores, e emplumados com penas; e nos diziam as línguas que conosco estavam, que quando assim se mostravam pintados e emplumados, davam sinal de querer combater; e tanto perseveraram em nos impedirem a terra, que fomos forçados a empregar a nossa artilharia; e quando ouviram o estrondo, e viram deles cair mortos alguns, todos bateram em retirada para a terra.

Pelo que, feito o nosso conselho acordamos saltar a terra 42 dos nossos e, se nos esperassem, combateríamos com eles. Assim saltando a terra com nossas armas, eles vieram a nós e combatemos cerca de uma hora, que pouca vantagem levamos deles, exceto que nossos arqueiros e atiradores matavam alguns, e eles feriram certos nossos. E isso era porque não nos esperavam nem ao alcance de lança, nem de espada; e tanta força pusemos ao fim, que viemos ao alcance

de espada e, como provassem as nossas armas, se puseram em fuga pelos montes e bosques, e nos deixaram vencedores do campo com muitos deles mortos e bastantes feridos. E por esse dia não nos esforçamos de outro modo em persegui-los, porque estávamos muito fatigados, e tornamos às naves com tanta alegria dos sete homens que conosco tinham vindo, que não cabiam em si.

E vindo o outro dia, vimos vir pela terra um grande número de gente, ainda com sinais de batalha, soando cornos, e outros vários instrumentos que eles usam nas guerras; e todos pintados e emplumados, e era coisa bem estranha vê-los. Porque todas as naves fizeram conselho e foi deliberado uma vez que essa gente queria conosco inimizade, que fôssemos medir-nos com eles, e de fazer de tudo para fazê-los amigos; em caso que não quisessem nossa amizade, que os tratássemos como inimigos, e que quantos pudéssemos pegar deles todos fossem nossos escravos. E armados como melhor podíamos, fomos para a terra, e não nos impediram de saltar em terra, creio por medo das bombardas; e saltamos em terra 57 homens em quatro esquadras, cada capitão com a sua gente; e fomos às mãos com eles e, depois de uma longa batalha, mortos muitos deles, pusemo-los em fuga, e os seguimos até uma aldeia, havendo aprisionado cerca de 250 deles, e queimamos o povoado, e voltamos com vitória e com 250 prisioneiros às naves, deixando neles muitos mortos e feridos, e dos nossos não morreu mais que um, e 22 feridos, e todos se livraram, Deus seja agradecido.

Ordenamos nossa partida, e os sete homens, cinco estavam feridos, tomaram uma Canoa da Ilha, e com sete prisioneiros que demos a eles, quatro mulheres e três homens, voltaram para a sua terra muito alegres, admirando-se das nossas forças. E nós assim içamos as velas para a Espanha

com 222 prisioneiros escravos; e chegamos ao Porto de Cádiz ao dia 14 de outubro de 1.498 onde fomos bem recebidos, e vendemos nossos escravos. Isto é aquilo que me ocorre nesta minha primeira viagem de mais notável.

### *2.1.2 Segunda Viagem*

Quanto à segunda viagem, e aquilo que nela vi mais digno de memória, é aquilo que se segue. Partimos do Porto de Cádiz três navios em comboio ao dia 16 de maio de 1.499 e começamos nosso caminho diretamente às ilhas do Cabo Verde, passando à vista da Ilha de Grande Canária. E tanto navegamos, que fomos ter em uma Ilha, que se diz a Ilha do Fogo. E aqui feito nosso aprovisionamento de água e de madeira, tomamos a nossa navegação para o sudoeste; e em 44 dias fomos ter a uma nova terra e a julgamos ser terra firme, e contínua como a acima mencionada; a qual está situada dentro da tórrida zona, e fora da linha equinocial na parte do austro; sobre a qual se alça o polo do meridiano 5 graus fora de todo clima e dista das ditas Ilhas pelo vento sudoeste 500 léguas e achamos serem iguais todos os dias e as noites, porque chegamos nela ao dia 27 de junho, quando o Sol está perto do trópico de Câncer: cuja terra descobrimos ser toda inundada e cheia de enormes rios.

Neste princípio não vimos pessoa alguma. Ancoramos nossas navios e atiramos fora os nossos batéis. Fomos com eles a terra, e como digo, achamo-la cheia e inundada por enormes rios que encontramos; e abordamo-la em muitas partes, para ver se podíamos entrar por ela, e pelas grandes águas que traziam os rios, conquanto esforço fizéssemos, não encontramos lugar que não fosse alagado. Vimos pelos rios muitos sinais de como a terra era povoada; e visto que por essa região não conseguíamos penetrar, resolvemos tor-

narmos às naves, e abordá-la por uma outra parte. E levantamos nossas âncoras, e navegamos entre levante e siroco, costeando continuamente a terra, que assim se corria, e em muitas partes a abordamos em espaços de 40 léguas. E tudo era tempo perdido. Descobrimos nessa costa que as correntes do mar tinham tanta força que não nos deixavam navegar e todas corriam de siroco ao mistral.

De modo que vistos tantos inconvenientes para a nossa navegação, feito nosso conselho, acordamos voltar à navegação para a parte do mistral; e tanto navegamos ao longo da terra, que fomos ter em um bellissimo porto. O qual era causado por uma grande Ilha, que estava na entrada, e dentro se fazia uma enorme enseada. E navegando para entrar nela, costeando a Ilha, vimos muita gente; e contentes, para eles endireitamos nossas naves para ancorar onde víamos gente, que podíamos estar mais para o mar cerca de quatro léguas. E navegando neste modo, vimos uma canoa, que vinha do alto mar, na qual vinha muita gente; e acordamos de tê-la à mão e fizemos a volta com nossas naves sobre ela com ordem que nós não a perdêssemos. E navegando na sua direção com tempo fresco, vimos que estavam parados com remos levantados, creio que admirados das nossas naves; e assim que viram que nós íamos nos aproximando deles, meteram os remos na água e começaram a navegar na direção da terra. E como em nossa companhia viesse uma caravela de 45 tonéis muito boa de vela, se pôs a sopravento da canoa; e quando lhe pareceu tempo de chegar sobre ela, alargou os aparelhos e foi na sua direção, e nós também. E como a caravelzinha se emparelhou com ela e não a quis investir, passou-a, e depois ficou a sotavento. E como se vissem em vantagem, começaram a fazer força com os remos para fugir; e nós que descobríamos os batéis pela popa já equipados de boa gente,

pensando que a apanharíamos; e se esforçaram mais de duas horas, e enfim se a caravelzinha uma outra vez não se voltasse sobre ela, perdê-la-íamos.

E assim que se viram apertados pela caravela e pelos batéis, todos se atiraram ao mar, que podiam ser 70 homens, e distavam da terra cerca de duas léguas. E seguindo-os com os batéis em todo o dia não pudemos apanhar mais do que dois, que foi por acaso; os outros todos se foram a terra a salvo; e na canoa restaram quatro rapazes, os quais não eram da sua descendência, que os traziam presos da outra terra e os haviam castrado, que todos estavam sem membro viril, e com a chaga fresca: do que muito nos admiramos. E postos nas naves nos disseram por sinais, que os haviam castrado para comerem-nos; e soubemos que este era um povo, que se dizem canibais, muito ferozes, que comem carne humana.

Fomos com as naves, levando conosco a canoa na popa na direção da terra e ancoramos a meia-légua.

E como em terra víssemos muita gente na praia, fomos com os batéis a terra e levamos conosco os dois homens que apanhamos. E chegados a terra, toda a gente fugiu e se meteram pelos bosques. E soltamos um dos homens, dando-lhe muitos chocalhos, e que queríamos ser seus amigos. O qual fez muito bem o que lhe mandamos e trouxe consigo toda a gente, que podiam ser 400 homens e muitas mulheres, os quais vieram sem arma alguma para onde estávamos com os batéis. E feita com eles boa amizade, devolvemos a eles o outro preso e encomendamos à nave a sua canoa e a devolvemos a eles. Essa canoa era longa 26 passos, e larga duas braças, e toda de uma só árvore cavada, muito bem trabalhada; e quando a tiveram lançada a um rio, e posta em lugar seguro, todos fugiram, e não quiseram mais praticar conosco, o que

nos pareceu inteiramente bárbaro ato, que julgamo-los gente de pouca fé de má condição. Nestes vimos algum pouco de ouro que tinham nas orelhas.

Partimos daí, e entramos dentro da enseada, onde encontramos tanta gente, que foi admirável, com os quais fizemos em terra amizade e fomos muitos de nós com eles aos seus povoados muito seguramente, e bem recebidos. Neste lugar obtivemos 150 pérolas, que as deram por um chocalho, e um pouco de ouro, que nos davam de graça. E nessa terra descobrimos que bebiam vinho feito das suas frutas e sementes conforme a cerveja, e branco e tinto; e o melhor era feito de ameixas, e era muito bom. E comemos infinidades desses, pois era o tempo deles. É muito boa fruta, saborosa ao gosto, e saudável ao corpo. A terra é muito abundante dos seus mantimentos, e a gente de boa conversação, e a mais pacífica que encontramos até aqui. Estivemos nesse porto 17 dias com muito prazer. E cada dia nos vinham ver novos povos terra adentro, admirando-se de nossa aparência e brancura, e vestidos, e armas, e da forma e grandeza das naves. Desta gente tivemos novas de como havia um povo mais ao poente que eles, que eram seus inimigos, e tinham infinita quantidade de pérolas; e que aquelas, que eles tinham, eram as que haviam tirado deles nas suas guerras. E nos disseram como as pescavam, e em que modo nasciam, e lá descobrimos ser com verdade, como ouvirá Vossa Magnificência.

Partimos desse porto e navegamos pela costa, ao longo da qual continuamente víamos fumaceiras com gente na praia; e ao cabo de muitos dias fomos ter a um porto, por causa de consertar as nossas naves que faziam muita água; onde descobrimos haver muita gente com as quais não pudemos nem por força, nem por amor, ter conversação alguma. E quando íamos a terra, nos impediam asperamente; e quando

mais não podiam, fugiam pelos bosques, e não nos esperavam. Conhecendo-os tão bárbaros, partimos daí e indo navegando vimos uma ilha que distava no mar 15 léguas da terra. E acordamos ir ver se era povoada. Encontramos nela a mais bestial gente e a mais feia que jamais se viu, e era desta sorte. Eram de gesto e rosto muito feios e todos tinham as bochechas cheias por dentro de uma erva verde que continuamente ruminavam como animais, que mal podiam falar. E cada um tinha no colo duas cabaças secas, que uma estava cheia daquela erva que mantinham na boca e a outra de uma farinha branca que parecia gesso em pó; e de quando em quando com um bastãozinho que tinham, molhando-o com a boca, o metiam na farinha; e depois o metiam na boca dos dois lados das bochechas enfarinhando-se a erva que tinham na boca; e isto faziam muito amiúde: e admirados de tal coisa, não podíamos entender esse segredo, nem a que fim assim o faziam.

Essa gente, logo que nos viu, veio a nós tão familiarmente, como se houvésemos tido com eles amizade. Andando com eles pela praia, falando e desejosos de beber água fresca, nos fizeram sinais que não a tinham, e nos ofereciam daquela sua erva e farinha, de modo que estimamos por discricção que essa ilha era pobre d'água e que, para se defenderem da sede, mantinham aquela erva na boca, e a farinha por isso mesmo. Andamos pela ilha um dia e meio sem que jamais encontrássemos água viva; e vimos que a água que bebiam era de orvalho que caía de noite sobre certas folhas, que pareciam orelhas de asno e se enchiam d'água, e desta bebiam: era água ótima. E dessas folhas não tinham em muitos lugares. Não tinham nenhum tipo de comida, nem raízes, como na terra firme; e sua vida era com peixes que pegavam no mar; e destes tinham grande abundância, e eram ótimos pescadores e ofereceram-nos muitas tartarugas e muitos grandes peixes muito bons.

As suas mulheres não usavam ter a erva na boca como os homens, mas todas levavam uma cabaça com água e dela bebiam. Não tinham povoados nem de casas nem de cabanas, exceto que habitavam debaixo de caramanchões, que defendiam-nos do sol, e não da água, que creio poucas vezes chovia naquela ilha. Quando estavam no mar pescando, todos tinham uma folha muito grande e de tal largura, que aí estavam debaixo dentro da sombra, e fincavam-na na terra; e como o sol se volvia, assim volviam a folha, e neste modo se defendiam do sol. A ilha contém muitos animais de várias sortes, e bebiam água dos pântanos.

E visto que não tinham proveito algum, partimos, e fomos a outra ilha, e descobrimos que nela habitava gente muito grande. Fomos em seguida a terra, para ver se encontrávamos água fresca. E não pensando que a ilha fosse povoada por não ver gente, andando ao longo da praia vimos pegadas de gente muito grandes na areia e julgamos se os outros membros respondessem à medida, que seriam homens enormes. E andando nisto nos encontramos num caminho que ia pela terra adentro. E acordamos nove de nós e julgamos que a ilha, por ser pequena, não podia ter em si muita gente e, contudo, fomos por ela, para ver que gente era aquela. E depois que tínhamos ido cerca de uma légua, vimos num vale cinco das suas cabanas, que nos pareceram desabitadas. E fomos a elas, e encontramos somente cinco mulheres, e duas velhas e três meninas, de tão alta estatura que admirados as observamos. E logo que nos viram, entrou nelas tanto medo, que não tiveram ânimo de fugir e as duas velhas começaram com palavras a nos convidar, nos trazendo muitas coisas de comer, e nos metendo numa cabana. E eram de estatura maiores que um grande homem, que bem seriam grandes de corpo como foi Francesco degli Albizi, mas de melhores pro-

porções; de modo que estávamos todos no propósito de tomar as três meninas por força, e por ser admirável trazê-las a Castela. E estando nesses razoamentos, começaram a entrar pela porta da cabana, bem 36 homens muito maiores que as mulheres, homens tão bem feitos, que era notável vê-los; os quais nos meteram em tanta perturbação que melhor estaríamos ter ficado nas naves a nos encontrarmos com tal gente.

Traziam arcos enormes, e flechas com grandes bastões com cabeças e falavam entre si de um som, como se quisessem nos meter as mãos, Vendo-nos em tal perigo, fizemos vários conselhos entre nós. Alguns diziam que em casa começássemos a dar neles e outros que no campo era melhor; e outros que diziam que não começássemos a questão enquanto não víssemos aquilo que quisessem fazer. E acordamos sair da cabana e irmo-nos dissimuladamente a caminho das naves. E assim o fizemos. E tomado nosso caminho, nos tornamos às naves. Eles nos vieram atrás ainda a um tiro de pedra, falando entre eles. Creio que não menos medo tinham de nós, que nós deles, porque alguma vez nos repousávamos, e eles também sem se aproximarem de nós, tanto que chegamos à praia onde estavam os batéis nos esperando e entramos neles. E logo que estávamos ao largo eles saltaram, e nos atiraram muitas flechas, mas pouco medo tínhamos agora deles. Disparamo-lhes dois tiros de bombarda mais para assustá-los que para fazer-lhes mal e todos ao estrondo fugiram ao monte. E assim nos separamos deles, que pareceu-nos livrarmos-nos de uma perigosa jornada. Iam de todo desnudos como os outros. Chamo essa ilha, a Ilha dos Gigantes por causa da grandeza deles.

E fomos mais adiante costeando a terra, na qual nos ocorreu muitas vezes combatê-los por não nos deixarem pegar coisa alguma da terra. E já estávamos querendo tornar a

Castela, porque tínhamos estado no mar cerca de um ano, e tínhamos pouco mantimento, e o pouco, estragado por causa dos grandes calores que passamos, pois de quando partimos para a Ilha do Cabo Verde até aqui, continuamente tínhamos navegado pela tórrida zona, e duas vezes atravessado a linha equinocial; e, como acima disse, fomos fora dela 5 graus para a parte do austro; e aí estávamos a 15 graus para o setentrião.

Estando nesse conselho, quis o Espírito Santo dar algum descanso a tantos nossos trabalhos; o qual foi, indo buscar um porto para consertar nossos navios, fomos dar com uma gente, a qual nos recebeu com muita amizade. E descobrimos que tinham enorme quantidade de pérolas orientais bastante boas. Com eles nos detivemos 47 dias e obtivemos 119 marcos de pérolas com muito pouca mercadoria, que creio que não nos custaram o valor de 40 ducados; porque aquilo que demos a eles, não foi senão chocalhos e espelhos, e contas, dez balas, e folhas de latão, que por um chocalho dava um quantas pérolas tinha. Deles soubemos de que forma as pescavam e onde. E nos deram muitas ostras, nas quais nasciam. Obtivemos ostra na qual havia em começo 130 pérolas, e outras com menos. Essa de 130 pérolas me tomou a Rainha e outras cuidei para que não as visse. E há de saber V. Mag.<sup>a</sup> que, se as pérolas não estão maduras, e de si mesmas não se desprendem, não prestam, pois se estragam logo. E disto tenho experiência: quando estão maduras ficam dentro da ostra despregadas e metidas na carne e então são boas: quantas ruins tínhamos, que a maior parte eram disformes e mal furadas, todavia valiam bom dinheiro, porque se vendiam com garantia por 60 mil maravedís.

E ao fim de 47 dias deixamo-los muito nossos amigos. Partimos e, pela necessidade de mantimento, fomos ter a Ilha de Antilhas, que é a descoberta por Cristóvão Colombo

há mais anos; onde pegamos muito mantimento e estivemos dois meses e 17 dias, e passamos muitos perigos e trabalhos com os próprios Cristãos que nesta ilha estavam com o Colombo, creio por inveja, os quais, para não ser prolixo, deixo de lhe contar. Partimos da dita ilha ao dia 22 de julho e navegamos por um mês e meio e entramos no Porto de Cádiz, que foi ao dia 8 de setembro, de dia. A minha segunda viagem. Deus seja louvado!

### *2.1.3 Terceira Viagem*

Achando-me depois em Sevilha, repousando-me de tantos trabalhos, que nessas duas viagens tinha passado, e com vontade de tornar à terra das pérolas, quando a sorte, não contente dos meus trabalhos, que não sei de que modo viessem em pensamento a este Sereníssimo Rei Dom Manuel de Portugal o querer se servir de mim; e estando em Sevilha sem o menor pensamento de vir a Portugal, veio a mim um mensageiro com carta de Sua Real Coroa que me rogava que eu viesse a Lisboa a falar com Sua Alteza, prometendo fazer-me mercês. Não fui aconselhado que viesse. Expedi o mensageiro, dizendo que estava mal e que, quando estivesse bom e que se Sua Alteza quisesse ainda se servir de mim, faria quanto me mandasse. E visto que não me podia ter, acordou mandar a mim Giuliano di Bartolomeo del Giocondo, estando aqui em Lisboa, com comissão para me trazer em qualquer modo. Veio o dito Giuliano a Sevilha; pela vinda e rogos dos quais fui forçado a vir, que foi tida a minha vinda por mal por quantos me conheciam, porque parti de Castela, onde me foi feita honra e o Rei me tinha em boa fortuna; pior foi que parti ingrato hóspede. E apresentando-me diante deste Rei, mostrou ter prazer na minha vinda e pediu-me que fosse em

companhia de três suas naves, que estavam prontas para ir a descobrir novas terras. E como um rogo de um Rei é mando, tive de consentir a quanto me rogava.

E partimos deste Porto de Lisboa três naves em comboio ao dia 10 de maio de 1.501 e pegamos nossa rota direto à Ilha de grande Canária e passamos sem olhar para ela. E daí fomos costeando a costa da África pela parte ocidental; na qual fizemos nossa pescaria a uma sorte de peixe, que se chamam pargos, onde detivemo-nos três dias. E daí fomos na costa da Etiópia a um porto que se diz Besechicce, que está dentro da tórrida zona, sobre a qual se alça o polo do setentrião 14 graus e meio situado no primeiro clima; onde estivemos 11 dias pegando água e madeira, porque minha intenção era de navegar para o austro pelo Golfo do Atlântico. Partimos desse porto da Etiópia e navegamos pelo sudoeste, pegando uma quarta do meio-dia, tanto, que em 67 dias fomos ter a uma terra que estava do dito porto 700 léguas para sudoeste. E naqueles 67 dias tivemos o pior tempo, que jamais teve homem que navegasse no mar, pelos muitos aguaceiros, e tufões, e tormentas que nos causaram, porque estávamos com um tempo muito contrário, por motivo que o forte da nossa navegação foi continuamente junto a linha equinocial, que no mês de junho é inverno. E encontramos o dia com a noite serem iguais; e encontramos a sombra para o meio-da continuamente.

Quis Deus nos mostrar terra nova, e foi ao 17 de agosto, onde ancoramos a meia légua e atiramos fora nossos batéis e fomos ver se a terra era habitada, e o era. E descobrimos ser habitada de pessoas que eram piores que animais. Porém V. Mag.<sup>a</sup> entenderá nesse princípio não vimos gente, mas bem soubemos que estava habitada por muitos sinais que nela vimos. Tomamos a possessão dela para este Sereníss-

simio Rei; a qual achamos ser terra muito amena e verde, e de boa aparência. Estava fora da linha equinocial para o austro 4 graus. E por este dia tornamos às naves; e porque tínhamos grande necessidade de água e de madeira, resolvemos no outro dia de tornar a terra para nos provermos do necessário. E estando em terra, vimos umas pessoas no cume do monte, que estavam olhando e não ousaram descer. Estavam nus e da mesma cor e feição que os outros passados. E estando com eles trabalhando para que viessem falar conosco, jamais os pudemos assegurar, pois não confiaram em nós. E visto a sua obstinação, e já era tarde, tornamo-nos às naves, deixando a eles em terra muitos chocalhos e espelhos, e outras coisas à vista deles. E quando estávamos ao largo no mar, desceram do monte, e vieram para as coisas que deixamos a eles, fazendo delas grande maravilha. E por este dia não nos provimos senão d'água.

Na outra manhã vimos das naves que a gente de terra fazia fumaceiras; e pensando que nos chamassem, fomos a terra, onde vimos que tinham vindo muitos povos, e todavia ficavam ao largo de nós e nos acenavam que fôssemos com eles pela terra adentro. De onde se moveram dois dos nossos cristãos a pedir ao Capitão que desse a eles licença, que queriam se meter no perigo de ir com eles na terra, para ver que tipo de gente eram, e se tinham alguma riqueza, ou especiaria, ou drogaria; e tanto pediram, que o Capitão se fez conforme. E puseram-se em ordem com muitas coisas de troca, se separaram de nós com ordem que não se estendessem por mais de 5 dias para tornar, porque isto os esperaríamos. E tomaram o caminho para a terra e nós para as naves, esperando-os. E quase todo dia vinha gente à praia, e nunca quiseram nos falar. E no sétimo dia fomos a terra e achamos que as suas mulheres tinham tratado com eles; e tão logo sal-

tamos à terra, os homens mandaram muitas das suas mulheres a falarem conosco. E visto que não se asseguravam, acordamos enviar a elas um homem dos nossos, que era um jovem que muito fazia o esforço. E nós para assegurá-lo, entramos nos batéis; e ele se foi em direção às mulheres. E logo que chegou a elas, lhe fizeram um grande círculo ao redor, tocando-o, e observando-o se maravilharam. E ficando assim, vimos vir uma mulher do monte, e trazia um grande pau na mão; e assim que chegou onde estava o nosso Cristão, veio-lhe por trás e, alçado o bastão, deu-lhe tão grande golpe que o estendeu morto por terra. E num instante as outras mulheres pegaram-no pelos pés, e o arrastaram pelos ao monte, e os homens saltaram na direção da praia, e com os seus arcos e flechas a nos flecharem. E puseram a nossa gente em tanto pavor montada com os batéis sobre os baixios, que estavam na terra, que pelas muitas setas que nos metiam nos batéis, ninguém acertava de pegar as armas; contudo disparamos neles quatro tiros de bombarda, e não acertaram, mas ouvindo o estrondo, todos fugiram para o monte, onde estavam já as mulheres fazendo pedaços do cristão e a um grande fogo que tinham feito, o estavam assando sob a nossa vista, mostrando-nos os muitos pedaços e comendo-os; e os homens nos fazendo sinais com seus acenos de como tinham morto os dois cristãos, e os comido.

O que nos pesou muito, vendo com os nossos olhos a crueldade que faziam do morto, a todos nós foi injúria intolerável. E estando com propósito mais de 40 de nós de saltar a terra e vingar tão crua morte e ato bestial e inumano, o Capitão maior não quis consentir, e ficaram cheios de tanta injúria, e nós nos afastamos deles com má vontade e com muita vergonha por causa do nosso Capitão.

Partimos desse lugar, e começamos nossa navegação entre levante e siroco, e assim se percorria a terra: e fizemos muitas escalas e jamais encontramos gente que com eles nós quiséssemos conversar. E assim navegamos tanto, que descobrimos que a terra fazia a volta para o sudoeste; e depois que tínhamos dobrado um Cabo, ao qual pusemos nome o Cabo de Santo Agostinho, começamos a navegar para sudoeste, e dista este cabo da antes mencionada terra que vimos onde mataram os cristãos, 50 léguas para levante; e está este cabo oito graus fora da linha equinocial para o austro. E navegando tivemos um dia vista de muita gente, que estava na praia para ver a maravilha das nossas naves, e de como navegávamos, fomos na direção deles, e ancoramos num bom lugar, e fomos com os batéis a terra, e achamos a gente ser de melhor condição que a passada; e ainda que nos tenha sido trabalhoso domesticá-los, nos fizemos amigos, e tratamos com eles.

Neste lugar estivemos cinco dias e aí encontramos canafístula muito grossa, e verde, e seca no topo das árvores. Acordamos nesse lugar levar dois homens, para que nos mostrassem a língua; e vieram três de sua vontade para vir a Portugal.

E para isso de já cansado de tanto escrever, saberá Vossa Magnificência, que partimos desse porto, sempre navegando para sudoeste à vista da terra, continuamente fazendo muitas escalas, e falando com uma infinidade de gente. E tanto fomos para o austro, que estávamos já fora do Trópico de Capricórnio; donde o polo do Meridiano se alçava acima do Horizonte 32 graus e de antemão tínhamos perdido a Ursa Menor e a Maior nos estava muito baixa e quase se nos mostrava no fim do Horizonte; e nos regíamos pelas estrelas do outro polo do Meridiano, as quais são muitas, e muito maiores, e mais brilhantes, que aquelas deste nosso polo. E da

maior parte delas tracei as suas figuras, e principalmente das da primeira e maior magnitude, com o relato dos seus círculos que faziam em torno ao polo austral, com a descrição dos diâmetros e semidiâmetros, como se poderá ver nas minhas Quattro Giornate.

Percorremos desta costa ao pé de 750 léguas: 150 do Cabo dito de Santo Agostinho para o poente, e 600 para o sudoeste. E querendo contar as coisas que nessa costa vi e aquilo que passamos, não me bastariam outras tantas folhas. E nessa costa não vimos coisa de proveito, exceto uma infinidade de árvores de pau-brasil e de cássia, e daquelas que geram a mirra, e outras maravilhas da natureza que não se podem contar. E já tendo estado na viagem bem dez meses, e visto que nessa terra não encontrávamos minério algum, acordamos nos despedirmos dela e irmos cometer o mar noutra parte. E feito nosso conselho, foi deliberado que se seguisse aquela navegação que me parecesse bem e todo o mando da frota foi entregue a mim. E então mandei que toda a gente e frota se proviessem d'água e de madeira para 6 meses, que isso estimaram os oficiais das navas que poderíamos navegar com elas.

Feito nosso aprovisionamento nessa terra, começamos nossa navegação pelo vento siroco, e foi ao dia 15 de fevereiro, quando já o sol estava buscando o equinócio e tornava na direção deste nosso hemisfério do setentrião. E tanto navegamos por esse vento, que nos achamos tão altos, que o polo do Meridiano nos estava alto além do nosso horizonte bem 52 graus e não víamos mais as estrelas nem a Ursa Menor, nem da Ursa Maior. E já estávamos distantes do porto de onde partimos bem 500 léguas para siroco; e isto foi ao dia 3 de abril. E neste dia começou uma tormenta no mar tão forçosa, que nos fez amainar de todo nossas velas e corríamos

a mastro seco com muito vento, que era sudoeste, com enormes marés e o ar muito tormentoso. E tanta era a tormenta que toda a frota estava com grande temor. As noites eram muito grandes, e noite tivemos ao dia 7 de abril, que foi de 15 horas, porque o Sol estava no final de Áries e nessa região era o inverno, como bem pode considerar V. Mag.<sup>a</sup>.

E estando nessa tormenta ao dia 7 de abril tivemos vista de nova terra, da qual corremos cerca de 20 léguas, e achamo-la toda costa brava e não vimos nela porto algum, nem gente: creio porque era tanto o frio, que ninguém da frota podia se remediar, nem suportar; de modo que vendonos em tanto perigo e em tanta tormenta, que mal podíamos ter vista uma nave da outra pelas grandes marés que faziam e pela grande cerração do tempo, que acordamos com o Capitão maior fazer sinal à frota que chegasse, e deixássemos a terra e nos tornássemos ao caminho de Portugal. E foi muito bom conselho, pois certo é que, se demorássemos aquela noite, todos nos perderíamos, porque como apanhávamos o vento na popa e à noite e no outro dia se recresceu tanta tormenta que receamos perdermo-nos; e tivemos que fazer peregrinagens outras cerimônias, como é costume dos marinheiros para tais tempos.

Corremos 5 dias, e todavia nos vínhamos aproximando da linha equinocial, e no ar e em mares mais temperados. E quis Deus que escapássemos de tanto perigo. E nossa navegação era pelo vento entre tramontano e grego, porque nossa intenção era ir reconhecer a costa da Etiópia, que estávamos distantes dela 1.300 léguas pelo golfo do Mar Atlântico. E com a graça de Deus a 10 dias de maio estávamos nela, numa terra para o austro, que se diz Serra Leoa, onde estivemos 15 dias tomando nosso refrescamento. E daí partimos tomando a nossa navegação para as ilhas dos Açores, que distam deste

lugar da Serra Leoa cerca de 750 léguas e fomos às ilhas em fins de julho, onde estivemos outros 15 dias, obtendo alguma recreação. E partimos delas para Lisboa, que estávamos mais ao ocidente 300 léguas e entramos por esse Porto de Lisboa ao dia 7 de setembro de 1.502, em boa salvação, Deus agradecido seja, com só duas naves; porque a outra incendiámos na Serra Leoa porque não podia mais navegar, que estivemos nesta viagem cerca de 15 meses e 11 dias. Navegamos sem ver a estrela tramontana, ou a Ursa Maior e Menor, que se dizem o corno, e nos regemos pelas estrelas do outro polo. Isto é quanto vi nesta Viagem, ou Jornada.

#### *2.1.4 Quarta Viagem*

Restam-me a dizer as coisas por mim vistas na quarta viagem ou jornada. E por estar já cansado, e também por que essa quarta viagem não se prestou, segundo o meu propósito, por uma desgraça que nos aconteceu no golfo do Mar Atlântico, como a seguir em breve entenderá V. Mag.<sup>a</sup> engenhar-me-ei em ser breve.

Partimos deste Porto de Lisboa seis naves em comboio com propósito de ir descobrir uma ilha na direção do oriente que se diz Melaccha, da qual se tem notícias de ser muito rica e que é como o armazém de todas as naves que vêm do Mar Gangético e do Mar Índico, como é Cádiz refúgio de todos os navios que passam de levante ao poente, e do poente ao levante pela via de Calicut e esta Melaccha é mais ao ocidente que Calicut, e muito mais para o lado do meio-dia, porque sabemos que está em paragem de 33 graus do polo Antártico.

Partimos ao dia 10 de maio de 1.503 e fomos direto às ilhas do Cabo Verde, onde fizemos nossa carga, e tiramos espécie de refrescamento, onde estivemos 13 dias. E de lá

partimos para a nossa viagem navegando pelo vento siroco. E como o nosso Capitão maior fosse homem presunçoso e muito teimoso, quis ir reconhecer a Serra Leoa, terra da Etiópia austral, sem ter necessidade alguma, senão para nos fazer ver que era Capitão de seis naves, contra a vontade de todos nós outros capitães. E assim navegando, quando demos com a dita terra, foram tais os turbilhões que caíram sobre nós, e com estes o tempo contrário que, estando a vista dela bem 4 dias, nunca nos deixou o mal tempo tomar terra; de modo que fomos forçados a tornar à nossa verdadeira navegação e deixar a dita Serra; e navegando daí para o sudeste que é vento entre meio-dia e sudoeste.

E quando tínhamos navegado bem 300 léguas pelo imensidão do mar, estando já fora da linha equinocial para o austro bem 3 graus se nos descobriu uma terra que podíamos distar dela 22 léguas, da qual nos maravilhamos. E descobrimos que era uma ilha no meio do mar, e era muito alta coisa, bem maravilhosa da natureza, porque não tinha mais que duas léguas de comprimento, e uma de largura; cuja ilha nunca foi habitada por gente alguma. E foi a má ilha para toda a frota, porque saberá V. Mag.<sup>a</sup> que pelo mal conselho e ordem do nosso Capitão maior, perdeu aqui sua nave, porque deu com ela numa rocha e a perdeu na noite de São Lourenço, que é no dia 10 de agosto, e se foi ao fundo, e não se salvou dela coisa alguma, senão as pessoas. Era nave de 300 tonéis na qual estava toda a importância da frota. E como a frota toda trabalhasse em remediá-la, o Capitão mandou que eu fosse com a minha nave à dita ilha para buscar um bom ancoradouro, onde pudessem ancorar todas as naves. E como o meu batel, apinhado com nove meus marinheiros, estivesse em serviço e ajuda a ligar as naves, não quis que eu o levasse e que me fosse sem ele, dizendo-me que me levariam à ilha.

Separei-me da frota, como me mandou, indo para a ilha sem batel, e com menos da metade dos meus marinheiros, e fui à dita ilha, que distava cerca de 4 léguas. Na qual encontrei um boníssimo porto, onde bem seguramente poderiam ancorar todas as naves; onde esperei o meu Capitão e a frota bem oito dias, e nunca vieram; de modo que estávamos muito descontentes, e a gente que me tinha restado na nave, estava com tanto medo, que não os podia consolar. E ficando assim, no oitavo dia vimos vir uma nave pelo mar, e de medo que não nos pudesse ver, corremos com a nossa nave, e fomos a ela, pensando que me trouxesse o meu batel e gente. E logo que encostamos a ela, depois de saudada nos disse como a Capitã tinha se ido ao fundo e como a gente se tinha salvado, e que o meu batel e gente tinham ficado com a frota a qual se tinha ido por aquele mar adiante: o que nos foi tão grave tormento, como pode pensar V. Mag.<sup>a</sup>, por nos encontrarmos a 1.000 léguas distantes de Lisboa, e em golfo, e com pouca gente. Todavia desafiámos a sorte, e fomos ainda adiante. Tornamos à ilha, e fornimo-nos de água e de madeira com o batel da minha reserva. A qual achamos desabitada e tinha muitas águas vivas e doces, uma infinidade de árvores, cheia de tantos pássaros marinhos e terrestres, que eram sem conta, e eram tão simples, que se deixavam apanhar com a mão; e tantos apanhamos, que carregamos um batel desses. Animais nenhum vimos, salvo ratos muito grandes, e lagartos com das caudas, e alguma serpente.

E feita a nossa provisão, fomo-nos pelo vento entre meio-dia e sudoeste porque tínhamos uma ordem do Rei, que nos mandava que, qualquer das naves que se perdesse da frota, ou de seu Capitão, fosse ter a terra da viagem passada. Descobrimos um porto no qual pusemos nome Bahia de Todos os Santos e quis Deus nos dar tão bom tempo, que em 17 dias

fomos ter a terra nele, que distava da ilha bem 300 léguas; onde não encontramos nem o nosso Capitão, nem nenhuma outra nave da frota. Nesse porto esperamos bem dois meses e quatro dias; e visto que não vinha recado algum acordamos o comboio e eu correr a costa. E navegamos mais adiante 260 léguas, tanto que chegamos a um porto onde acordamos fazer uma fortaleza, e a fizemos, e deixamos nela 24 homens cristãos, que havia no meu comboio, que tinha recolhido da nave capitã que se tinha perdido. Nesse porto estivemos bem 5 meses fazendo a fortaleza e carregando as nossas naves de pau-brasil, porque não podíamos ir mais adiante, por causa de não termos mais gente, e me faltavam muitos aparelhos.

Feito tudo isto, acordamos tornarmo-nos a Portugal, que estava para nós pelo vento entre grego e tramontano. E deixamos os 24 homens que ficaram na fortaleza com mantimento para 6 meses, e 12 bombardas, e muitas outras armas, e pacificamos toda a gente da terra; da qual não se faz menção nesta viagem, não por que não víssemos e praticássemos com uma infinidade de gente dela: porque fomos terra adentro 30 homens, bem 40 léguas, onde vi tantas coisas, que deixo de as dizer, reservando-as para as minhas Quattro Giornate. Esta terra está fora da linha equinocial para a parte do austro 18 graus, e fora da posição de Lisboa 37 graus, mais ao ocidente segundo o que mostram os nossos instrumentos.

E feito tudo isto, nos despedimos dos cristãos e da terra e começamos nossa navegação para o nordeste, que é vento entre tramontano e grego, com propósito de ir diretamente com a nossa navegação a esta Cidade de Lisboa. E em 77 dias depois de tantos trabalhos e perigos entramos neste porto no dia 18 de junho de 1.504. Deus seja louvado, onde fomos muito bem recebidos, e fora de toda crença, porque toda a cidade nos dava por perdidos, porque todas as outras

naves da frota se perderam pela soberba e loucura de nosso Capitão, pois assim paga Deus à soberba.

E no presente me encontro aqui em Lisboa, e não sei o que quererá o Rei fazer de mim, que muito desejo repousar. O presente portador que é Benvenuto di Domenico Benvenuti dirá a V. Mag.<sup>a</sup> do meu estar e de algumas coisas que se deixaram de dizer por prolixidade, porque as viu e ouviu. Deus esteja com ele. Eu fui estreitando a carta o quanto pude; e deixei de dizer muitas coisas naturais, por causa de escusar prolixidade.

V. Mag.<sup>a</sup> me perdoe, e suplico que me tenha no número dos seus servidores, e lhe recomendo Sr. Antonio Vespucci meu irmão, e toda a minha casa. Fico rogando a Deus que lhe aumente os dias de vida e que se eleve o estado dessa excelsa República e a honra de V. Mag.<sup>a</sup> etc.

Dada em Lisboa, ao dia 4 de setembro de 1504.  
Servidor Américo Vespucci em Lisboa.

N



## CAPÍTULO 3

# TESTAMENTO DE AMÉRICO VESPÚCIO

Em nome de Deus onipotente, Pai, Filho e Espírito Santo, três pessoas em um só Deus verdadeiro, que vive e reina pelos séculos e séculos, e da Santíssima Virgem gloriosa Maria Nossa Senhora, mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, que todos os cristãos devem invocar e chamar e ter como advogada em todas as coisas, e em sua honra, serviço e louvor e de todos os santos da corte celeste, Amém!

Como a vida neste mundo é tão curta e breve, e ninguém sabe a hora e o momento de sua partida, nem onde, nem quando, e como a morte é a coisa mais natural e certa que possamos esperar nesta nossa vida, porque o seu fim é tão duvidoso e incerto e todos devem estar sempre preparados para quando Deus Nosso Senhor achar que seja a hora de chamar-nos deste mundo e nos encontre prontos como Católicos Cristãos, e nessa condição e disposição e segundo a sua grande misericórdia se digne a perdoar-nos e salvar-nos, e de guiar as nossas almas na Igreja Celeste para a qual por Ele fomos criados; por isto, saibam quantos virem este testamento que eu, Sr. Américo Vespucci, florentino, piloto mor da Espanha, residente nesta nobilíssima e fidelíssima cidade de Sevilha, na paróquia de Santa Maria Maior, estando doente de corpo, mas são de mente e de intelecto e em plena capacidade

mental tal como Deus Nosso Senhor me deu, e acreditando verdadeira e firmemente na Santíssima Trindade, ai, Filho e Espírito Santo, três pessoas em um só Deus, verdadeiro e onipotente, segundo o que afirma e acredita a Santa Mãe Igreja e todo Católico Cristão deve afirmar e acreditar e eu, acredito e confesso, e temendo a minha morte, que é natural e segura e da qual nenhuma criatura pode fugir, clamando e desejando pôr a minha alma no mais claro e seguro caminho para a salvação e alcançar a graça e grandeza de Deus Nosso Senhor, que é aquele que a criou, rogo-lhe de ter misericórdia e piedade, e conduzi-la no seu Santo Reino; disponho e reconheço que faço e ordeno o meu testamento e as minhas últimas vontades da maneira e forma que se seguem, na qual assim ordeno, para o bem de minha alma, do meu corpo e dos meus bens, para salvar a minha alma e para deixar os meus herdeiros em paz e concordância.

Confio, antes de tudo, a minha alma a Deus Nosso Senhor, que a criou e a fez à sua imagem e semelhança, para que se digne a salvá-la e perdoar os meus pecados, e ao seu amadíssimo filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, que a redimiui com o seu precioso sangue na Cruz, para que tenha misericórdia dela, e ao Espírito Santo, para que a guie e ilumine de graças para salvá-la, e a recomendo à gloriosa Virgem Nossa Senhora, Santa Maria, para que possa pedir por ela junto ao seu amadíssimo filho e interceder por mim junto a toda a corte celeste, amém.

As minhas dívidas são as seguintes:

Ao mestre Cristóvão, bombardeiro, que se encontra em Urabá nas Índias, 26 ducados de ouro.

A Agostinho, livreiro, florentino de Lisboa, três ducados de ouro.

Quero que sejam pagos com os meus bens.

Declaro que possuo em minha casa, aqui em Sevilha, onze canhões, um grande e dez pequenos, do doutor Enciso, que se encontra agora nas Índias. Quero que lhe sejam devolvidos.

Quero que todas as dívidas que eu tenha em Florença, onde nasci, e sejam apresentadas com a minha assinatura, ou obrigação, ou atos públicos, sejam pagos com os bens que possuo ali.

Quando eu morrer, quero que o meu corpo seja sepultado na igreja de São Miguel, nesta cidade de Sevilha, na tumba dos Cerezo de Gonzalo Fernández de Córdoba, e que me enterrem com o hábito de São Francisco, que recebi de um frei do mosteiro de São Francisco desta cidade e paguei, como é de costume; e se não quiserem me enterrar com aquele hábito na Igreja de São Miguel, quero ser sepultado na igreja do mosteiro de São Francisco, na tumba que me será destinada pelos meus executores testamentários.

E quero que no dia do meu funeral, seja celebrada uma missa de corpo presente na igreja ou naquele mosteiro onde me enterrarão; uma missa de réquiem cantada, com a sua vigília e as trinta e três missas de Santo Amaro, celebrada pelos clérigos ou pelos frades da igreja ou mosteiro, além daqueles que queiram os meus executores testamentários, e que seja feita oferta de pão, vinho e velas como os meus ditos executores testamentários estabelecerão.

Quero também que aos frades e à comunidade do dito mosteiro e São Francisco sejam dadas duas mil maravedís, para que rezem a Deus pela minha alma; e que sejam dadas a eles e pagas assim que eu seja sepultado.

À Santíssima Trindade, a Santa Maria da Mercês e às três devoções habituais, meio ducado de ouro cada uma.

À casa de São Lázaro, que se encontra fora desta cidade, e aos seus doentes, meio ducado de ouro, para que rezem a Deus pela minha alma.

À fábrica da Igreja Maior desta cidade, para ganhar as indulgências que concede, um real de prata para cada vez que se obtiverem tais indulgências.

À fábrica da capela de São Clemente, onde fica o tabernáculo da igreja, por devoção aos Santos Sacramentos que recebi ali, um real de prata.

À oferta das velas com as quais se venera o Santo Sacramento na igreja, outro real de prata.

Quero que na oitava e no aniversário do meu funeral, na igreja ou monastério em que eu for sepultado, se celebrem todas as missas e cerimônias, e se façam pela minha alma todas as esmolas que a senhora Maria Cerezo, minha mulher, quiser, e por isto me recomendo a ela e à sua consciência.

E porque quando eu fui embora de Florença, deixei um rubi e uma pérola que poderão valer 45 ducados de ouro a Bernardo, meu irmão, quero que quando souber da minha morte, se o meu irmão puder pagar o preço das duas joias, gaste o dinheiro em benefício da minha alma, e se não puder, dou-lhe crédito de tudo desde já e nada lhe seja cobrado.

Deixo a Giovanni Vespucci, meu sobrinho, todas as minhas vestes de seda e lã, de tecido e de linho, e todos os meus enfeites pessoais, todos os meus livros em latim, popular e em todas as outras línguas e todos os meus instrumentos, todos eles, e o meu astrolábio de metal; todas estas coisas, deixo-lhe pelo grande afeto, por tudo o que lhe devo e por tudo o que me fez.

Deixo a Juan de Orantes, meu servidor, pelos serviços que me fez, dois mil maravedis, mesmo que tenha sido pago por tudo; e lhe deixo esta soma como beneficência.

Deixo a Joana de Orantes, mulher de Juan Rodrigues d'Orantes, outros dois mil maravedis, que lhe deixo como beneficência.

Porque possuo atualmente nesta cidade cinco escravos, precisamente: uma canária que se chama Isabela, de cerca de vinte e cinco anos, com uma filhinha que se chama Joaninha e um filho de cerca de sete anos que se chama Joãozinho; outra escrava que se chama Leonor, do Cabo de Aguiar; e uma outra escrava negra da Guiné, que se chama Anica, ordeno e quero que a minha metade das escravas seja dada à minha mulher, e que não possa nem vender, nem trocar, nem alienar nenhuma delas exceto Anica da Guiné. Esta última, desejo que seja de sua completa propriedade, de modo que possa vender e fazer dela o que quiser. Quanto a Isabela e os seus filhos e Leonor que me serviram tão bem por tanto tempo, desejo que minha mulher os mantenha consigo, como estabeleci; porém, se minha mulher morrer, quero que as quatro escravas sejam alforriadas e liberadas de qualquer servidão da metade que me pertence e pelos bons serviços que prestaram a mim e a minha mulher, e encarrego minha mulher para que decida o que lhe parecer melhor fazer pela minha alma e pela sua, no que diz respeito à sua metade sobre cada uma.

E para alívio da minha alma e consciência, afirmo e declaro que todos os bens móveis, imóveis e animais que eu possuo neste reino e senhoria da Espanha adquiri durante o casamento segundo a lei e religião com Maria Cerezo, minha mulher, filha de Gonzalo Fernandez de Córdoba, que Deus o tenha em paz. Dos bens que relacionei, ela possui e tem direi-

to sobre a metade; portanto quero e desejo que a outra metade de todos os bens que eu possuo no citado reino e senhoria da Espanha, fiquem de herança a minha mulher, depois de ter pagado todas as doações e cláusulas deste testamento. E se isso não pudesse acontecer por direito, disponho que herde todos os meus bens depois de ter executado este testamento e o resto lhe seja dado por ordem e doação e na melhor forma legal, pelo afeto e cuidado que sempre teve e tem por mim na minha doença, pelo grande amor que lhe dedico e porque é minha vontade doar-lhe tudo.

E porque, como disse, eu nasci na cidade de Florença e tenho mãe, irmãos e sobrinhos que não sei se estão ainda vivos, e possuo muitos bens naquela cidade e senhoria, seja por herança de meu pai e de minha mãe, seja porque me pertençam ou possam me pertencer em qualquer modo ou razão, quero e desejo que todos e quaisquer bens móveis, imóveis ou animais naquela cidade fiquem em herança à minha mãe Senhora Lisa, se estiver viva e, se estiver morta, quero e ordeno que herdem tais bens os Senhores Antonio e Bernardo Vespucci, meus irmãos, e os dividam em partes iguais entre eles, desde que façam por mim, as honras de costume na cidade de Florença para pessoas da minha classe, e mandem dizer pela minha alma uma missa de réquiem cantada e trinta e três rezadas (lidas) na Igreja de Todos os Santos daquela cidade, a serem pagas com os meus citados bens.

E dado que fiz negócios em muitos lugares com os meus bens e porque tive muitos créditos que se poderiam perder se não fossem declarados, assino e declaro que as pessoas abaixo citadas me devem as seguintes somas:

Felipe, sapateiro, cidadão de Florença na Paróquia de Santa Lúcia de Prato, cerca de setenta ducados de ouro, dos quais não possuo recibo; quero que se exija dele tudo aquilo que ele mesmo declarar dever-me.

Os herdeiros e os bens do falecido Giannotto Berardi, residente nesta cidade, que Deus o tenha, me devem cento e quarenta e quatro mil maravedis.

A Juan de La Cosa, capitão e juiz mor de Urabá, nas Índias, emprestei trinta mil maravedis num empréstimo por ele assinado sem nenhum juro; e dei-lhe em dinheiro, em espécie, para fazer-lhe um favor e, desses, devolveu-me quinze mil maravedis. Quero que seja exigido dele e dos seus bens os outros quinze mil.

O citado Juan de La Cosa me deve outros sete ducados de ouro que emprestei a sua mulher em dinheiro; quero que ele os pague e sejam cobrados dele.

Pedro Mill, que está em Urabá, nas Índias, me deve oito ducados de ouro que paguei por uma conta sua no livreiro Alfaro; quero que lhe cobrem.

Nicuesa, governador de Veragua, me deve vinte e sete ducados de ouro de duas bombas minhas, uma de cobre e outra de estanho; quero que lhe cobrem.

Silvestre Pérez, catalão, me deve dois ducados de ouro que lhe emprestei; quero que lhe exijam.

Juan de Urrea me deve cerca de quatro mil maravedis representado por uma letra de câmbio, quero que lhe cobrem.

Gonzalo Martel e os seus bens e herdeiros me devem dois mil maravedis e mais, por escrito, do qual eles me pagaram vinte fanegas de grãos, a dois reais cada uma; quero que lhes seja cobrado o restante.

Alonso Martín Naranjo, residente em Brenes, me deve trinta mil maravedis, que eu paguei a ele em dinheiro aos seus senhores da Casa da Contratação, nesta cidade de

Sevilha; além disso, deve-me três fanegas de grãos ao preço de nove reais cada um e quatro odres vazios novos; quero que lhe cobrem.

Os senhores da Casa da Contratação me devem vinte e cinco mil maravedis pela minha comissão financeira de um terço; quero que os colem de quem tiver de pagar a estes.

E para pagar e executar este meu testamento e o legado dos meus bens nele contidos, segundo quanto nele estabelecido, nomeio e constituo meus executores testamentários Senhor Piero Rondinelli, mercador florentino, que se encontra nesta cidade de Sevilha, e Manuel Cataño, cânone da igreja de Sevilha, aos quais, em conjunto e não sozinhos, dou e disponho a minha procuração, livre, plena e completa, como por lei neste caso se requer, para que com a sua autoridade disponham de tudo o que será necessário para pagar e executar meu testamento e o legado dos meus bens nele contidos. E o que eles fizerem pela minha alma, conceda Deus Nosso Senhor que se lhe façam por eles quando precisarem e partirem desta vida.

E por este testamento que assim faço e disponho, na maneira dita, revogo, cancelo e anulo e dou por anulado e não válido qualquer testamento, legado e cláusula adicional que eu tenha feito e disposto no passado até hoje, diante de quaisquer escrivães ou notários públicos, e quero que esses não validem nem deem fé, nem anotação e acusação, em tempo e de modo algum, mas que valide este meu testamento que agora faço e disponho, no qual está completa e definida a minha última vontade; o qual quero que valide e dê fé em juízo ou não a qualquer tempo e lugar que seja apresentado; e a confirmação daquilo que fiz neste testamento na forma dita diante do doutor Matteo de la Cuadra, notário público de Sevilha, e diante dos notários de Sevilha subscritos.

Ato em Sevilha, 9 de abril de 1511, na casa e moradia do citado Sr. Américo Vespucci, na dita cidade de Sevilha, na Paróquia de Santa Maria; e a ele estiveram presentes como testemunhas Francisco de Cabrera e Cristóvão Velasques, notário de Sevilha, e Bernardino Mendes, notário de Sua Alteza, e Alonso Bustamante, residente em Sevilha e o dito Sr. Américo Vespucci o subscreveu com o seu nome.



N



S

## CAPÍTULO 4

# A BIBLIOTECA DE AMÉRICO VESPÚCIO DEDUZIDA ATRAVÉS DAS CARTAS

ALFRAGANUS. Brevis compilatio totum continens quod ad rudimenta astronomica est opportunum. Ferrara, 1.493. (Carta de 04 de setembro de 1.504).

ALPHONSUS X. Coelestium motuum Tabulae. Venezia: Ratdoldt, 1.483. (Carta de Américo Vespucci a um anônimo florentino).

ALIGHIERI, Dante. Divina commedia con le note di Cristoforo Landini. Venezia: 1.481. (Carta de 15 de dezembro de 1.489).

BERLINGHIERI, Francesco di Nicoló. Le sette giornate della geographia. Firenze, 1.480. (Carta de 04 de setembro de 1.504).

BLANCHINUS, Johannes. Tabulae coelestium motuum, Venezia. Bevilacqua, 1.495. (Carta de Américo Vespucci a um anônimo florentino).

CATULLUS, Carmina. (Carta de 04 de setembro de 1.504).

EUCLIDE. *Elementa*, tradut latino Luca Pacioli. Venezia, 1.494. (Carta de 28 de julho de 1.500).

LIVIO, Decadi, Venezia, Scoto, 1.481. (Carta de 15 de dezembro de 1.489).

MONTEREGIO, Johannes de. *Ephemerides*. 1.484. (Carta de Américo Vespucci a um anônimo florentino).

PASSAVANTI. Jacopo. *Specchio di vera penitenza*. Firenze: Bartolomeo de libri, 1.495. (Carta de Américo Vespucci a um anônimo florentino).

PETRARCA, Francesco. *Rerum vulgarium fragmenta*. Padova: Barpholomaeus de Valdezochio, 1.472. (Carta de Américo Vespucci a Lorenzo di Pierfrancesco dei Medici, Lisboa, 1.502).

PETRARCA, Francesco. *Rime*. (Carta de 04 de setembro de 1.504).

PLINIO. *Historia naturale*. Venezia: Zani, 1.480. (Carta de Américo Vespucci a Lorenzo dei Medici, Lisboa 1.502-1.503).

PTOLOMEUS, Claudius. *Cosmographia*. Ulm: Reger, 1.486. (Carta de 28 de julho de 1.500).

OMERO. *Bathracomiomachia*. Tradução latina: in versi di C. Marsuppi. (Carta de 04 de setembro de 1.504).

SONETTI DI M. Franco; PULCI, Luigo. Firenze: Bartolomeo de libri, 1485. (Carta de 12 de maio de 1.490).

ZACUTO, Abraham Ben Samuel. *Almanach perpetuum*. Venezia, 1.502. (Carta de Américo Vespucci a um anônimo florentino).

N



S

## REFERÊNCIAS

ABREU, J. Capistrano De. O descobrimento do Brasil. Rio de Janeiro: MEC, 1976. (Civilização Brasileira).

ARMESTO, Felipe. O homem que deu seu nome ao continente. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

BONARIi, Bruno. Amerigo Vespucci. Livorno: CTL, 2015.

BUENO, Eduardo. A viagem do descobrimento. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

CASTRO, Silvio. A carta de Pero Vaz de Caminha. Porto Alegre: L & PM, 2013.

KURT, Ray. Amerigo Vespucci: Italian explorer of the americas. New York: The Rosen publishing group, 2003.

LEITE DUARTE. Historia dos descobrimentos. Lisboa: Cosmos, 1947.

GANDIA, Enrique de. Amerigo Vespucci y sus cinco viajes al nuevo mundo. Buenos aires: Fundación bank Boston, 1991.

GARRY, Wills. Foreward. Letters from a new world. New York: Marsilio Publishers, 1992.

HOLLANDA, Sergio Buarque de. Visão do paraíso. Rio de Janeiro: José Olimpo, 1969.

PERINI Leandro. Amerigo Vespucci, cronache epistolari.  
Firenze: Firenze University Press, 2013.

TODOROV, Tzvetan. A conquista da América: a questão do  
outro. São Paulo: Martin Fontes, 2011.

VARELA, Consuelo. Americo Vespucci. Madrid: Anaya,  
1988.



## DADOS DOS ORGANIZADORES



### **Dimitrij Zen**

Nacionalidade italiana, participou de uma missão militar pela ONU na África Oriental, Moçambique e Zimbábue (1993). Tem quatro pós-graduações (Universidade de Veneza, em bioética ecologia humana, ciência da comunicação e metodologia do ensino; tem mestrado em filosofia (Universidade de Roma). Participou do programa de estudos etnolinguísticos em Luanda-Angola (2006). Foi professor, nos cursos de pós-graduação em semiótica e comunicação na Universidade Anhembí-Morumbi de São Paulo (Laureate International Universities) e de filosofia e estética na Faculdade Paulista de Artes (São Paulo). Lecionou bioética, nos cursos de pós-graduação da Aprofem (Sindicato dos professores de SP.) e linguística e second language acquisition para os professores da Prefeitura de S.P. Professor da Fecibesp e, além disso, profes-

sor de língua italiana instrumental para fins acadêmicos nas Universidades Anhanguera, faculdade Claretiano, Faculdade Unisantanna e Faculdade Santa Marcellina de S.P. Autor do pequeno manual das frases feitas da língua italiana (Hucitec), Análise do discurso das biotecnologias (Annablume) e Ensaio de comunicação Integrada (Hucitec).

E-mail: [dimitrizen@libero.it](mailto:dimitrizen@libero.it)



### **Ermano Rodrigues do Nascimento**

Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PP-GFIL/UNICAP), desde de 2020, quando foi criado. Graduado em Filosofia (Licenciatura) pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Mestrado em Filosofia Social e Política pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Doutorado em Ciências da Educação pela Universidade do Porto (UPORTO/Portuga). Faz parte da Linha de Pesquisa em Ética, Fundamentação Moral e Valores Humanos, com projeto de pesquisa em Bioética: desafios ético-morais na contemporaneidade a partir da concepção de corpo, suas possibilidades e limites existenciais no contexto da medicina e da biomedicina, como também, com o projeto de pesquisa sobre Ética e Bioética: da teoria à prática para a promoção humana como práxis humana a partir das políticas públicas

humanísticas na sociedade brasileira, ligado ao projeto guarda-chuva: Pensar, falar e agir: interfaces entre epistemologia, linguagem e ética – fase II, também como coordenador. Membro do grupo de pesquisa CNPQ: Corpo, Fenomenologia e Genealogia. Sua atuação está relacionada aos temas: filosofia, bioética, ética e sociedade, políticas públicas, cidadania, Estado, democracia e filosofia política. Membro do Comitê de Ética (CEP/UNICAP). Editor Científico da revista Ágora Filosófica do PPGFIL/UNICAP. Membro da Comissão Científica da Revista Instante/UEPB. Avaliador da Revista Prometheus/UFS. De 2020 a 2024, orientou 27 alunos de TCC. De 2020 a 2024 orientou 7 alunos de IC e no Mestrado orientou 11 mestrandos, com 10 defesas, formando respectivamente 10 mestres.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1006495031500611>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2064-6813>

E-mail: [ermano.nascimento@unicap.br](mailto:ermano.nascimento@unicap.br)

N

## PREFACIADOR



### **Edson Hely Silva (Edson Silva)**

Professor Titular de História da UFPE. Com Pós-Doutorado em História na UFCE (2020) e Pós-Doutorado na UFRJ (2013). Doutor em História Social pela UNICAMP (2008). Mestre em História pela UFPE (1995). Professor efetivo no Centro de Educação/Col. de Aplicação da UFPE; lecionando no PROFHISTORIA-Rede de Mestrado Profissional em Ensino de História/UFPE e no Programa de Pós-Graduação em História na UFRPE. Membro do Laboratório de Pesquisa Povos Indígenas na História-Lapespilh (UFRPE). Lecionei no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena no campi UFPE/Caruaru, destinado a formação de professores indígenas. Foi Coordenador do GT Os indígenas na História na ANPUH-PE. Foi Coordenador (2017-2019) do GT ANPUH-

S

-Brasil “Os índios na História”. Sócio da ANPUH-Brasil, seção ANPUH-PE. Sócio da Sociedade Brasileira de Estudos do Oitocentos/SEO. Sócio da Associação Brasileira de Pesquisa de Ensino de História/ABEH. Com experiências na área de pesquisas sobre História e Ensino, com ênfase em História do Brasil e nos seguintes temas: história indígena/os indígenas na História no Nordeste e em Pernambuco nos séculos XIX e XX; memórias indígenas; História e memórias dos indígenas Xukuru do Ororubá, relações socioambientais e História Ambiental no Semiárido/Agreste pernambucano; ensino da temática indígena. Publicou livros, vários capítulos de livros e artigos, resultados das pesquisas sobre história indígena/os indígenas na História, História Ambiental e ensino da temática indígena. O livro “Xukuru: memórias e História dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/ PE), 1950-1988”, 2. ed. Recife: EDUFPE, 2017, que resultou da minha Tese de Doutorado em História/UNICAMP, foi o principal subsídio usado para condenação do Estado brasileiro, em março de 2018, por sentença da Corte Interamericana de Direitos Humanos/CIDH a pagar 1 milhão de dólares ao povo Xukuru do Ororubá, como indenização pelo desrespeito, morosidade e violação ao direito a demarcação do território indígena.

Lattes: <https://orcid.org/0000-0002-6213-9927>

ORCID: <https://lattes.cnpq.br/9552532754817586>

E-mail: [edsonsilva@capufpe.com](mailto:edsonsilva@capufpe.com)

## TRADUTORA

### **Maiza Segala de Luca**

Nascida em Laranjal Paulista, aos 17 de julho de 1973, estudou em escolas públicas até o ensino médio, possuindo a formação de Técnica em Contabilidade pela EMPSG “João Salto”, de Laranjal Paulista. É formada em Administração de Empresas pela Universidade Metodista de Piracicaba, desde junho de 1995. Trabalhou como redatora no Jornal “A Tarde”, semanário local da cidade de Laranjal Paulista de dezembro de 1993 a junho de 1997. Foi também funcionária da Prefeitura Municipal de Laranjal Paulista de junho de 1996 a outubro de 2005, tendo no período de fevereiro de 2002 a julho de 2003 exercido o cargo de Assessora de Imprensa da mesma. Inicialmente, foi autodidata nos estudos de Língua e Cultura Italiana, tendo a oportunidade de aprimorá-los quando no período de 27 de setembro de 1998 a 06 de janeiro de 1999, viveu na Itália, em Florença, onde estudou no Centro Linguístico Italiano “Dante Alighieri” como bolsista da Rotary Foundation, no programa de Bolsas Culturais daquela entidade para promoção da paz entre os povos. Ao retornar ao Brasil, passou a ensinar Língua e Cultura Italiana em uma escola particular de Laranjal Paulista, e, posteriormente, no Circolo Italo Brasileiro de Laranjal Paulista, do qual é sócia-fundadora desde 1998, tendo sido sua presidente de 01/04/2011 a 31/03/2013 e reeleita de 01/04/2013 a 31/03/2014.

Participou também dos cursos de formação promovidos

pela FECIBESP – Federação das Entidades Culturais Italo Brasileiras do Estado de São Paulo, Glottodidattica di Base, no ano de 2009 e Glottodidattica Avanzata em 2010. Possui o Certificato di Conoscenza della Lingua Italiana Livello C2 CELI 5, concedido pela Università per Stranieri Perugia em 21/06/2010. Em 2014, participou como colaboradora na tradução de Cartas de Giuseppe Garibaldi, reunidas no livro “Garibaldi – Cartas Sulamericanas de Amor, Amizade e Coragem”, de autoria do Dr. Dimitrij Zen, pela Editora Baraúna. Atualmente é funcionária do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo desde 19 de outubro de 2005, no cargo de Escrevente Técnico Judiciário.

Neta de imigrantes italianos, é uma apaixonada pela Língua e Cultura daquele país, seja ela histórica ou contemporânea.

Este livro oferece, pela primeira vez no Brasil, toda a coleção de cartas de Americo Vesúcio.

As partes centrais do epistolário são as cartas relativas às viagens oceânicas às Américas Central e do Sul (Mundus Novus), mas nesta edição, quis-se inserir, também, cartas adicionais inéditas de primordial importância para o leitor brasileiro; entre outras, uma carta na qual Vesúcio menciona o encontro com a frota de Cabral em Cabo Verde.

Além do epistolário, apresenta-se, aqui, tanto uma antologia da correspondência indireta, como também, o testamento do próprio Vesúcio (Descoberto em 1987).

Todos estes documentos, traduzidos pela primeira vez em Português brasileiro, tem o objetivo de mostrar a psicologia histórica de Vesúcio, e permitir a análise dos fatos sórdidos como a escravização dos índios, relacionando-a com a descobrimento de um novo mundo chamado América, do qual o Brasil faz parte preponderante.

N

CARTAS DE AMÉRICO VESPÚCIO



S

**PPGFIL**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM FILOSOFIA



UNIVERSIDADE  
CATÓLICA  
DE PERNAMBUCO



CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

